

Laudo Natel: "Nosso futebol profissional é dirigido como se fosse esporte amador."

Página 6

Ulysses: Vivemos numa mini-democracia



O Brasil vive numa mini-democracia. A afirmação é do presidente do MDB, Ulysses Guimarães. Ele falou três horas ao repórter do AQUI Pags. 7 e 8.

O grito de Ferraz: a cidade em perigo

Se não conter sua euforia suicida, São Paulo pode ganhar um título nada honroso: A Cidade Com Os Maiores problemas Do Mundo. Pág. 9

Em dia de folga, o paulistano é hipnotizado

Uma pesquisa mostra que 72% dos paulistanos passam seus fins-de-semana olhando um aparelho de TV. Por que? Pág. 14

Atenção: a nossa La Benguel está de volta



Mas por pouco tempo, porque ela quer se aposentar, ter filhos, ser mulher como as outras. Antes, quer realizar um velho sonho: ser Maria Bonita. Pág. 25

AQUI

Diretor-Editorial: SAMUEL WAINER

SÃO PAULO

Jornal semanal a serviço da cidade. Circula às quintas-feiras.

Ano 1 • Número 5 • São Paulo, de 11 a 17 de dezembro de 1975 • Cr\$ 5,00

SKATE

Págs. 20 e 21



Os jovens domaram o asfalto e a cidade. Agora, têm planos, pista, prêmios e palmas.

Documento histórico

ÚLTIMO DEPOIMENTO DE PLÍNIO SALGADO



ÚLTIMA FOTO

Poucos dias antes da morte do líder integralista, a repórter procurou-o para uma entrevista. Salgado pediu as perguntas por escrito e dispôs-se a posar para as fotos. Nas páginas 3 e 4 as últimas declarações prestadas por ele a um jornal: AQUI.

SUMÁRIO

Publicitários

Os monstros-sagrados da propaganda chegaram no Anhembi e deram um conselho: "Procurem ser vocês mesmos, não copiem os outros" **10**

Economia

João da Silva está diante do PIB, do PNB e da importação: ele não sabe, nem quer saber. **13**

Política

Um balanço da última legislatura da nossa Assembléia revela um fato inédito: o nível da produtividade se elevou. **16**

Saúde

Andar de bicicleta faz bem ao coração, ativa a circulação, acalma. Um ciclista vive mais 5 anos, pelo menos. **18**

Daniel Más

Ele está de volta, com seu estilo irreverente, falando dos fatos e de gente importante. **22**

Crítica

Moacir Werneck de Castro fala do seu grande amigo Érico Veríssimo, analisa alguns pontos da obra que ele deixou. **26**

A seu serviço

Como sempre, apresentamos um roteiro de restaurantes. **30**

O vigor dos saudáveis ventos paulistas

O paulistano, em sua maioria, costuma passar os fins-de-semana diante do aparelho de TV, conforme revela pesquisa do Instituto Gallup que publicamos nesta edição. Claro, cada um passa seu fim-de-semana como quer. Ou como pode.

Uma saída para o Interior deste Estado-país, no entanto — e é coisa que muita gente faz, para rever familiares, tratar de negócios ou simplesmente passear — é capaz de trazer gratas surpresas, reconfortantes descobertas. Há estâncias, há a praia, há cidadezinhas com cheiro de História a poucos quilômetros da praça da Sé, e há grandes cidades. Cidades de centenas de milhares de habitantes, algumas se desenvolvendo quase tão velozmente quanto a capital. Pulsando acelerado, crescendo

urbanística, social e politicamente. Nesta fase, principalmente política, nestas, pois estão aí as eleições municipais. E o tema já vai apaixonando a gente do povo, os estudantes, a imprensa, os profissionais liberais. Embora os candidatos só possam ser homologados nas convenções de maio, os políticos já se definem quanto a nomes, as campanhas e os sonhos começam a ser construídos. Impressiona a vitalidade que se observa a partir de tal clima, os ânimos são outros, sopra o apaixonante vento da competição saudável, exercita-se a criatividade.

Nas casas, nos bares, nas ruas, discutem-se os destinos dessas cidades, novas gerações surgem para disputar as lideranças postas em jogo. Há pesqui-

sas para se saber quem serão os mais votados, estratégias são traçadas, rádios e jornais discutem o tema. Há vida, movimento, energia.

Vale a pena aprender a amar as tranquilas e verdes cidades do Interior, assim como se ama este inquieto gigante de cimento. E vale a pena sentir de perto a pujança dessas grandes pequenas cidades que vão revelando homens novos, de uma época de transição entre o bucolismo do campo e a "eletricidade" urbana. Os homens que vão dando a força de impulso que mantém São Paulo na frente das iniciativas culturais e políticas do País, tanto no plano municipal, quanto levando para as Assembléias Legislativas e o Congresso, as universidades e as empresas, o vigor de sua privilegiada origem.

ESCOLHA AQUI

Aqui estão algumas boas sugestões para o seu fim de semana



Figueroa, craque do Internacional.

FUTEBOL

Para este domingo, sem sair de casa, você tem um ótimo programa: assistir o jogo Internacional vs. Cruzeiro, que será decisivo para a conquista da Taça Brasil, de 1975.

O jogo vai ser disputado no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. Mas será facilmente alcançado pela televisão, devendo ser transmitido aqui para São Paulo por quase todos os canais. Dos seis existentes, apenas um não vai transmiti-lo: é o Canal 5. Portanto, você poderá até escolher a imagem que achar melhor: a do Canal 2; a do 4; a do 7; a do 11; e a do Canal 13.

Os dois times prometem apresentar um bom espetáculo de futebol. Possuem realmente as melhores equipes que desfilam atualmente pelos vazios estádios do país. Para o paulista, que há muitos anos vinha se orgulhando de reter a hegemonia do futebol brasileiro, será humilhante ficar vendo uma decisão da Copa Brasil sem a presença de um clube da FPF.

Mas o que fazer diante do fato consumado? O torcedor corintiano Darci Higobassi, outro dia, lamentava a situação e reclamava revoltado: "o melhor seria destruir tudo o que os cartolas fizeram até hoje e começar tudo de novo com gente jovem. Ai, podíamos recuperar a hegemonia perdida".

Bom, mas isto fica para o ano que vem. Para este ano, o jeito é ligar a televisão e ficar torcendo para que Internacional e Cruzeiro façam o que os nossos times não fazem: que dêem um bom espetáculo de futebol.

LEILÃO

Para a noite de sexta-feira, um pouco antes do fim de semana, temos uma boa sugestão: o leilão de quadros que será realizado no Teatro Macunaíma, em benefício da Casa de Mário de Andrade.

Ele será iniciado às 21 horas. O leiloeiro é conhecido de muita gente do mundo das artes: Irineu Angullo.

Muitas obras de bons pintores vão surgir nesse leilão: Aldemir Martins estará representado por uma grande família de galos, alguns deles coloridos, a maior parte em branco e preto. Flávio de Carvalho, o arrojado projetista dos trajes apropriados para o ano 2.000, será apresentado com algumas de suas obras revolucionárias. E Manezinho de Araújo, que no Brasil inteiro continua muito mais conhecido como "O Rei das Emboladas", terá alguns dos seus quadros colocados à venda.

Irão também a leilão obras de Odetto Guersoni, de Anésia Pacheco Chaves e de muitos outros dos nossos bons pintores.

ESPETÁCULOS

E o Brasil resolveu prazerosamente prolongar os sonhos do tecladista pop inglês Rick Wakeman. Por isso sua decisão de não mais se apresentar com orquestras, corais, balés e toda a parafernália eletrônica ("por causa dos custos") que o elevaram à condição de spalla do grande concerto musical dos primeiros anos 70 foi momentaneamente adiada. "Só me apresento com todo o aparato sinfônico no Brasil, porque eles decidiram assumir todos os custos", declarou semanas atrás ao jornal *Melody Maker*. Além de Wakeman, beneficiam-se da perdulária atitude nacional os espectadores. A exemplo do que outras seletas platéias mundiais tiveram o privilégio de assistir, neste fim-de-semana os paulistanos presenciarão (no ginásio da Portuguesa de Desportos) dois raros e faraônicos concertos (veja página de Espetáculos).

O texto das obras, de indistigável caráter épico (mulheres do rei Henrique VIII, lendas da corte do rei Arthur), lido nos espetáculos ingleses e americanos pelo ator David Hemmings será traduzido para o português e narrado por um também ator brasileiro a ser ainda escolhido. E sua polifonia rock-erudita será paramentada pela Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro e pelo coral da Universidade Gama Filho. Se alguma dúvida resta, ela talvez se dirija à própria platéia que irá assisti-lo: "Na Califórnia a assistência era formada por garotos de 14 a 16 anos, na costa leste por pessoas de 20 a 40 anos, no Japão, o traje para os show era a rigor", diz o tecladista. "No Brasil? Deve ser tão variada quanto os seus ritmos sonoros".

TEATRO

A literatura de cordel e outras manifestações tipicamente populares, como o bumba-meu-boi e o reizado sempre estiveram presentes nos espetáculos teatrais escritos por Luiz Marinho e dirigidos por Luiz Mendonça. Primeiro, em "Lampião no Inferno" e depois no auto pastoril "Viva o Cordão Encarnado". "Derradeira Ceia", seu novo trabalho, retoma o tema do cangaço e seu principal personagem, Lampião, criando um clima de fantasia e dramaticidade em busca da elucidação do indecifrado enigma: "Teria sido o cangaceiro realmente envenenado?"

FEIRA JAPONESA

Um bom programa para a tarde domingo é a Feira Japonesa, que se realiza na praça da Liberdade. Você poderá experimentar os petiscos do Japão. E saborear uma invenção da colônia que está sendo muito comentada na cidade: a caipirinha de saké.

CINEMA

Porque todos os filmes já foram feitos, conforme sentenciou desde o início de sua carreira, Peter Bogdanovich prefere copiar alguns deles, os que mais o fascinam, naturalmente. Assim, depois de deleitar platéias e auferir lucros compensadores com evocações dos teen-agers dos anos 50 ("A Última Sessão de Cinema") e da maratona americana durante o New Deal ("Lua de Papel"), ele decidiu transferir-se para o romantismo pós-depressão com este "Amor Eterno Amor" — apesar disso, o mais destacado lançamento da semana. Sua competência e habilidade, porém, mostram-se de fôlego curto para acompanhar seus modelos, no caso as elegantes comédias de Ernest Lubitch. E o mesmo pode-se dizer dos intérpretes de seu ménage a quatro, regado por fartas doses de champanha, ócio e canções de Cole Porter: Burt Reynolds, Cybill Shepherd, Madeline Kahn, Duilio del Prete jamais se aproximam de suas reproduções de Clark Gable, Ginger Rogers, Jeanette MacDonald ou Fred Astaire.



Cybill Shepherd

ÚLTIMA SUGESTÃO

Em qualquer dia e à qualquer hora, eis aqui uma boa sugestão para você: que tal um chá, no Yara's? O ambiente, tanto na rua Augusta, como na estrada de Santo Amaro é dos mais agradáveis; representa um convite para uma tarde tranquila.

AQUI

DIRETOR EDITORIAL
Samuel Wainer

REDATOR CHEFE
Múcio Borges da Fonseca

SECRETÁRIO
Oséas de Carvalho

REDATORES PRINCIPAIS
Fernando Moraes, Takao Miyagui, Renato de Moraes, Daniel Más.

REDAÇÃO
Olavo de Carvalho, Inês Knaut, Hamlet Paoletti, Antonio Carlos Fon, Leda Beck, Neide Riccosti.

FOTOGRAFIA
J. Fernandes, Geraldo Guimarães, Sérgio Monte Alegre.

ARTE
Rui Douglas Cattai (Chefe), Valdir de Oliveira.

COLABORADORES
Abílio Pereira de Almeida, Walter Negrão, Roberto Santos, Ignácio de Loyola, J.C. Bitencourt, Joaquim Rodrigues Mathias, Joelmir Betâng, Aparício Basílio da Silva, Lucila Simonsen Santos, Alberto Gambirazio, Edson Lobão, Jorge da Cunha Lima, João Werneck de Castro, Lucila Godoy, Martha Goes, Liba Frydman, Christina Hulten, A.C. Yasbek, Jean Perrier, Coca de Oliveira, Lucita Bicudo e Malu Maranhão.

PUBLICIDADE
Jesus Costa Ourives, José Tadeu Foglia

RESPONSÁVEL
Armando Gonçalves

AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Swdale Ltda.

DIRETORES:
Luis Carta.
Domingo Alzugaray.
Catia Alzugaray.
Samuel Wainer Filho.

Redação, Administração e Publicidade: Av. Paulista, 2.006 — 15º andar. Fone: 288-1133.
Caixa Postal 1481, Endereço Telegráfico: "Swdale", Código Postal 01310. São Paulo.
SP Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso, 63 — Grupo 517- tel: 232-7352. Distribuição Exclusiva: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A., Rua Teodoro da Silva, 907. Fone: 268-9112. Rio de Janeiro, RJ. Composto e impresso na PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, São Paulo, SP.

AQUI publica o último depoimento de Plínio Salgado, concedido à reporter Lucita Bicudo poucos dias antes da morte do líder integralista.

O ÚLTIMO ANAUÊ



Um dos últimos líderes carismáticos da geração de 30 — ao que parece só restaram vivos, o Brigadeiro Eduardo Gomes e Luis Carlos Prestes — Plínio Salgado morre aos 80 anos, muito longe das fanfarras, desfiles e comícios dos tempos, não muito remotos, em que como chefe do Partido Integralista Brasileiro chegou a ser um dos mais poderosos dirigentes políticos que o País conheceu em toda a sua história. Ao seu velório apenas compareceram alguns velhos e fiéis amigos e seguidores ideológicos. Ao seu enterro, além de representantes oficiais e parlamentares, umas poucas dezenas de parentes e amigos. Tudo muito discreto e respeitoso, clima esse apenas alterado por uma proposição do jornalista e ex-integralista Orlando Cunha, sugerindo que por três vezes se fizesse ouvir o grito “anauê” — a velha saudação que, seguida do braço erguido à moda fascista, chegou a fascinar milhões de brasileiros na década dos 30.

Estranhamente, a imprensa paulista cobriu com destaque muito relativo o desaparecimento de Plínio Salgado que, além de ser de São Paulo, além de ter participado dos mais importantes movimentos culturais do País, a começar pela Semana de Arte Moderna, em 1922, além de ser autor de mais de 70 livros, foi o fundador e chefe incontestado do primeiro partido político brasileiro, que, ao lado do comunista, teve toda sua filosofia baseada em doutrinas estrangeiras e uma ação estreitamente inspirada na ação de partidos alienígenas.

Por tudo isso assume proporções especiais a última entrevista jornalística concedida por Plínio Salgado, dias antes de sua morte, à jornalista Lucita Bicudo, colaboradora de AQUI. Ausente das tribunas parlamentares, das reuniões políticas e das colunas da imprensa há vários anos, as respostas de Plínio Salgado ao questionário que lhe foi entregue pela repórter e devolvido devidamente autografado, é um depoimento de grande importância histórica. Nele ressurgem as posições doutrinárias do criador do integralismo, fiel aos seus princípios até seus últimos dias.

Embora o Partido Integralista tenha sido sumariamente eliminado da vida política do País com a criação do Estado Novo, em 1937, embora muitos de seus partidários tenham sofrido violenta perseguição após o fracassado “putch” de maio de 1938, quando um grupo de partidários de Plínio Salgado tentou tomar de assalto o Palácio Guanabara e eliminar Getúlio Vargas, então ditador, o velho chefe dos “camisas verdes” revela na sua entrevista um misticismo e uma coerência que só fazem confirmar uma probidade pessoal, que jamais foi posta em dúvida, mesmo pelos seus mais encarniçados adversários.

No seu ambiente familiar, a repórter registra um clima de idolatria e carinho que certamente terão tornado mais amenos e confortáveis os últimos dias daquele que, até certo ponto, reproduzia para as multidões que o seguiam a imagem todo poderosa e agressiva de um Mussolini e até mesmo de um Hitler caboclo. Descansando em casa de sua filha Maria Amélia, convalescendo da enfermidade que há mais de três meses o trouxera para cá para tratamento médico, Plínio Salgado não parecia partilhar do sonho de sua família, que desejava fazê-lo instalar-se de novo e definitivamente em São Paulo. Plínio confidenciou à repórter que o que desejava realmente era voltar para seu sítio, perto de Brasília, de onde acompanhara o crescimento da nova capital e onde se dedicava, desde o fim de seu último mandato, a mexer com suas plantações.

E, assim, sob a vigilância terna de da. Carmela, sua esposa, Plínio Salgado — cercado de bibelôs, fotos antigas, estantes cheias de livros — vestindo um chambre por cima do pijama e com uma echarpe de seda ao pescoço, era a própria imagem de uma época que certamente jamais voltaria a reproduzir-se em S.Paulo. Mas a voz firme, a atitude empertigada, os cabelos mais escuros que grisalhos, tudo indicava que Plínio Salgado estava longe de imaginar que o seu fim se aproximava, como já se concretizara o fim de uma época em que ele conduzia homens e acontecimentos com a sensação de uma eternidade que jamais seria real.



O chefe nacional do integralismo em dois tempos: candidato a presidente em 1955 e sua última foto.



O Sr. já foi julgado por seu tempo? Por seu povo?

— Acredito que sim. Se atentarmos para o êxito de minha obra literária e para as sucessivas eleições e reeleições no campo político, assim como pela aceitação de minhas idéias filosóficas e doutrinárias.

— O Sr. foi amado? Odiado?

— Creio que fui amado pela quase totalidade do povo brasileiro e odiado por uma escassa minoria desconhecadora da obra por mim realizada.

— O sr. se considera um político, um escritor, um filósofo; ou o que?

— Incluo-me nas três categorias.

— Diga alguma coisa das seguintes palavras: *Correio Paulistano* — *Movimento Modernista* — *Getúlio Vargas* — *Fascismo* — *Comunismo* — *Jango Goulart* — *Castelo Branco* — *AI-5* — *Brasil, Grande Potência* — *Crise Ética do Mundo* — *Detente*.

— “*Correio Paulistano*” — Jornal que marca o início de minha vida jornalística e de escritor.

— “*Movimento Modernista*” — Não há nada melhor para responder do que o meu romance “*O Estrangeiro*”. Foi o primeiro livro que saiu dentro do espírito modernista.

— “*Getúlio Vargas*” — Eu não quero envolver o nome de pessoas. Estragaria a entrevista.

— “*Fascismo*” — Também um assunto muito complexo. Ai é preciso distinguir a doutrina fascista da nazista, da liberalista e do integralismo, que é coisa inteiramente diferente de tudo isso.

— O Sr. considera o integralismo um “filhote” do fascismo?

— Absolutamente, não tem nada a ver, até tem muita coisa contrária. Por exemplo, o conceito de Estado. Para as doutrinas totalitárias, este domina a nação. Para nós, integralistas, o Estado é um instrumento da nação.

— “*Comunismo*” — Seria, até, “chover no molhado” dizer o que se pensa do comunismo. O que eu penso é o que pensam todas as pessoas sensatas, educadas, que amam sua pátria: é uma doutrina nociva, corrosiva, destruidora.

— “*João Goulart*” — Pouco tenho que dizer do Jango, sabe? Apesar de que fomos amigos e depois nos separamos por uma questão ideológica. Tive, como pessoa, uma boa impressão dele.

— “*Castelo Branco*” — Convivi pouco com ele. Também, esteve pouco tempo no governo. Eu o julgo um estadista de grandes recursos.

— “*AI-5*” — É uma contingência da Revolução, para que ela não seja destruída.

— “*Brasil, Grande Potência*” — Por isso em me bato desde o começo de minha vida pública. Fico muito satisfeito, porque ele está marchando neste sentido.

— “*Detente*” — A política internacional também entra neste quadro da confusão geral do mundo.

— O Sr. justifica o uso do AI-5?

— Conforme os casos.

— Por falar em confusão geral do mundo, como o sr. explica a situação difícil de Portugal e Espanha, nessa era pós-salazarista e franquista?

— Salazarismo e franquismo são variantes do conceito de Estado e de Governo. Mas essa falta de orientação é ainda fruto da situação geral do mundo.

(Continua na página 4)





O apogeu do integralismo: a 2 de novembro de 37, Plínio Salgado assiste, da sacada do Catete, ao desfile dos "camisas-verdes" para a tomada do poder. Nove dias depois, Getúlio dá o golpe e o integralismo recua.

"SÓ FUI ODIADO POR UMA ESCASSA MINORIA"

— E, na interpretação dos fatos atuais em relação ao passado, que papel o Sr. acha que esses "governos fortes" desempenharam na educação política do povo?

— Eles cumpriram o papel que lhes competia: impondo a ordem e restaurando a economia desses países. Tudo tem sua época, sua oportunidade.

— Mas essa época foi bastante elástica: vem desde a década de 20 ou 30 até hoje. O Sr. acha que eles souberam se amoldar à evolução dos tempos?

— Isso já é difícil de responder, porque mais compete a eles interpretar a situação vigente, para tomar suas próprias atitudes.

— O que aconteceu lá, na sua opinião, pode tornar-se advertência para o Brasil?

— Não, não creio. O Brasil é bastante independente e tem uma personalidade própria.

— Por falar em "Personalidade própria" do Brasil, alguns estudiosos consideram que o seu nacionalismo "permanece sobretudo sentimental e literário". Frente aos problemas econômicos que enfrentamos atualmente, qual seria a diretriz desse nacionalismo?

— Seria a mesma que o Brasil está adotando.

— No manifesto integralista de 1932, o Sr. se referiu à... "influência perniciosa da pseudocivilização (da Europa e EUA) que nos quer estandardizar..." O Brasil de hoje está próximo ou distante desta estandardização?

— Mais distante. Basta ver a vida política brasileira, que tem caráter próprio.

— No sentido cultural o Brasil está mais nacionalista?

— O sentido cultural é muito amplo. Do ponto de vista filosófico-estético, ele pode ter pontos comuns com outros povos.

— No livro-tese do prof. Héglio Trindade sobre o Integralismo, ele cita nomes de várias personalidades atuantes na política e ligadas à sua ideologia e que, quando indagadas a respeito, mostram-se reticentes. Como o sr. explica isso?

— Se isso se dá com alguns, não se dá com todos. Mas, como falei há pouco, prefiro não citar nomes.

— Como o sr. caracterizaria o seu eleitorado?

— É gente de todas as classes, de idades diversas, proveniente da cidade e do campo e que conhece as minhas idéias.

— Se o sr. tivesse uma tribuna para se dirigir ao povo, o que gostaria de dizer?

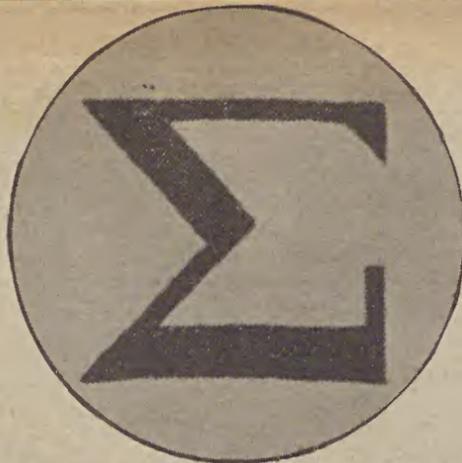
— Tribunas não me faltam e muitas outras tive. Agora, quando tiver oportunidade de falar de novo, continuarei a insistir em procurar elevar o nível cultural do nosso país, baseando-me nos princípios fundamentais do espiritualismo cristão e do nacionalismo brasileiro.

— Como foram seus oitenta anos de vida?

— Uma existência de trabalho, de idealismo, cheia de episódios ligados à História Contemporânea do Brasil.

— Mudou muito o mundo nesses oitenta anos (sociologia, política, filosofia, ciências especulativas e exatas)?

— Grande foi o progresso científico e técnico e maior a confusão dos espíritos pela multiplicação de contrastantes correntes de idéias oriundas dos vários sistemas filosóficos do século XIX submetidos às novas condições da vida moderna. A



filosofia tornou-se escrava da ciência e dependendo esta de constantes investigações, cada dia se alteram conceitos anteriormente tidos por consagrados e imutáveis e as verdades que dela derivam estão sujeitas a permanentes retificações. Nestas condições, os princípios morais do nosso tempo irão sendo substituídos uns pelos outros, o que altera de dia para dia as regras do comportamento humano, estabelecendo contrastes e confusões. Assim, os métodos de educação e as próprias normas do Direito perdem estabilidade. Esta situação influi no campo da psicologia e determina transformações dos costumes, o que se observa constantes inovações. Tal estado de espírito é evidente na vida social, familiar e individual em todos os países e exerce preponderância nas relações políticas dos povos que não se subordinam a critério firme, mas obedecem a conveniências ocasionais e interesses egoísticos. Do mesmo modo implanta-se a confusão em todos os setores da nossa civilização que perde as noções exatas da verdade, do belo e do bem. As consequências práticas do novo estilo de vida manifestam-se em revoluções internas e em guerras externas. É por isso que em nosso tempo não há mais tranquilidade e segurança.

— E o Brasil?

— Quanto ao Brasil, as transformações, de um modo geral, foram idênticas às dos demais países, como se vê na resposta anterior, sendo de notar o nosso desenvolvimento cultural e

as realizações do nosso progresso econômico, científico e técnico.

— De onde o sr. veio (sua prole, sua cultura, seus projetos de vida, suas ambições espirituais)?

— Provenho de uma das mais antigas famílias paulistas, tendo nascido em São Bento do Sapucaí, Estado de São Paulo; minha ascendência por parte de pai é dos Salgado, cujas raízes reportam-se aos primórdios do século XVI e dos Esteves, que tiveram suas origens no século XVIII, sendo meus pais Francisco das Chagas Esteves Salgado e Ana Francisca Rennó Cortez; quanto à cultura, depois do curso regular de humanidades, foi adquirida num constante esforço autodidata; em relação aos meus projetos de vida, respondo que, no momento, me preocupa a classificação e revisão de minhas obras constituídas de 63 livros publicados; espiritualmente, minhas ambições se resumem no aperfeiçoamento nas virtudes que elevam o ser humano.

— Como, quando, e porque se deu seu surgimento na vida política?

— Seria longo explicar a evolução do meu pensamento até a época em que apareci na vida pública, o que se deu muito cedo, já no alvorecer dos 20 anos. Se você entende a vida pública como o conjunto de atividades no campo social e político, direi que principiei a exercitá-la a partir de 1922, desdobrando-se paralelamente na vida do escritor e do homem de ação, através da "Semana da Arte Moderna", da publicação do romance "O Estrangeiro", da minha atuação jornalística no "Correio Paulistano" e parlamentar na Assembléia Paulista, posteriormente fundando a Ação Integralista Brasileira, da qual nada preciso dizer por ser ela um movimento que já se integrou na História do Brasil.

No setor primário.

O Badesp, em benefício do setor, apoia a atividade rural e agropecuária, através de assistência técnico-financeira aos empreendimentos que visem reformas, ampliação de instalações, unidades produtoras, unidades de beneficiamento, aquisição de máquinas e equipamentos ligados ao setor, construção de galpões, armazéns, depósitos, instalação ou expansão de infra-estrutura para exploração de pequenos animais, formação de lavouras permanentes, implementos, equipamentos de mineração e moagem, aquisição de reprodutores e matrizes, laboratórios para coleta, congelamento e estocagem de sêmen, formação, reforma e recuperação de pastagens, silos, tanques, cercas, estradas, açudes, currais, aquisição de sementes, mudas, fertilizantes, combate a pragas e doenças, infra-estrutura destinada ao setor de serviços rurais, execução de obras, serviços e fornecimentos de materiais relacionados com a implantação, reforma e ampliação de linhas de energia elétrica e telefonia rural, despesas com a formação de pessoal técnico e com ensaio de produção, e capital de giro.

O Departamento de Operações Rurais do Badesp, mediante a capitalização do setor rural favorece a participação da agricultura no desenvolvimento harmonioso do Estado de São Paulo, eliminando os desequilíbrios regionais e intersetoriais, intensificando ou introduzindo modificações em determinadas áreas agrícolas, promovendo o aperfeiçoamento da tecnologia aplicada à produção, ao beneficiamento etc.

O Badesp, em benefício

do setor, apoia a atividade rural e agropecuária, através de assistência técnico-financeira aos empreendimentos que visem reformas, ampliação de instalações, unidades produtoras, unidades de beneficiamento, aquisição de máquinas e equipamentos ligados ao setor, construção de galpões, armazéns, depósitos, instalação ou expansão de infra-estrutura para exploração de pequenos animais, formação de lavouras permanentes, implementos, equipamentos de mineração e moagem, aquisição de reprodutores e matrizes, laboratórios para coleta, congelamento e estocagem de sêmen, formação, reforma e recuperação de pastagens, silos, tanques, cercas, estradas, açudes, currais, aquisição de sementes, mudas, fertilizantes, combate a pragas e doenças, infra-estrutura destinada ao setor de serviços rurais, execução de obras, serviços e fornecimentos de materiais relacionados com a implantação, reforma e ampliação de linhas de energia elétrica e telefonia rural, despesas com a formação de pessoal técnico e com ensaio de produção, e capital de giro.

No setor secundário.

O Badesp

concede crédito às indústrias de transformação e construção civil, financiando ou refinanciando o capital de giro necessário à implantação ou ao aumento de produção, através do PEB - Programa Especial de Empréstimos a Banco de Desenvolvimento, financiamento de capital de giro às empresas industriais de capital nacional, através da Fundece financia o capital de giro às empresas industriais destinado à manutenção de níveis de estoque adequados, à correção de immobilizações exageradas ao aproveitamento de instalações mediante aumento de produtividade e utilização da capacidade ociosa, financiando ou refinanciando investimentos fixos destinados à ampliação, racionalização e modernização da empresa, financiando a reorganização, fusão e modernização de setores e empresas industriais, financiando os empreendimentos considerados de interesse prioritário para a economia do país. O Departamento de Operações Industriais incentiva principalmente as indústrias de pequeno e médio porte. Atua basicamente em dois setores: Financiamentos e Assistência Técnica. Para isso, o Badesp possui, ainda, programas como o Regir, Reinvest, FMRI - Fundo de Modernização e Reorganização Industrial, FRE - Fundo de Reaparelhamento Econômico, Mini-Pis, Pis Normal e Venda de Cédula, POC - Programa de Operações Conjuntas. Com isso, o Badesp constitui-se numa inestimável fonte do desenvolvimento

ESTE BANCO GERA RIQUEZAS

No setor terciário.

estrutura de apoio, permite a implantação, expansão ou reorganização de empresas prestadoras de serviços, financiamentos ou prestação de garantia em nome próprio ou do Tesouro Estadual, para capacitação de mão-de-obra qualificada, em setores estratégicos da economia paulista; a elaboração de estudos e projetos que resultem investimentos na área privada ou no setor público, assistência financeira ao desenvolvimento de pesquisas tecnológicas no Estado de São Paulo, financiando empresas comerciais ou de prestação de serviços, com o objetivo de aumentar a produção ou a produtividade; financiando as pesquisas minerais e a investigação, o desenvolvimento de processo de beneficiamento, mediante contratos firmados com ou sem cláusula de risco; apoio financeiro à racionalização, modernização e expansão de empresas comerciais, com vistas a melhoria e a eficiência dos circuitos de distribuição de produtos Manufaturados e Semimanufaturados; através do PROSAB: - prestação de assistência financeira às empresas industriais, e consideradas poluidoras dos cursos e reservas de água, para aquisição e instalação de equipamentos de tratamento de seus despejos; através do PROSAM: assistência técnica e financeira às empresas industriais consideradas poluidoras do ar, para aquisição e instalação de equipamentos de controle da poluição da atmosfera.

de São Paulo.



BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
Av. Paulista, 1776 - 1.º ao 6.º andar Telefone: PABX 289.2233
Telex:(011)22763 - Caixa Postal 3297 - CEP 01310 São Paulo - Capital



São Paulo - ponte do progresso nacional

ECONOMIA

Nossos incentivos ainda são infantis.

A realidade econômica nacional é hoje, notoriamente, reconhecidamente, quase oficializada por decreto, o problema do balanço de pagamentos é indispensável importar menos e exportar mais. Só falta esclarecer alguns pontos importantes, como, por exemplo:

1. O empresariado nacional está entendendo as medidas referentes a importação, estabelecidas pelo Governo e vai colaborar para que elas tenham os resultados que se esperam?

2. O Brasil tem possibilidades de exportar mais?

3. O Brasil tem condições para reduzir a situação atual a uma crise passageira e enfrentar o futuro com tranquilidade?

Não tenho dúvida alguma em afirmar que é positiva a resposta às três perguntas. O empresariado está realmente disposto a passar um 76 difícil, mais um 77 meio difícil, para depois ter um futuro tranquilo e seguro. Os empresários poderão fazer apenas uma restrição: acham que as medidas tomadas agora deveriam ter sido tomadas há mais tempo, só isso.

Quanto à questão de se saber se o Brasil pode exportar mais, consideremos o nosso território e a nossa população e comparemos com a realidade territorial e populacional do Japão. Acabaremos, algum dia, desenvolvendo um mercado interno que nos permitirá grandes economias de escala na produção, e com isso obteremos custos quase imbatíveis nos mercados internacionais.

Além disso, nosso sistema de incentivos à exportação é o que se pode aprender no Mobaral do comércio externo. Embora os Estados Unidos tenham pretendido nos puxar as orelhas porque não cobramos alguns impostos sobre a produção exportada e financiamos essa mesma produção a juros baixos, eles bem sabem, por terrível experiência própria, a que limites podem e tem sido levados esses incentivos.

As grandes campanhas publicitárias que vemos no Brasil, para lançamento de produtos estrangeiros, são protegidos por estranha forma de incentivo: os governos dos países (pelo menos de alguns deles) que para aqui exportaram indústrias, ou aqui pretendem vender seus produtos fabricados em outro lugar, seguram as despesas com a campanha — se ela não der os resultados previstos, alguém devolve o dinheiro gasto. Que sabemos nós sobre esse tipo de seguro?

Que sabemos nós sobre a exportação de cartéis formados em outros países, para virem vender aqui produto estrangeiro a preços administrados? No entanto, isso existe. As pessoas que o denunciavam não estão sonhando.

O Banco do Brasil não está fornecendo recursos para que nenhuma indústria brasileira vá se estabelecer no exterior, especialmente em locais onde a importação já matou a indústria nacional. Mas há quem faça isso.

Há, portanto, um longo caminho a percorrer no aprimoramento de nosso sistema de incentivos à exportação, para que ele sequer se pareça com o que é praticado por outros países. E, quando chegarmos a esse apuramento de sistema de protecionismo ao produto nacional a vender além-fronteiras, os problemas serão bem menores.

Fundamentalmente, estamos pecando, ou estívimos, por falta de coragem para pegar as armas com que outros combatem contra nós. As medidas recentemente tomadas parecem significar que principiamos a encarar os fatos com realismo. Só há que ir mais além, até onde for possível chegar, especialmente no que a exportação se refere. Alguém nos temerá.

J. Rodrigues Matias.

"A Intelectual" tem nova agência



A sub-agência da Distribuidora "A Intelectual" em Santo André foi inaugurada como se deve: com uma ágil conversa sobre produção, distribuição e venda de jornais e revistas. Acima, aparecem Domingo Alzugaray, Geraldo Martins dos Santos, 1º secretário do Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo, Ubirajara Chinaglia, Vlademir Tolusso, presidente do Sindicato, e Pedro Chagas. A "Intelectual" é a representante exclusiva para São Paulo, da Fernando Chinaglia Distribuidora. A inauguração foi no dia 28 passado.

FUTEBOL

"Sem bons administradores, os clubes não vão longe."

Quem diz isso é Laudo Natel, ex-presidente do São Paulo.



Laudo Natel revela que o nosso futebol é dirigido como se fosse esporte amador.

O ex-governador e ex-presidente do São Paulo, Laudo Natel, não acha nada estranho o fato de nenhum time paulista ter se classificado para as semifinais do Campeonato Nacional.

"Estamos observando hoje, em todo o Brasil", ele diz à Aqui, "o surgimento de novos centros esportivos que se colocam à altura do Rio e São Paulo. Assim, o Noroeste, Minas, Rio Grande do Sul apresentam equipes do mesmo nível que as de São Paulo. E isso não deve mais causar surpresa a ninguém. Basta lembrarmos que, quando o São Paulo foi vice-campeão do Campeonato Nacional, o campeão foi o Atlético Mineiro".

O problema fundamental do futebol paulista, para Laudo Natel, está em outra área.

"O problema é financeiro. O futebol paulista, apesar de profissional, ainda é dirigido como se fosse amador. Os dirigentes são mais torcedores que outra coisa. O que se faz necessário é transformar esses dirigentes em eficientes administradores de empresas. Como uma atividade profissional, o futebol deve merecer o mesmo tratamento que uma empresa. Há algum tempo, eu lancei uma idéia que me parece ainda hoje válida. E a de se fazer uma ampla e detalhada pesquisa de opinião pública para saber porque os paulistas não vão mais aos estádios. Porque isso ainda é um mistério. Na minha atividade privada, em contato com as mais diferentes camadas da população, a conversa sempre acaba no futebol. Quer em contatos com o presidente da República, quer com o engraxate, com diretores de firmas ou com o dentista, todos comentam e gostam do futebol. Então, por que o público que vai aos estádios hoje é igual ao que existia na inauguração do Pacaembu, em 1940, sendo que nesse período a população aumentou 4 vezes?"

Apesar de recomendar a pesquisa, Laudo Natel tem algumas idéias sobre os prováveis motivos da não afluência do público aos estádios.

"E claro que para isso contribuem vários fatores, desde o preço do ingresso, que pode impedir que um pai com três filhos vá ao estádio por não poder arcar com as despesas, até o calendário que, mal organizado, pode tirar a motivação e o interesse do torcedor pelos jogos. Um outro problema é o vídeo-tape em cima do jogo. Às vezes, está sendo jogado o segundo tempo e o primeiro já está sendo exibido pela televisão. Mas além de tirar público do jogo principal, o televisoramento dos jogos ou os VTs tiram o público de outros jogos. Se a televisão for transmitir, por exemplo, Corinthians e Palmeiras, muitos jogos que estarão sendo disputados na mesma hora em todo o Interior vão ficar sem público, pois é lógico que o telespectador vai preferir ver na televisão. Porém, todos esses problemas seriam melhor pesquisados através da pesquisa de opinião pública que mostraria quais são as verdadeiras causas do afastamento do público dos jogos de futebol".

Na transformação do futebol, Laudo Natel acha que as equipes deveriam usar melhor um grande aliado que elas naturalmente têm à disposição: a imprensa.

"Pode-se dizer que hoje o futebol dispõe aqui no Brasil de uma cobertura, de uma divulgação gratuita como não existe outra no mundo. Caberia às equipes, aos seus dirigentes saber usar esse enorme potencial de promoção de espetáculos. Não é à toa que antes de qualquer luta de boxe internacional acontece toda uma movimentação, com declarações bombásticas dos lutadores, com desafios públicos, tudo isso contribuindo para despertar o interesse do torcedor. O futebol paulista precisa aprender a se profissionalizar. É lógico que não se deve terminar com a rivalidade entre os clubes, que ao contrário deve até ser incentivada, mas a direção não pode mais ser feita por torcedores, ela deveria ser confiada a hábeis administradores".

Hamlet Paoletti

Inédito: A FPF nas mãos dos pequenos.

A partir desta semana, o futebol paulista passou a ter um novo dono. Zé da Farmácia, assim ele era chamado pelos corredores da Federação, por onde transitava anonimamente, como a maioria dos presidentes dos clubes pequenos de São Paulo, pois que Zé da Farmácia era tão-somente o presidente do Juventus. Hoje, José Ferreira Pinto Filho não é apenas o líder do Grupo dos 13, sólido agrupamento dos clubes menores do futebol que à última hora recebeu o apoio do Corinthians. Hoje, ele é o homem que reúne todas as condições para suceder José Ermírio de Moraes Filho na presidência da Federação Paulista de Futebol: é da Arena, representa um clube pequeno e da Capital, dispõe de tempo para dedicar-se ao novo cargo e em poucos meses exibiu tal habilidade para manipular os bastidores do futebol que colherá, por certo, o impossível — pela primeira vez na sua história, a FPF deverá passar para as mãos dos pequenos, em janeiro.

Segunda-feira, José Ferreira Pinto Filho, o Zé da Farmácia, dava o último golpe em José Ermírio, ao esquivar-se de um encontro, tirando do presidente a chance de arr-

deira de indicar um candidato à sua sucessão. A partir daí, mantendo coeso o bloco dos pequenos, Zé da Farmácia passou a controlar os destinos do nosso futebol.

Mas para onde pretende levá-lo? — Basicamente, adaptar o futebol paulista à realidade em que vivemos.

Para tanto, há uma longa plataforma, onde se fundem raços de vigança pessoal (a exclusão do Saad da Divisão Especial, clube imposto pelo atual presidente da FPF, à revelia dos demais) com projeções ousadas e necessárias, como a de aparelhar a entidade como que de melhor oferece a tecnologia moderna.

Coisa parecida fez José Ferreira Pinto Filho no seu Juventus, há uns quatro anos, quando anunciou que dentro de cinco anos seria este um clube grande, transformando a sua administração num sofisticado aparelho de comando onde não faltam sequer computadores eletrônicos.

Dentro de cinco anos disse ele. Coincidirá, portanto, a metamorfose do Juventus com o período em que José Ferreira Pinto Filho estiver na presidência da Federação?

Alberto Helena Jr.

MEIO-AMBIENTE

E também existe a poluição do cinismo.

Um cigarro, um único cigarro, exala mais monóxido de carbono que a correspondente quantidade de fumaça coletada na esquina de São João com Ipiranga ou de São Luiz com Consolação. O monóxido da fumaça de cigarro é de 42 p.p.m. (partes por milhão) e o ar poluído do Centro pegajoso da cidade, conspurcado pelo escape dos automóveis, registra 30 p.p.m. de monóxido de carbono.

E agora, José? Agora, o João, guarda de trânsito, oito horas corridas postado no cruzamento de duas avenidas de tráfego denso, absorve uma sucata gasosa menos pestilenta que aquela injetada por um maço de cigarros nos pulmões do Pedro, que trabalha refestelado em um confortável escritório de ar condicionado da Paulista.

Ainda mais uma sala fechada, saturada de fumaça de cigarros, depois de um "buraco" entre amigos, excede de muito os níveis de contaminação registrado no túnel Nove de Julho.

Os cálculos, adaptados no chutômetro para São Paulo, foram subtraídos de um relatório da Comissão Nacional de Qualidade do Ar dos Estados Unidos, que levantou o problema nas cidades de Los Angeles, Chicago e Nova York.

São Paulo é mais poluída que qualquer dessas três cidades americanas. Mas também aqui o cigarro ganha disparado do cano de escape do automóvel. Não quero, com isso, declarar guerra à indústria de cigarros e muito menos à escala de preferência pessoal e inalienável do consumidor. Afinal, nem tudo o que o povo quer é o que o povo precisa. E no Brasil, 21 milhões de adultos e adolescentes preferem a autofagia de um bom cigarro.

Menos mal. A gente estraga a saúde da gente para ajudar a defender a saúde do próximo. Só a receita nacional do IPI tem no cigarro uma generosa fatia de 15%. E essa fatia, qualquer coisa parecida com 13 bilhões de cruzeiros, daria para multiplicar por 10 o atual orçamento do Ministério da Saúde...

Ao levantar o problema da auto-poluição do cigarro, diretamente da fábrica ao pulmão, quero tão somente grifar a hipocrisia de um mundo neoclínico que, entre duas bafaradas de quebra-peito, ousa meter o dedo em riste na cara da poluição da cidade, a confortável posição de quem, sendo parte do problema, não quer ser parte da solução.

Para condenar o ar poluído da cidade, a poluição do bode expiatório, é preciso, antes, apagar o cigarro. Ainda não apaguei o meu. Mas por coerência, não saio por aí deitando falação contra a poluição química do ar que respiramos — até porque, já foi aqui, a poluição tupiniquim número um, a que deve ser encurralada primeiro, não está no ar, está na água de uma cidade convertida em esgoto a céu aberto.

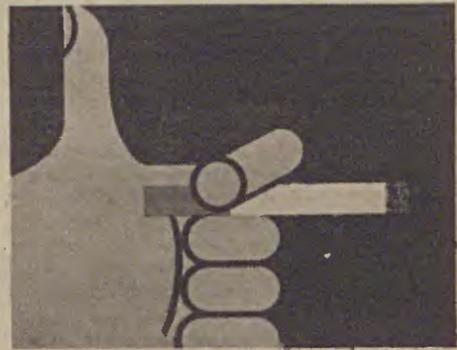
Posição realmente desconfortável é a do chefe de Relações Públicas e de Promoção de Vendas da Phillips-Morris, meu amigo Emerson Fittipaldi. Que não fuma.

O risco dele é outro. O risco de chispar a 300 por hora, vendendo Marlboro, a bordo de um reluzente esquife de quatro rodas. Kamikase da tecnologia do automóvel, ainda um bocado longe do "zero defect", Emerson me pega pelo braço:

"Quando o carro falha, o motorista passa rapidamente à condição de passageiro de um carro sem motorista. E quando não falha, o piloto deve responder a 28 estímulos simultâneos. Já imaginou um pianista com 28 dedos?"

Ainda não imaginei isso. Mas sei contar o efeito: o asfalto paulistano deve empilhar, este ano, uns 1.250 cadáveres. E a caminho do cemitério, vai largando uns 7 mil paulistanos nos hospitais.

Joelmir Beting



Ele é muito mais mortífero do que parece.

Ele fala também dos planos do partido de oposição para chegar ao poder. Se o calendário eleitoral e os resultados das eleições forem respeitados, ele não tem dúvidas: logo o MDB chegará a ser situação no Brasil.

Em três horas de entrevista ao jornal AQUI, Ulysses Guimarães, deputado federal e presidente nacional do MDB, fala dos problemas que seu partido viveu para chegar a ter o prestígio popular que desfruta hoje.

Ulysses Guimarães, exclusivo: O MDB JÁ É MEIO GOVERNO



Entrevista a Fernando Morais

Pouco depois das eleições de 15 de novembro de 1975, o deputado Ulysses Guimarães, que havia chefiado a campanha nacional da oposição como seu presidente, recebeu um grupo de jornalistas para uma conversa informal. Um deles perguntou-lhe:

— Deputado, o senhor que foi candidato à presidência da República pelo MDB indicaria, na oposição, alguém que pudesse ser melhor presidente que o general Geisel?

Ele foi rápido:

— Claro! Eu.

Nos últimos anos a atividade política quase levou-o à exaustão. Primeiro foi a candidatura à Presidência da República junto com o escritor Barbosa Lima Sobrinho (o candidato a vice na chapa do MDB) ele percorreu todo o país numa pregação que iria render juros um ano depois, nas eleições para o Senado, Câmara e Assembléias estaduais.

Na campanha de novembro de 1974, diz-se que Ulysses Guimarães preocupou-se de tal forma em pedir votos para o partido e para seus companheiros que acabou esquecendo-se de si próprio. E sua votação, que se esperava fosse a maior do Estado, acabou

sendo superada por alguns nomes menos expressivos que o seu.

Em três horas de entrevista exclusiva ao AQUI, surge o político total ("eu sou do ramo, do full-time em política, não sou um amador"), o homem que hoje promete abrir mão até da indicação de seu nome para suceder o governador Paulo Egydio Martins, em nome de algo que ele considera mais importante: a manutenção da cruzada do MDB pela redemocratização do Brasil.

AQUI — Há poucos dias um importante matutino de São Paulo publicou na primeira página uma notícia, atribuída a "fontes do Palácio do Planalto", informando que, se o MDB vencer as eleições de 1976, não haverá eleições em 1978. A nota causou surpresa principalmente àqueles que leram o nº 1 do AQUI, que trazia uma pesquisa mostrando que, pelo menos da Grande São Paulo, o MDB vencerá a Arena por expressiva margem de votos. Como a oposição encara essa mudança do jogo político?

ULYSSES GUIMARÃES — Isso são interpretações subjetivas de cavalheiros que se põem aí nos seus laboratórios, nas suas provetas, a fazer ensaios e a jogá-los na opinião pública, para ver se pega. Que eleição é essa que se um partido ganha ou perde as consequências serão esta ou aquela? É a arbitra-

gem popular, é a decisão mais alta, do tribunal mais alto que pode haver no país, que é o tribunal popular. O reflexo de uma decisão como essa, no exterior, seria o pior possível. AQUI — Sim, mas de onde teria vindo a notícia?

ULYSSES GUIMARÃES — Isso é coisa de gente que quer ganhar eleição sem fazer força. É gente que não tem mais condições de ganhar eleições em seus respectivos estados e deseja continuar nos comandos pela via fácil de uma designação, de uma nomeação. Não por decisão popular. Então, essa gente vê a coisa toda negra. É como se diz no futebol: é preciso suar a camisa. Essa coisa de querer ganhar na secretaria, no tapete, ganhar com o juiz, não adianta. Tem que ganhar lutando. A história do MDB demonstra que isso adianta.

AQUI — Essa autoconfiança do MDB, entretanto, é bem recente, não?

ULYSSES GUIMARÃES — Sim, no começo o MDB não era levado a sério. Tínhamos resultados insignificantes. Nós tivemos também os nossos pessimistas, que achavam que era melhor fundar um outro partido. A autodissolução do partido foi proclamada várias vezes, depois de certas eleições. Mas nós perseveramos, fomos à luta, continuamos, fizemos o nosso programa,

Conquistamos a confiança do terceiro partido, que derrotava a Arena e o MDB, que era o partido do voto em branco, da abstenção. Nós acreditamos que podíamos vencer e acabamos vencendo.

AQUI — Mas é exatamente essa possibilidade de vitórias futuras que assusta a algumas áreas mais radicais. Chega-se a insinuar que o MDB no poder significaria o caos.

ULYSSES GUIMARÃES — Ora, o programa do MDB é que dá o perfil do partido. Esse programa teve que se compatibilizar com exigências até minuciosas da Constituição. Por exemplo: não poderia abrigar dispositivos como regimes de esquerda ou de direita. É um programa registrado no Tribunal Superior Eleitoral, portanto insusceptível de qualquer dúvida, um programa democrático.

AQUI — E que faria o MDB no poder?

ULYSSES GUIMARÃES — Toda vez que me perguntam isso, eu digo: leia o programa do partido. O MDB tem resposta para os problemas fundamentais do país — no setor político, no setor educacional, no setor agrário, no setor do capital estrangeiro.

AQUI — Mas muitas vezes as restrições não são feitas exatamente ao programa partidário, mas a candidatos filiados ao partido.

“Para que mais partidos, se vivemos numa mini-democracia?”

ULYSSES GUIMARÃES — Nós sabemos que hoje a regra no Brasil é não poder ser candidato. É sui-generis, porque tem o don't, o não. Não pode ser se não tiver dois anos de filiação, tem que ter o requisito do domicílio, as inelegibilidades decorrentes do parentesco. E os processos? Não precisa nem ter sido condenado, basta uma denúncia recebida. E nós sabemos quantos absurdos, abusos, têm sido cometidos. Porque é às vésperas das eleições que começam a surgir essas coisas, deixam o processo aí, dormitando nas gavetas, para gerar esse tipo de inelegibilidades. Durante a campanha, grava-se tudo o que se fala no rádio e na televisão. Fica tudo documentado não só pela Justiça Eleitoral, mas pelos órgãos encarregados de zelar pelo não abuso no sentido de prejudicar as instituições, a segurança e a ordem.

AQUI — Que lições a oposição tirou de suas experiências no poder, em nível municipal?

ULYSSES GUIMARÃES — Nós já vencemos em prefeituras cuja importância, inclusive econômica e financeira, equiparase a Estados da Federação. É, por exemplo, o caso de Campinas, de Campina Grande, na Paraíba, a maior cidade do interior do Nordeste, o caso de Londrina, que é a maior prefeitura do interior, na região Sul. E o que se verificou? Foram governos que tiveram

“Porque lancei os nomes de Quéricia e Montoro à sucessão de Paulo Egydio? Ora, isso é um segredo de polichinelo, está na boca do povo.”

relacionamento normal com os poderes constituídos. E que produziram uma administração de tal sorte eficiente e popular que ganhamos de novo em Londrina, em Campinas, em Campina Grande. E só não ganhamos em Santos, novamente, porque a cidade foi declarada área de segurança nacional. Em vários Estados, hoje, temos maioria nas Assembléias Legislativas. Aqui, em São Paulo, por exemplo. Já é um meio governo, já se caracteriza uma responsabilidade de governo. E num setor difícil e complexo como é o setor legislativo. Um setor que se quisesse atuar no sentido da baderna, da desordem, da guerra entre os poderes, se faria. E o que nós verificamos é o cuidado que o partido tem, a responsabilidade que tem tido. No Rio Grande do Sul o próprio governador tem registrado que o MDB, sem quebra da fidelidade partidária e honrando os compromissos, tem sabido discriminar aquilo que é necessário para a administração.

AQUI — E no plano nacional, como tem sido o exercício do MDB para o tão almejado poder?

ULYSSES GUIMARÃES — Nós temos hoje uma bancada que se quisessemos obstruir, tumultuar, pedir verificação seguidamente, nós faríamos. Seria preciso uma permanência da Arena, lá, em tempo integral. Porque hoje eles não têm mais aquela maioria tranquila que tinham antes. E agora mesmo acabamos de votar o orçamento. O senador Amaral Peixoto fez observações duras à maneira de elaborar o orçamento, já que o Congresso praticamente não pode emendar, mas não foi sonogada a aprovação. Os fatos, então, estão aí para desmentir que a ida do MDB para o poder pudesse significar dias de tumulto, intranquilidade, agitação no Brasil. Agora, manipular a legislação eleitoral para confundir o eleitorado, nós somos rigorosamente contra, porque isso significaria instalar no Brasil uma oligarquia.

AQUI — Como a oposição recebeu a proposta do secretário Arrobas Martins de criação no Brasil de um Poder Moderador, que seria exercido por um Conselho de Estado?

ULYSSES GUIMARÃES — Se você quiser um poder moderador de fato, você pode ter um na hora, aqui no Brasil: a imprensa livre. Eu sei disso porque já fui governo, já fui ministro. A moderação exercida pelo poder de uma imprensa sem censura prévia, sem auto-censura, é de um efeito extraordinário sobre todas as instituições do país, sejam elas quais forem. Mas o MDB não rejeita in limine a proposta do Poder Moderador.

AQUI — Como o MDB interpreta as insistentes propostas de criação de pelo menos dois novos partidos?

ULYSSES GUIMARÃES — Se sob o rótulo de criação de novos partidos se objetivar a extinção dos partidos existentes — consequentemente, do MDB — isso nós somos rigorosamente contra. Então não se quer criar, quer-se destruir.

AQUI — Mas destruir apenas o MDB?

ULYSSES GUIMARÃES — O que se quer destruir é uma marca popular. É como acontece no campo econômico: o que vale é a marca. O que vale milhões é a marca Coca-Cola, Ford, Chrysler. Porque o ingrediente pode ser imitado e frequentemente existem similares. O MDB, à custa de muito sacrifício, de muita luta, inclusive de cassações, de perseguições, exílios, demissões de empregos, o MDB hoje é uma marca popular. A simples sigla MDB já significa, perante as camadas mais humildes dos trabalhadores, uma imagem. O efeito é mágico, até. Eu sei disso e sei quanto custou isso. Se sob a fórmula de criação de novos partidos se quiser a extinção do MDB, o que se verifica, mais uma vez, é que não se quer a democracia. Cada vez se distancia mais da democracia. Querem uma oposição, mas se os oposicionistas se investem neste papel e não querem fazer uma oposição consentida, mas lutam, pretendem levar uma alternativa de governo para o povo, ah, isso não. Isso não querem.

AQUI — Mas o programa do MDB admite a pluralidade partidária.

ULYSSES GUIMARÃES — Sim, é um compromisso partidário. Mas na conjuntura em que estamos, nós não somos favoráveis. Porque o partido é consequência, caracteriza a existência da democracia, é um instrumento dela. Se há democracia, então há o parlamento, há liberdade de imprensa, de pesquisa e de cátedra e há o partido. Inexistindo a democracia, ou havendo uma mini-democracia, uma meia democracia, como no caso do Brasil, por que mais partidos, se a própria denominação dos existentes demonstra isso?

A moral da fábula é simples: o partido está na iminência de ir para o poder e levanta toda essa celeuma que aí está. Há muito pretexto, muita alegação, mas fundamentalmente é isto: o MDB indo para o poder, desloca o setor que está no poder. Não caberão os dois lá, não pode haver um domínio.

“As cadeias nacionais de televisão estão sempre abertas ao presidente, aos ministros, aos deputados arenistas. A oposição nunca teve esses privilégios”.

AQUI — Em política se sabe que a melhor maneira de “queimar” um candidato é lançá-lo antes do tempo. A indicação dos nomes dos senadores Orestes Quéricia e Franco Montoro à sucessão do governador Paulo Egydio, feita pelo senhor há algumas semanas, souo a alguns ouvidos como uma inteligente jogada política. “Queimados” os dois principais pretendentes ao posto de governador, a oposição teria que lançar um tertius. Que nome poderia superar o do presidente nacional do MDB, o ex-candidato à presidência da República, o deputado Ulysses Guimarães.

ULYSSES GUIMARÃES — Mas isso é um segredo de polichinelo. O Montoro, desde a outra vez, quando deveríamos ter eleições para o governo do Estado, o nome dele era fartamente citado. Atualmente juntou-se o nome do senador Orestes Quéricia inclusive pela impressionante, pela grande votação que ele teve em São Paulo. São dois nomes que estão nos jornais, na boca do povo. O Afonso Arinos diz — e eu não concordo muito — que o líder não imprime nem comprime, mas exprime. Eu estava apenas exprimindo uma coisa pública.

AQUI — E o senhor, é candidato a candidato?

ULYSSES GUIMARÃES — Meu nome efetivamente surge nos jornais, em debates. Tenho conhecimento de algumas pesquisas que estão sendo feitas e que incluem também o meu nome. Mas já existindo dois nomes, eu não entendo por que devem incluir o meu. E como eu sou presidente nacional do Partido, quero exercer o cargo sem embaraços. Acho que assim sou mais útil ao MDB.

AQUI — Mas, desculpe, o senhor seria ou não candidato?

UG — Eu posso ser candidato. Mas entendo que não devo ser. Se já temos dois, para que? Se não tivéssemos... Eu fui candidato à Presidência da República porque acharam que eu devia ser. Não tinha outro, então eu fui, alias, um anti-candidato. Prefiro exercer uma liderança no sentido de manter a harmonia partidária, que é importante e que corre o risco de ser afetada por causa das sublegendas. Alias, sou contra as sublegendas.

AQUI — O Palácio dos Bandeirantes é um só, e os seus pretendentes, no MDB, são pelo menos dois. A julgar que nenhum deles venha a abrir mão de sua candidatura em benefício do outro, o partido teria que lançar um terceiro nome. Nesse caso cairia por terra sua decisão de não concorrer?

ULYSSES GUIMARÃES — Bem... eu sou político, não sou adivinho. Os franceses costumam dizer que “de se em se, de talvez em talvez, põe-se Paris numa garrafa”. A política, principalmente a latino-americana, é muito fértil em imprevistos. Quem quiser fazer política no Brasil em termos de lógica, corre um sério risco. A nossa política se rege muito pelas leis da mágica. Quem poderia prever o suicídio de Getúlio, a renúncia de Jânio? No entanto esses dois acontecimentos detonaram acontecimentos que estão até agora na preocupação do país. Ou a morte do presidente Costa e Silva. Então, se houver acontecimentos inesperados, vamos fazer uma reavaliação, verificar o que existe.

AQUI — Mas o fantasma do adiamento das eleições de 1978 continua no ar. Se esse risco existe, não seria estéril toda essa movimentação do MDB em torno dos nomes de Quéricia, Montoro e do seu próprio para suceder o governador Paulo Egydio?

ULYSSES GUIMARÃES — O MDB não aceita ser oposição condicionada, com demarcações do que ela pode ou não pode fazer. Nós não nos prestamos a farsas, a imposturas. Se depender da oposição ganhar, nós ganharemos. Uma função que um partido de oposição tem em qualquer parte do mundo, é ser poder. A oposição tem o tropismo do poder. Quando o presidente da República fala no calendário eleitoral, diz que vamos cumprir o calendário eleitoral, quando o presidente tem procurado infundir, injetar ânimo na Arena para que ela lute, para que ela conquiste os postos, não por outorga, mas conquiste nas urnas, ele está desempenhando um salutar papel. É uma etapa democrática importante, é uma distensão. Nós não podemos nunca aceitar vetos pelo fato de fulano ou beltrano ser emedebista. Ser emedebista não exclui a condição de ser patriota. Se fosse assim voltaríamos à Idade Média. As últimas eleições foram uma clínica social. E no divã psicanalítico dessas eleições estava o milagre brasileiro, a inflação a 12% ao ano, os projetos impacto da ponte Rio Niterói, da Transamazônica. Então, onde houver outra eleição, nós vamos disputar. Para ganhar.

AQUI — Por que tanta autocoefiança do MDB?

ULYSSES GUIMARÃES — Porque o MDB está mostrando que é bom de urna, sabe? Tem políticos que têm muito valor mas são ruins de urna. O MDB tem um conjunto de homens que têm traquejo, têm afinidades com as urnas. Tem muito político por aí que tem alergia ao eleitor. O MDB, não.

AQUI — Ao mesmo tempo que, na área oficial, arenista, São Paulo tem atravessado uma fase obscura no plano federal, na oposição ocorre o contrário: o candidato do MDB à presidência da República saiu de São Paulo; o presidente nacional do partido é paulista. Por que isso? É apenas uma coincidência ou São Paulo se projeta melhor como oposição?

ULYSSES GUIMARÃES — O MDB oferece os pré-requisitos para que surjam as lideranças. O clima de liberdade, a espontaneidade na montagem partidária permitem que nasçam os líderes. Acredito que o fato de São Paulo ter-se projetado tanto é uma coincidência. Por exemplo: quando o Oscar Pedrosa Horta era o líder da bancada na Câmara, eu era o presidente nacional do partido. A gente mesmo disse aos companheiros: vamos ver se no ano seguinte um outro, de outro Estado, passa a ser o líder ou o presidente do partido. Mas nunca foi uma postulação de São Paulo.

AQUI — Nomes à parte, o senhor acredita que, se forem respeitados os calendários, o MDB chegará ao poder?

ULYSSES GUIMARÃES — Acredito piamente. E já estamos fazendo exercício de poder: o aumento da bancada federal, as prefeituras importantes que temos, a maioria em várias assembleias estaduais. Hoje, por exemplo, o MDB já tem o poder de aprovar e de vetar uma emenda constitucional. Se o MDB não quiser, não passa. Isso já é um poder de governo. Antes, não. A Arena antes podia bulir na Constituição da maneira que melhor lhe aprouvesse.

AQUI — Que função vem tendo o Instituto Pedrosa Horta, de estudos políticos, que acaba de ser fundado pela oposição?

ULYSSES GUIMARÃES — Eu estou muito entusiasmado com o Instituto Pedrosa Horta. O importante de um partido é a doutrina, o programa. O defeito que houve na prática partidária no Brasil, durante muito tempo, é que o programa era para ser declamado, poucos correligionários o conheciam. O Instituto Pedrosa Horta é um esforço no sentido de dizer que o programa é fundamental. Através do Instituto temos feito, mesmo agora, fora de eleições, painéis, simpósios, conversando com os jovens. O que é isso? É a preocupação com o programa partidário. E o que tem me impressionado é o interesse dos jovens por esses simpósios, esses cursos que o MDB dá. Nós não nos esquecemos de que nas próximas eleições haverá um conti-

“Adiar eleições é conversa de quem não consegue ganhar. O fato é que o MDB indo para o poder desloca quem está lá.”

gente de 11 milhões de jovens que nunca votaram e que votarão agora. A maioria desses jovens paga, cinquenta cruzeiros, para o partido poder custear passagens do conferencista, hotel, etc. Eu fiz em Campinas uma conferência para três mil pessoas, para falar sobre direitos e garantias individuais. Em Goiânia, o povo lotou o auditório. Eu tive que mudar o meu esquema: ia fazer uma conferência mais técnica e acabei fazendo uma síntese dos compromissos partidários para atingir a toda aquela gente. Em Osasco foi a mesma coisa. Eu considero isso da maior importância, isso mostra que os jovens estão querendo participar.

AQUI — Uma pesquisa feita pelo Instituto Gallup para o AQUI mostrou que, na Grande São Paulo, houve um ligeiro declínio na popularidade do MDB, um pequeno aumento na da Arena e um significativo aumento no contingente de eleitores indecisos. A que o senhor atribui essa mudança do quadro, em relação ao ano passado?

ULYSSES GUIMARÃES — Primeiro: eu acredito em pesquisas, mas elas não são infalíveis. Segundo: ainda não estamos em fase eleitoral, os nomes de candidatos ainda não surgiram. Terceiro: como você sabe, o MDB não tem o acesso que é dado ao governo aos meios de divulgação de idéias. O presidente da República, por exemplo, vai para a televisão, e fala numa cadeia nacional, sua palavra repercute em todo o país. Os ministros frequentemente estão na televisão e até os deputados. Eu nunca tive cadeia nenhuma. Cadeia, eu digo, de televisão, é claro. A situação muda sempre quando nós passamos a ter o acesso à televisão e ao rádio.

AQUI — Em suas viagens como líder do partido, como o senhor sente a penetração do MDB entre o povo?

ULYSSES GUIMARÃES — Eu posso dar um testemunho — não é informação, é testemunho. Eu tenho andado muito. Eu faço full-time da política, não sou tocador de flauta, amador da política. Eu sou do ramo. Eu sou. O que existe é que muita gente que se intitula político por aí é que eles não são do ramo, não tem vocação para a política. Eu vou ao Interior, corro as capitais, e verifico que não há a menor decepção com o MDB. As cartas que recebo dizem isso. A coragem que o MDB tem tido ao exercer a oposição, não aceitando ser oposição consentida, justifica isso. Quem votou no MDB não está decepcionado por ter votado. Nós estamos cumprindo com todos os compromissos assumidos na campanha. E não tenho dúvidas: se houvesse eleições agora, nós teríamos resultados iguais ou melhores que os do ano passado.

O GRITO DE FERRAZ:

É preciso conter a euforia suicida

Foi como chefe de uma equipe de consultores que José Carlos Figueiredo Ferraz fez milhares de projetos de caráter urbano. Depois, como Secretário de Estado, Secretário Municipal, diretor de planejamento da COSIPA e Prefeito de São Paulo, conheceu mais profundamente os problemas causados pelo que ele chama de "gigantismo grotesco". Nos últimos anos, alarmado com o destino dos grandes aglomerados urbanos, tem falado sobre esses problemas e sugerido soluções. Aqui São Paulo fez um extrato de seus pronunciamentos e conferências mais recentes.

Quando Figueiredo Ferraz declarou que São Paulo precisava parar, o Brasil tomou um susto — e uma onda de protestos desabou sobre sua cabeça. Mas ele explicou por que dizia aquilo, como explica até hoje:

"Não se trata de paralisar São Paulo, não se pretende imobilizá-la. Pretende-se, sim, cingi-la a uma dimensão e a um porte que a tornem viável, que a tornem passível de controle, que a permitam desempenhar sua missão, sem o extraordinário ônus do seu tamanho, sem massacrar os que nela habitam, dotando-a, assim, da infraestrutura urbana necessária para que se complete como cidade e não apenas como aglomerado urbano gigantesco. Pretende-se combater as tendências de um crescimento desproporcionado e disforme que acabariam por comprometer a cidade nas suas funções de propiciar uma economia de escala, para mergulhá-la em volumosas deseconomias parasitárias, bloqueando sua eficácia e penalizando sua gente."

Para Figueiredo Ferraz, é absolutamente necessário destruir o que chamou de "errôneo e nocivo conceito" de que o gigantismo urbano denuncia progresso:

"Ele denuncia, sim, uma distorção do crescimento, enormes disparidades regionais, testemunhos de uma anomalia que afeta a saúde do organismo nacional."

Ferraz propõe uma ação conjunta das três esferas administrativas (municipal, estadual, federal) para chegar-se ao objetivo que define: "a distribuição equitativa e racional das potencialidades brasileiras por todo o território, estimulando o desenvolvimento de certos pólos e criando outros para que o equilíbrio nacional se assente, e de forma estável e sólida, sobre um maior número de colônias."

Estas ações, segundo ele, já tardam e se forem deixadas para mais tarde seus efeitos também se manifestarão mais tarde, se não tardarem demais. E mesmo que sejam adotadas de imediato, a Grande São Paulo "continuará ainda a crescer pela própria inércia do seu movimento, que a levará à casa dos 17 ou 18 milhões de habitantes, a uma dimensão, portanto, já considerada proibitiva e já dificilmente governável, provavelmente a de maior cidade do Globo". As previsões do ex-prefeito são mais do que inquietantes:

"Se a cidade for entregue ao jogo dos fatores atuais imperantes, ela atingirá certamente a população dos 25 milhões de habitantes. Seria pois ingovernável e faria concentrar sobre si uma responsabilidade de tal porte que, toda uma segurança, toda uma estabilidade do organismo nacional estariam seriamente comprometidas."

A ANTI-SOLUÇÃO

"São Paulo constitui o exemplo legítimo da anti-solução porque aqui, ao contrário do que acontece no resto do mundo, ainda se confunde industrialização com industrialização concentrada em um único ponto". Ferraz cita o caso da Alemanha que, embora represente uma área ínfima se comparada ao território brasileiro, é um dos países de maior produção industrial do mundo, graças a uma distribuição planejada das indústrias por todo o país.

"Elefantíase", "encefalite urbana". Depois de 30 anos tratando da criação e execução de projetos urbanos, o ex-prefeito e professor José Carlos Figueiredo Ferraz já adota uma linguagem cheia de termos médicos, quando fala dos



problemas das grandes cidades brasileiras. Especialista em doenças paulistanas, Ferraz prevê como poderá ser São Paulo, se um dia chegar com seus problemas atuais à posição de maior cidade do mundo: "ingovernável".



SP EM 5 IMAGENS DE FERRAZ

1 — A encefalite urbana é tida como desenvolvimento, e aceita com orgulho e euforia.

2 — Não confundir urbanização com aglomeração urbana. A aglomeração é uma urbanização deformante ou concerosa.

3 — O processo de migração acaba fun-

cionando como bomba demográfica sucçora.

4 — Esse paquiderme urbano marcha rumo à desordem e à anarquia. Só se pode pará-lo com medidas federais.

5 — Lançar recursos, sem conter energicamente esse grotesco crescimento, é o mesmo que fazer um buraco n'água.



A migração, uma implosão demográfica.

"A industrialização distribuída por pólos, racionalmente, colaborando para o desempenho nacional como um todo, é a meta que deve ser buscada a qualquer preço. Tudo tem um tamanho ótimo. Uma célula, quando cresce muito, se divide em duas; se um homem, de um momento para o outro, aumentasse seu peso em quatro vezes, morreria; o que também aconteceria caso reduzisse seu peso pela quarta parte."

Para ele, a cidade "tem que ser encarada no sentido lato, englobando o aspecto econômico e sobretudo o aspecto social, objetivo último de todo o nosso esforço."

RESERVAS DE AMOR

Numa cidade gigante como São Paulo, o homem, em vez de se abrigar na comunidade, foge dela, fechando-se em si mesmo. Segundo Ferraz, este é o grande paradoxo da cidade superpopulada: não existe comunicação entre os habitantes (alguém já a chamou de "profitópolis", porque dela todo mundo usufrui nada dando em troca).

No entanto, a cidade ainda tem reservas de sentimentalismo. "A prova disso", para Ferraz, "é a reação provocada na comunidade quando se fala em destruir certos logradouros que, artística ou historicamente, podem ser considerados de pouca valia mas estão sentimentalmente ligados ao povo."

Que se agarra a certos objetos, edifícios, marcos que têm vínculo com seu passado, com suas raízes. Se todos os elos emotivos forem cortados a pretexto de um desenvolvimento desenfreado, o indivíduo vai se sentir, a certa altura, como se não soubesse quem é o seu pai. É exatamente essa a angústia que deprime a população por ver sua cidade destruir-se no ato de crescer. No momento em que todos os laços com o passado forem eliminados, vão desaparecer todas as responsabilidades e compromissos do homem para com o meio. O resultado disto é um processo predatório generalizado."

Mas, sempre repetirá Ferraz: "Estas considerações não visam estancar São Paulo, como muitos têm interpretado erroneamente, e sim fazer tudo para que ela assuma proporções defensáveis e eficazes, sem um gigantismo incontido, prejudicial face às enormes deseconomias geradas. Mesmo que tudo seja feito neste sentido, São Paulo fatalmente será, num futuro próximo, a maior se não uma das maiores cidades do mundo — um título que não nos trará orgulho".

A COBRA FELIZ

Na opinião do ex-prefeito paulistano, "o resultado mais nocivo da aglomeração é a natural ditadura que ela impõe a todo o país, reclamando, justa e necessariamente, grande volume de serviços e obras. Em consequência, toda a seiva da produção nacional se dirigirá para apenas alguns pólos."

Ele é defensor ardoroso da tese da urbanização como única fonte de progresso e elevação do nível de vida — o que combate é a "mera aglomeração urbana, com gigantismo dos órgãos metropolitanos, incapazes de oferecer as mínimas condições de suporte a esta massa populacional marginalizada, um precioso potencial humano não aproveitado."

Figueiredo Ferraz adotou uma imagem definitiva para a atual situação dos grandes aglomerados urbanos, e que sempre repete quando se fala de São Paulo:

A cobra estava muito feliz: não precisava mais se mover para conseguir alimento. Certo dia, apavorada, percebeu que se comia a si mesma, pela cauda (de um conto caboclo).

Texto de Maria da Graça Blatto

William Taubim,
norte-americano, diretor
de arte da DDB.

Não seja chato

Observações e pensamentos que colecionei nos últimos 20 anos de trabalho: — Tente motivar as pessoas através de suas emoções, em vez de seus intelectos; — Tente ser sensível às mudanças na linguagem. É importante dialogar com a média dos consumidores. Não se preocupe com os sofisticados, pois eles o entenderão também; — Nós descobrimos que a publicidade é um negócio sério, que requer o máximo de profissionalismo. Não existe substituto para o trabalho duro! — Devemos escrever de modo que qualquer um entenda, e não mostrar nossa habilidade literária. A redação nunca deve falar ao público de uma posição superior; — Embora tudo isso soe como regra, lembrem-se: todas as regras foram feitas para serem quebradas; — Acima de tudo, nunca seja chato. A chatice é um pecado capital, e nós já temos suficientes pecadores.

Edward Booth-Clibborn, inglês,
presidente fundador de Designer and
Art Directors Association of London,
reeleito desde 1966.

Um "pito" nos brasileiros imitadores

A linguagem de imagens e idéias forma uma linguagem visual comum, que tem resultados na moda, automóveis, filmes, e podem ser identificados universalmente. Se olharem para países diferentes notarão uma similaridade na expressão visual, os mesmos rostos típicos, as mesmas manequins nos anúncios e os mesmos tipos de roupas. Recentemente, quando estive em Calcutá, procurei o uso excitante da cultura local na propaganda. Tudo não passava de uma cópia pobre do estilo norte-americano — até mesmo as boates pareciam bares americanos de segunda categoria."

"Até agora, boa parte da linguagem da comunicação tem sido americanizada. Creio ser importante que cada país conserve a sua própria identidade em termos gráficos e tudo o mais. Vocês deveriam procurar dentro de suas próprias tradições nacionais os meios criativos de expressão, e não se influenciar pela linguagem sofisticada dos Estados Unidos. Essa é a linguagem deles, não a vossa.

Michael Wolff, inglês, sócio da Wolff Olins,
agência de design e consultoria
empresarial que, entre outros clientes, conta
com a Volkswagen, a
Municipalidade de Paris e a Unilever.

Promover produtos que matam

Existe um número sem conta de produtos inúteis e perigosos, de muitas indústrias, que são brilhantemente promovidos por profissionais de talento da nossa indústria (a propaganda). Esta semana vimos vários comerciais soberbos, divertidos e até mesmo astuciosos, promovendo produtos de valor duvidoso, exceto para os dentistas, pediatras, agentes funerários e terapeutas.

Somos atrasados, falamos muito, ouvimos pouco

Ouvimos também muito acerca de criatividade, como se nossa indústria a possuísse mais do que as outras. Na verdade, pela minha experiência com grande número de indústrias, diria que a nossa é mais antiquada estruturalmente e em seu estilo de direção do que muitos outros negócios. Certamente é menos inovadora do que, por exemplo, a indústria eletrônica. Penso que a indústria de comunicações, em geral, fala pelos cotovelos, como eu, mas é má ouvinte. Concluindo esta pequena explosão — acredito que devamos nos ligar fortemente a nós mesmos ou reivindicar nossa individualidade —, o que estou tentando lhes dizer é: "Seja um profissional, mas não sejam profissionais. Não escondam sua humanidade individual atrás de um título ou de uma linguagem particular. Não escondam as filosofias de suas empresas atrás de estereótipos. Façam um trabalho, não sejam um trabalho. Vocês são homens e mulheres, pais, mães e consumidores, não importa onde trabalhem. Vocês são responsáveis perante vocês mesmos.

Bernie Owett, vice-presidente da
J. Walter Thompson International, a maior
agência de publicidade do mundo.

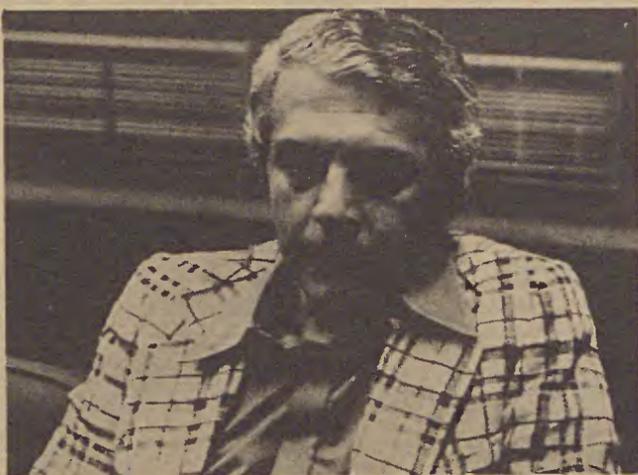
Jovens: 20 mil horas diante da TV

Os jovens adultos norte-americanos de hoje passaram 20.000 horas de suas vidas assistindo televisão. E os jovens que terminarão o ginásio num futuro próximo terão gasto mais tempo em frente a um aparelho de televisão do que em salas de aula. A média para todos os lares americanos hoje é de seis horas por dia.

Nem umbigo aparecia

Drogas, sexo, aborto, estupro, são assuntos que podem

O SHOW DOS REIS DA CRIAÇÃO



Roberto Duailibi, poucos sorrisos na platéia



Mauro Salles: que mudanças traria o 1º Encontro?



José Leão de Carvalho, atenção às palestras



João Natale Neto, o promotor



Blue jeans



Black-tie

dias da semana. E um mundo de mulheres fortes e homens fracos.

Sangue e humor pesado

Após as 21 horas, pode-se antecipar uma torrente de sangue. 60% dos programas deste ano são dramas. Seis entre dez contêm algum tipo de execução da lei. A violência domina o nosso tempo.

O novo humor da comédia de situação é descrito como "pesado".

O grande sucesso Maude, série em terceira temporada, quebra todas as regras da televisão, desde a primeira. Maude (a personagem) está no seu quarto marido. E mora com uma filha divorciada que tem um filho. Há até pouco tempo não se podia falar de uma mulher divorciada, que dirá três."

Juventude underground emergiu

E a juventude, à qual tanto dessa atividade revolucionária foi dedicada? Duas palavras que se colhem nos campus universitários são passividade e privatismo. Passividade é a qualidade que coloca os jovens universitários frente à TV, assistindo a uma novela mesmo agora que foram liberados para viver uma realidade. Privatismo é aquela intensa auto-consciência que faz com que o jovem observe a si mesmo, procurando sinais de auto-realização que frequentemente não encontra. A juventude underground dos anos 60 subiu à superfície e parece dominar tanto sua energia quanto seu senso de direção.

Morte no comercial

"Nossos comerciais estão começando a refletir nossa aceitação da presença da rudeza em nossas vidas e em nossas telas. Antes tabu, agora assuntos comuns da programação estão encontrando seu lugar nos comerciais:

- Doença e consequente privação;
- Morte que envolve mais de um tipo de pena;
- Divórcio;
- Gravidez;
- Doenças venéreas;
- Alcoolismo;
- Drogas.

Durante cinco dias, São Paulo viu e ouviu alguns dos monstros sagrados da propaganda internacional. Entre água mineral e uísque, eles não só expuseram teses novas, como deram um conselho aos publicitários brasileiros: "Procurem ser vocês mesmos, não copiem os americanos."



William Taubim: "A chatice é um pecado capital"



Booth-Clibborn: De Calcutá a São Paulo, tudo imitação de americano



Michael Wottr: "Anúncios soberbos promovem produtos perigosos"



Garcia Patto: "Mercado publicitário conservador e reacionário"

E o forte papel dos negros em nossa cultura está certamente se refletindo em nossa propaganda.

Homem no papel de mulher

E o Movimento Feminista, tema controverso, mas impossível de ser ignorado nos EUA. Esses comerciais tratam da mudança dos papéis do homem e da mulher. Tratam deles de maneira gentil, mas não os deixam de lado:

- Pai põe fraldas no bebê;
- Homem lava roupa;
- Homem torna-se objeto sexual, e a mulher lança olhares de admiração;
- Homens cujas mulheres trabalham, até mesmo cozinham em nossos comerciais;
- Mulheres vão trabalhar em empregos que tradicionalmente não eram seus;
- Mulheres podem entrar em bares;
- Ou dirigir caminhão;
- Mulheres podem entrar na política;
- Mulheres vão trabalhar e papai fica em casa com as crianças. Claro que tudo aconteceu na Suíça, diz o comercial;
- Mulher chefe e empregado homem.

Wolf D. Rogosky, alemão, formado em Filosofia e História da Arte, editor e consultor de várias empresas alemãs, entre elas o Grupo Internacional GGK.

De propaganda, quem entende é a doméstica

Uma observação válida para o consumo de uma maneira geral, para os cigarros em particular e mais recentemente para as bebidas alcoólicas, é que, durante os últimos anos, a propaganda sofreu certo desgaste. Os que criticam a

sociedade de consumo, olham a propaganda e dizem: querem que você desembolse o que não tem, para coisas de que não precisa. Por outro lado, os maníacos do consumo deduzem: a propaganda tem muito pouca informação. Paralelamente, a empregada doméstica conclui: "quem acredita vive feliz".

"Dessas três atitudes, a da empregada doméstica me parece a mais coerente. É inteligente sem ter pretensão. Tanto os críticos quanto os maníacos de consumo superestimam o valor da propaganda. E levam à conclusão de que a propaganda precisa realmente ser eliminada ou, pelo menos, realmente modificada pela raiz. E ambas as conclusões implicam uma boa dose de ridículo.

Humor, compra-se?

"Mas existe ainda outro tipo de moral, caracterizado pela conotação social, que diz: o dinheiro poderia ser melhor aplicado, mais útilmente do que na compra de cigarros, hot-pants, uísque e cilindradas. Resta perguntar aonde estariam estas coisas melhores a serem compradas. Estariam por acaso na fantasia, no humor, na bondade, na perspicácia e em outras sabedorias?"

Informação não se busca em propaganda

"Dois fatores muito simples se opõem à objetividade em propaganda. Em primeiro lugar, todo mundo sabe que a propaganda é paga. E, em segundo, todo mundo sabe que todo mundo sabe disso. Os produtores sempre pagaram mensagem em seu próprio interesse. E os consumidores, que sabem, esperam e acreditam nisso, não buscam na propaganda as informações objetivas. Informações objetivas, o consumidor procura nas páginas e editoriais das revistas e dos jornais (que são páginas que ele paga com o dinheirinho do próprio bolso). Nunca consegui entender a razão pela qual os nossos grandes médias não se ocupam mais com textos relacionados com consumo. Especialmente quando se pensa que dois terços das nossas decisões diárias estão diretamente relacionados com o consumo".

Silvio Garcia Patto, mexicano que depois de trabalhar nas maiores agências da Europa e dos Estados Unidos, fundou a Garcia Patto Y Associados, na Cidade do México.

Assim não é possível

"É lamentável que num negócio em que se necessita de criatividade, a maioria seja remunerada como há cem anos atrás, à base de comissão. Enquanto persistir essa situação, a atividade do publicitário não poderá atingir o grau legítimo de profissão. Imaginem a imagem profissional dos médicos se, em lugar de cobrar honorários profissionais, cobrassem uma comissão sobre os medicamentos que receitam..."

A agência do ano 2.001

"Vamos analisar algumas previsões, não profecias. Enormes e aceleradíssimas mudanças sociais obrigaram a um desenvolvimento criativo que modifique o meio e permita-nos exercer uma função orientadora muitíssimo mais valiosa que a função de espelho que refletindo a imagem idílica e estereotipada de uma sociedade que se encontra desorientada e sobrecarregada pela incessante adaptação a um meio-ambiente que, em constante mudança, é quase ilusória. (...) Junto do desenvolvimento das ciências e técnicas da comunicação, criar-se-ão agências que serão não empresas mercantis, mas escritórios de profissionais liberais especializados na criação e competição de mensagens de persuasão..."

Criatividade será reconhecida

"... o mesmo desenvolvimento tecnológico destacará, por contraste, a habilidade humana mais preciosa: a criatividade, o verdadeiro, o genuíno talento criativo entrarão numa etapa de inusitado auge e reconhecimento público".

Pelo vídeo-telefone

"Hoje a publicidade é uma profissão acadêmica. Muitas universidades mexicanas entregam títulos profissionais a centenas de jovens, anualmente. Esses jovens profissionais se encontram com um mercado publicitário excessivamente conservador e reacionário, no qual não se encaixam ou não recebem oportunidades. Em qualquer dos dois casos, a imensa maioria é levada a operar independentemente, o que nos leva à seguinte predição: o desenvolvimento técnico significará a alteração dos meios publicitários. Deverão surgir meios que não contenham material de entretenimento, mas um material publicitário-informativo que poderá ser consultado por meio de vídeo-telefones".

TV perderá para jornais e revistas

"Chegará o dia em que o público rejeitará a publicidade em cinema e televisão, onde busca entretenimento e procurará a publicidade bem realizada em jornais e revistas, que hoje já proporcionam informação e orientação".

"Faz anos que se vem predizendo o desaparecimento da comunicação escrita; o rádio ia fazê-la desaparecer; a televisão deveria tê-la liquidado; o cinema arrasaria com o livro... Felizmente, não foi assim. O filme e o programa de televisão nos confrontam com uma percepção acabada, que não precisa e nem admite a nossa complementação. A letra imprensa nos pede, nos exige enriquecer a história com a nossa própria imaginação e com nossa maneira pessoal de perceber as coisas. Um fato curioso: um dos maiores apologistas da superioridade dos meios áudio-visuais sobre os meios escritos, Marshall McLuhan, teve que recorrer à escrita de livros para nossa informação..."

O promotor do Encontro: "Foi preciso um inglês vir dizer que somos pobres imitadores"

Para João Natale Netto, presidente da Associação Paulista de Propaganda, organizadora do 1º Encontro Internacional de Publicidade, apesar de algumas falhas debitadas à conta da inexperiência, o saldo da promoção foi "extremamente positivo".

Conscientizou o publicitário e o anunciante brasileiros da importância da propaganda dentro de um mercado como o nosso, que é o sétimo do mundo. Só este ano, o Brasil investiu em publicidade aproximadamente um bilhão de dólares (1,5% do Produto Nacional Bruto), através de mais de mil jornais, 550 revistas, mil rádios, 70 emissoras de televisão.

Mas o ponto mais importante do encontro, segundo Natale Netto, é que pela primeira vez o publicitário brasileiro teve que tomar consciência de algo que poderá provocar uma revolução na propaganda brasileira:

Embora soubéssemos disso, não admitíamos. Foi preciso que um inglês, Edward Booth Clibborn, viesse nos dizer que não passamos de pobre imitadores da publicidade norte-americana. É verdade: você começa a observar com senso crítico e conclui que alguns chegam a usar até cenários estrangeiros em seus anúncios. Não acho que a nossa posição tenha que ser tão radical a ponto de transformar o Natal em Reizado, mas teremos que descobrir nosso próprio caminho.

Alguns caminhos, críticas e sugestões, além do relato de suas experiências em publicidade, foram ouvidos no encontro da semana passada.

Polêmica

O leitor xinga o outro: burro

Sr.: Aquele leitor fulano-de-tal (nem me lembro o nome), que fez críticas severas ao **AQUI** (no número 3), me desculpem, mas ele é burro. Disse que uma seção de sexo ele encontra na revista tal, que uma seção de moda encontra na revista xis e que uma seção de focos encontra na revista ypsilon; ora, aí é que está! Se ele for comprar essa dúzia de revistas que citou, vai gastar uma pequena fortuna, enquanto **AQUI** reúne tudo isso e custa Cr\$ 5,00! Além disso, diz que não irão arrancar dele outros cinco cruzeiros. E, vejamos só os senhores, o idiota acaba gastando setenta centavos (se é que mora na Capital, pois senão gastará mais) para enviar aquela carta desprezível com um amontoado de besteiras.

Bem, mas não quero fugir ao espírito dessa seção de cartas, que nos pede para escrever "a fim de que todos vivamos melhor em São Paulo". Ao meu ver, o presente jornal é um veículo importantíssimo de comunicação e, por tratar com destaque dos problemas dessa metrópole, tem grande penetração. Assim, a opinião dos leitores é muito importante. As sugestões e problemas que aponto a seguir poderiam (e deveriam) ser aproveitados para futuras reportagens em **AQUI**.

O problema dos atropelamentos em São Paulo — é algo realmente grave, antigo e, ao que parece, sem solução. Em nossa Capital, dezenas de pessoas são atropeladas diariamente e nenhuma providência é tomada para que o pedestre tenha mais segurança. Eu mesmo já fui atropelado três vezes — e tenho dezoito anos! Já presenciei dúzias de atropelamentos e quase-atropelamentos e, sinceramente, não sei o que poderia ser feito neste sentido. Talvez uma pesquisa de **AQUI** mostrasse a todos os paulistanos o perigo que correm a cada dia e o recorde de atropelamentos registrados nesta cidade.

O problema (?) da prostituição — talvez não seja realmente um problema, mas não sei como classificar tal fato. É realmente algo dramático, talvez até mais do que o homossexualismo (tema abordado no nº 1 do **AQUI**). Não se sabe até hoje se as prostitutas são um bem social ou apenas mais um parasita social. Sobre a prostituição em São Paulo tem-se poucos dados. Talvez fosse interessante que o jornal publicasse algo preciso. Certo professor que conheço fez uma pesquisa a respeito de tal tema em nossa cidade, e concluiu que as "profissionais" de tal atividade com 20 anos (em média) têm uma vida sexual de 50 anos ou mais! Vejamos bem, não estou condenando de forma alguma a prostituição ou o homossexualismo; acho apenas que tais problemas merecem mais atenção de jornais como esse. Países como a Holanda, a Suécia, a Alemanha e a Inglaterra apoiam tais minorias por acharem-nas benéficas à sociedade e por contribuírem, inclusive, no controle populacional. E no Brasil, qual a opinião geral? Seria interessante verificar.

O aborto clandestino em São Paulo — é realmente outro caso que merece investigação mais profunda e direta deste semanário. É uma pergunta séria: será que os brasileiros aceitaríamos com a mesma tranquilidade com que aceitaram a idéia do divórcio, o fato da legalização do aborto em nosso país? Talvez tal legalização nunca venha a acontecer, mas seria interessante saber a opinião popular.

Educação e escolas — outro tema que deveria ser abordado no jornal **AQUI**. Os vestibulares continuam com muitas falhas, de modo que só os "super-gênios" das cruzinhas é que conseguem ser aprovados. E, enquanto a maioria dos estudantes quebra a cara nos vestibulares, enquanto o mercado de taxas-de-inscrição amplia-se mais e mais, proliferam fábricas-de-diploma em nossa Capital — até diplomas de Medicina! É um problema realmente difícil de ser resolvido.

Mário Arnone Filho, Capital.

CLAUDIO HENRIQUE BASILE apresenta LEILÃO DE NATAL NO PÁTIO

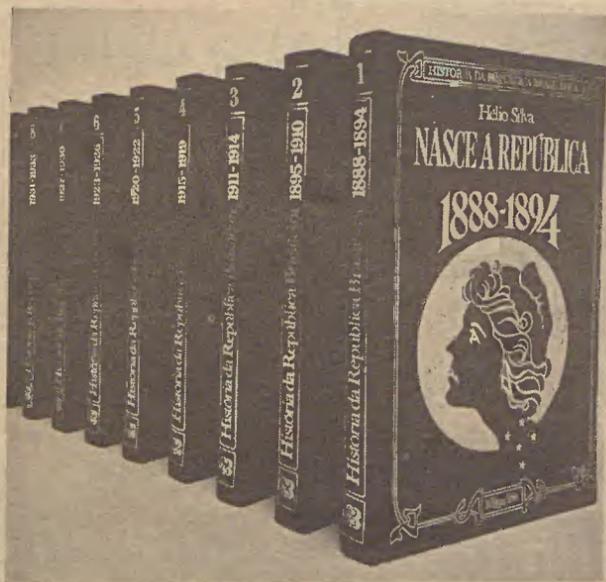
Leiloeiro Oficial — Ary André

Porcelanas Cia. das Índias — Tapetes Persas-Pratas portuguesas séc. XVIII e XIX — Imagens brasileiras — Quadros séc. XVIII e XIX — Móveis antigos — Cristais, Baccarat, Webb-Corbet, Gallé Marfins, netsukes, pedras duras — Antiguidades, etc.

Decoração: Flávio Phebo e Sérgio da Fonseca

Exposição dias: 13 e 14
Leilão dias: 16, 17, 18, 19 e 20 de dezembro às 21 h.

Av. Angélica, 2016 — tels.: 256-2542 e 256-3436
Financiamento: Banco Real — Ag. Estados Unidos



Esta semana, o prêmio vai para o leitor César Wulf.

César Wulf pode retirar a coleção de livros de Hélio Silva à avenida Paulista 2.006, 15º andar, com dona Suely (fone: 288.1133). O aviso é válido também para o leitor Ivan Lasco Rotundo, premiado na semana passada.

A coleção completa da obra "História da República Brasileira", do historiador Hélio Silva, custa Cr\$ 600,00.

Esse será o seu prêmio, se a carta que enviar para **AQUI** for selecionada com a melhor da semana.

Sua carta pode relatar um fato, propor uma discussão, sugerir a solução de um problema paulistano, abrir debate com outro leitor ou a partir de matéria publicada, enfim, vamos transformar o leitor em nosso colaborador.

O critério adotado para as selecionadas: as que reflitam melhor o espírito comunitário e de defesa de nossa cidade.

O elefante branco que passeia pelos trilhos

Sr.: Como a maioria dos leitores deste novo jornal, também apresento minhas palavras de elogio e de incentivo para vocês, companheiros de luta. Ainda com respeito ao jornal, confesso que apresenta algumas falhas na minha modesta maneira de ver, acho que há muito espaço impresso sendo mal utilizado; todavia, compreendo que estão no início, portanto, numa fase de elaboração, análise e aprimoramento. Mas, o objetivo principal de minha carta é indagar sobre um problema (clamoroso) existente nesta querida Megalópolis e que, até agora, nós profissionais da imprensa, não tivemos coragem ou pudemos, por razões óbvias, trazer à tona e fazer uma defesa, como é dever da classe.

Compartilho diariamente com o sofrimento de mais de 50 mil pessoas que são obrigadas a utilizar os serviços de transportes suburbanos de Santos a Jundiaí. Como todo nosso sistema de transporte de massa também está abaixo da crítica, porém, não vou enumerar as falhas e citar apenas dois pontos que considero contundentes e vergonhosos.

Primeiro é a questão dos rotineiros atrasos. Para poder chegar ao trabalho na hora, ou com apenas alguns minutos de atraso, sou obrigado a sair de casa duas horas antes e tudo isso porque moro em Santo André. Outro colega jornalista, que tem o azar de residir em Mauá, é obrigado a abandonar a companhia dos familiares cerca de três horas antes, porque nunca sabemos quando teremos o próximo subúrbio. Sei de vários repórteres que procuraram a direção da empresa à procura de explicações, mas jamais foram recebidos por qualquer responsável pelo "Elefante Branco" (a não ser que os rapazes da segurança, bem treinados contra jornalistas, sejam os responsáveis). De certo colega exigiram que as perguntas fossem feitas por escrito: até hoje ele aguarda as respostas (coitado).

O público, este eterno esquecido, só é lembrado e citado quando ameaça apelar para a depreciação (medida que condeno); como já aconteceu por duas vezes. Nas raras oportunidades em que a imprensa ameaçou tocar no assunto, constatou-se que muitas firmas se recusavam a admitir funcionários que utilizavam o subúrbio da Santos-Jundiaí como meio de acesso até o emprego. Também as famigeradas notas de justificativa, fornecidas pela Estrada de Ferro, não eram mais aceitas pelos patrões que, de certa forma, não deixam de ter sua parcela de razão — porém, o usuário tem menos culpa ainda.

O segundo problema, este me deixa de coronárias dilatadas, é referente à "Máfia do Troco". De cada 10 vezes que se toma o trem, oito não se recebe o troco na íntegra. A tarifa é de 0,70 centavos e, seja qual for a quantia que se dá para pagamento, sai-se sempre "furtado". E, se reclamar, recebe em troca a agressiva resposta: "Por que não traz o dinheiro trocado?" Será que o usuário é obrigado a ter um "saco" de moedas para não sofrer mais um desfalque no seu vasqueiro salário no fim do mês?

Acontece que o dinheiro para o troco existe, pois já tive oportunidade de verificar tal fato "in loco". Passei algumas horas de vigília junto a alguma bilheteria e observei que o dinheiro é sorrateiramente escondido sob o balcão, fora do campo de visão do passageiro (há alguns anos atrás isso não acontecia). Certa vez desconfiei que eu era repórter e passaram a me vigiar com "cara de poucos amigos". O jornalista de Mauá realizou um excelente trabalho de reportagem abordando a matéria, mas, o seu jornal, ignora por que não publicou-a, como outras que levantou sobre o "drama" dos transportes suburbanos. O salário do nosso operário (incluindo o nosso) está muito aquém da realidade para que fique sendo sugado com conta-gotas por falta de fiscalização ou falta de honestidade de alguns funcionários.

Dinheiro para o troco não falta, por que então negar o que é de direito? Se os funcionários se julgam mal remunerados, que façam suas reivindicações. Afinal, nossos salários também são mingua-dos, como já disse, pois caso contrário, não me sujeitaria a viajar enlataado todos os dias.

A imprensa gasta tanto espaço com "oba-oba" e massacra tantos repórteres com matérias vazias, por que não se toca neste assunto em benefício da coletividade? Quem sabe, **AQUI** possa, com sua inovação, mexer na ferida?

Há algum tempo atrás ouvi de um popular na fila da bilheteria da Estação da Luz: "Dai a César o que é de César, dai a Deus o que é De Deus; dai-me o troco (por favor) que é meu"

Jornalista Ubirajara Moreira da Silva Júnior, Santo André.

Inocente, mas como adivinhar?

Sr.: Sábado passado, às 4 horas da tarde, apertei a campainha da casa de meu amigo Escaldas, para pedir a ele a harmonia da música **All the things you are**, quando passou uma veraneio do Tático Móvel e desceram quatro marçianos de dentro dela.

Um deles chegou perto de mim, arrancou a minha bolsa à força e começou a revistá-la como se, em vez de funcionário do Produto Nacional Bruto e do desenvolvimento com segurança, eu fosse o principal passador de fumo da Zona Sul.

Dentro da minha bolsa havia os seguintes objetos: uma cédula de identidade, uma carta de motorista, uma carta de motociclista, um talão de cheques, uma fita cassete com a trilha sonora de **Amarcord**, uma conta de luz, um maço de Marlboro, um isqueiro cricket, um recorte de classificado do Estado de São Paulo, 450 contos em dinheiro, o certificado de propriedade de um MP Lafer, um bilhete da Loteria Federal, dois bilhetes particulares e um poema de Saint-John Perse.

Proteste contra essa invasão de minha intimidade num país em pleno gozo de suas garantias constitucionais e democráticas e, por causa disso, o marçiano falou assim: "Ah, você não tá gostando? Então vamos falar com o delegado".

Fui empurrado para dentro da veraneio laranja e preta e levado a um senhor de terno branco na rua Groenlândia, que, logo de cara, me fez ver que eu era um cara privilegiado: "O sr. deve dar graças a Deus por estar num país livre, onde nós zelamos pela sua segurança e pela segurança de sua família. Como é que a gente vai saber que o sr. não deve nada, a não ser deste jeito? E se o sr. estivesse com um revólver na bolsa?"

Quer dizer, o que eu entendi é que, num país livre — e nós estamos num país livre e democrático — todo cidadão é considerado culpado, até que ele prove o contrário. E foi aí que eu entendi também o resultado de uma pesquisa divulgada outro dia pelo Estadão, que revelou que o maior medo da população de São Paulo é de ser presa pela polícia; em segundo lugar vem o medo de ser assaltada.

Sob o título "Averiguações", foi feito o boletim de ocorrência nº 4860, registrando a intervenção da guarnição chefiada pelo marçiano nº 9816.

Quero agradecer, das colunas deste jornal, ao coronel Antônio Erasmo Dias, pelo zelo com que a sua polícia defende a cidade do perigo que eu represento para ela, eu e milhares de outras pessoas presas aleatoriamente enquanto apertam as campainhas talvez de suas próprias casas — ainda que a custa da criação, na opinião pública, de uma noção orwelliana da realidade.

Só peço desculpas a ele se, da próxima vez que esse episódio se repetir, eu fizer como o personagem daquele samba de Paulinho da Adelaide e chamar o ladrão para me acudir.

O único perigo que a sua proteção oferece, Coronel, é o dos protegidos se lembrarem das palavras de Vasco Pratolini, na boca de um operário esmagado pela repressão, na Itália fascista: "Vai chegar o dia neste país em que até a luz do sol terá de ser conquistada atrás de uma barricada."

Carlos Wagner Gomes de Moraes, Capital.

700 tipos de pulgas

Sr.: Consoante afirma Figueiredo Ferraz, "São Paulo precisa parar pois até dejetos humanos são encontrados na rua".

Sabemos que 40% da poluição do ar vem dos veículos automotores; sabemos que os gastos da Nação com acidentes de trabalho ultrapassam 8 milhões de cruzeiros; sabemos que o Brasil é o campeão mundial de acidentes de trabalho; sabemos que se os acidentes de trabalho registrados durante os 12 meses de 1974 tivessem se registrado num só dia, seriam necessários 500 Maracanãzinhos para receber todos os acidentados; sabemos que em São Paulo existem de 6 a 8 mil prédios que oferecem risco de incêndio; sabemos que existem em São Paulo 240.000.000 milhões de ratos; sabemos que existem em SP mais de 700 espécies de pulgas (1.400 no Brasil). Por que a imprensa, ao invés de dar 400 linhas de desgraças, não intercala 200 orientando o povo a se defender de situação tão insegura? Dai minha sugestão: **AQUI** criar uma seção técnica, ensinando o leitor a prevenir-se de cada problema que lhe surgir.

Helio Kiyokuji Hanashiro — Capital



J. RODRIGUES MATIAS

O NOVO MANDAMENTO: É PECADO IMPORTAR.

José da Silva anda por aí, de jornal na mão, gritando que o País deve estar falido. Razão: o jornal diz que o Governo promulgou, de uma só vez, 29 diplomas legais, para acudir à situação do balanço de pagamentos. José da Silva lembra-se de quando vai ao médico: 29 remédios de uma vez, (5 Decretos-Leis, 3 Decretos, 12 Resoluções, 6 Comunicados, 1 Circular e 2 portarias) só para doente à beira da morte. É por isso que pensa que o País deve estar falido.

José da Silva não entende linguagem de médico nem jargão de economista. Quando lhe falam de crescimento negativo do PIB, ele não entende, porque não sabe o que é PIB nem pode compreender que haja crescimento negativo.

O PIB É IMPORTANTE?

Explico a Silva o que é Produto Interno Bruto: é, mais ou menos, a soma de todas as despesas privadas e públicas feitas num país, durante um ano. Quem gasta muito adquire muita coisa. Quando se adquire muita coisa, fabrica-se ou importa-se muita coisa. Quer dizer que um país de grande PIB é um país rico. Todo mundo quer que o seu PIB cresça.

Pergunta de JS:

— O salário que eu pago à minha empregada aumenta o PIB?

— É claro que aumenta.

— E o fato de a minha mulher trabalhar em casa sem receber salário diminui o PIB?

— Não aumenta nem diminui: não se pagando nada, o PIB não aumenta nem diminui.

— Então, se eu mandar a minha mulher para casa da mãezinha dela e passar a dormir com uma nova empregada, pagando-lhe salário, aumento o PIB?

— É claro que aumenta.

JS fica pensativo. Passa as pontas dos dedos nas guias do bigode e arrisca mais uma pergunta.

— Se a tropa toda vier para a rua, com todos os seus automóveis, tanques e aviões gastando gasolina, dando tiros de espingarda, de canhão e de metralhadora, até se acabar a munição e a gasolina, comendo filé minhon em vez de feijão com arroz, isso também viria aumentar muito o PIB, não?

— É claro que aumentaria.

— E que proveito tiraria eu, ou o Brasil, desse aumento do PIB, à custa da abolição das esposas e dos gastos em gasolina, munição e filé?

Encolhe os ombros. Vai ser difícil explicar a JS o que são meios de pagamento em poder do público e o que é velocidade de circulação da moeda.

O PNB É IMPORTANTE

Silva continua não entendendo opacote colossal de 29 diplomas legais promulgados pelo Governo, na semana passada. Tenta explicar o que é PNB e balanço de pagamentos.

— Além do que gasta internamente, um país também vende coisas aos outros países e compra deles outras coisas. Isso se chama comércio externo. Se a gente soma as despesas internas com o total do comércio externo, o total chama-se Produto Nacional Bruto, ou PNB:

— E eu com isso? — pergunta desinteressadamente Silva.

— Isso é muito importante para nós todos, porque é preciso pagar aos outros países aquilo que compramos deles. O uísque que



Frase do Ministro Velloso, em São Paulo, durante um congresso: "Importar é pecado". Frase do Ministro Simonsen (foto), também em São Paulo, dias depois: "Há pecados mortais e pecados veniais. Importar é pecadinho médio".

se manda vir da Escócia tem que ser pago no dinheiro dos escoceses em Libras. Então, é preciso a gente ter Libras. As

Libras, a gente obtém vendendo café para os escoceses, os ingleses e os galeses. Mas precisamos de obter com as vendas tanto dinheiro como o que gastamos com as compras, se não, ficamos endividados. Como é que iríamos pagar?

JS tem a impressão de que fez uma grande descoberta.

— Então é por isso que estamos falidos?

— Calma aí, sr. Silva. Nós não estamos falidos. Apenas acontece que, no ano passado, compramos 7 bilhões dólares a mais do que vendemos. Este ano, vamos ficar a dever aproximadamente outros 7 bilhões de dólares. Isso é muito dinheiro para o sr., mas, para um país como o Brasil, não é assim tão importante.

— Mas proibir importações não resolve: os ricos vão continuar a beber uísque de contrabando, porque não se importam com o preço.

— O uísque é uma pequena coisa, sr. Silva.

— Eu sei que é. O importante é a gasolina, o cobre, o alumínio, as máquinas para as indústrias, os reatores atômicos, o aço, a matéria-prima para plásticos e fibras artificiais, os adubos fosfatados e nitrogenados, os motores para aviões, os transistores, os circuitos impressos, e outras coisas que tais, que eu não sei o que são, mas estão escritas aqui no jornal. Vamos deixar de importar tudo isso?

— Não, sr. Silva. O Governo permite a importação de muita coisa. O que é indispensável pode ser importado. Só que as importações têm que pagar direitos e é preciso fazer um depósito igual ao custo da mercadoria, para ficar em poder das autoridades durante um ano.

— E isso não vai encarecer os produtos aqui dentro?

— Talvez, um pouco.

— Pouco ou muito, não sou eu que pago? E, se eu comprar menos, as fábricas não vão produzir menos? E, se produzirem menos, não acabarão mandando os empregados embora? Eu não estou sujeito a ficar desempregado?

A PROIBIÇÃO É IMPORTANTE?

A pergunta de Silva tem certa razão de ser. Explico-lhe que o Governo pensou nela e por isso tomou medidas para animar a construção civil e investir em infra-estrutura, a fim de abrir novas frentes de trabalho, para a hipótese de se verificar alguma queda no índice nacional de emprego. Silva, porém, parece ter dentro dele um bocado de dúvida roendo como vinagre forte. Apenas muda de assunto:

— Se a gente vai deixar de comprar dos outros, como é que os outros vão continuar a comprar de nós?

— O nosso Governo dá incentivos aos produtos fabricados no Brasil; assim, eles ficam mais baratos, e talvez sejam comprados pelos estrangeiros.

— Talvez sim e talvez não. Se a gente não compra deles, eles também ficam sem dinheiro para comprar. Só vão importar o que for absolutamente necessário. E podem comprar em outra fonte. Os outros Governos também não dão incentivos?

— É claro que dão, sr. Silva, mas a gente tem que lutar.

— É como é que eu posso lutar?

— Produzindo mais e consumindo menos, para poupar.

— Se nós todos começarmos a poupar e não comprar, o sapateiro acaba falindo, mais o lojista de tecidos, mais o vendedor de televisão, mais o dono do cinema, do açougue e da fábrica de automóvel.

Aproveito para elucidar Silva sobre as virtudes da poupança. A poupança vai ser investida e é com o investimento que a economia cresce. Mas a filosofia de Silva, mobralineamente tortuosa, corta, sem piedade, o meu raciocínio pela base:

— Se eu gastar tudo que recebo, e que não é muito, o comércio e a indústria vendem, ganham e prosperam. Se eu poupar, só ganha o banco, ou a financeira, ou a Caixa Econômica onde eu vou botar o dinheiro a render. A render o quê? Vale a pena não tomar uma cervejinha ao domingo, para chegar ao fim do ano com 300 cruzeiros de economias, que me rendem 18 cruzeiros? Ao menos, tomando a cervejinha de domingo, eu vivo satisfeito durante uma hora em cada semana, ou sejam 52 horas por ano. Que é que posso fazer com 18 cruzeiros, no fim do ano?

— A cervejinha, o sr. pode beber, porque é nacional. O importante é não gastar o dinheiro em coisas estrangeiras.

— Olha aqui, moço, eu nunca ouvi falar de festa de autoridades, sem uísque estrangeiro. Se as autoridades é que estão lutando para que se importe menos, por que é que bebem do fino estrangeiro?

SUBSTITUIR IMPORTAÇÕES É IMPORTANTE?

— Sabe como a indústria brasileira principiou, sr. Silva? Foi durante a primeira guerra mundial. A gente importava tudo. Com a guerra, nem havia quem vendesse à gente, nem havia transporte para cá. Então, o brasileiro principiou a produzir, já que não podia importar.

— Olha aqui, moço, se brasileiro é capaz de puxar pela cabeça quando não tem as coisas, por que é que não puxa quando as tem? Não há cobre e zinco debaixo da nossa terra? Por que a gente não explora? Não há brasileiro capaz de fazer fábrica de máquinas?

— Fácil, sr. Silva: quando se pode importar à vontade, o produto estrangeiro chega mais barato ao Brasil do que o fabricado aqui, porque os estrangeiros fabricam em grandes quantidades. Então, todo mundo compra estrangeiro e a fábrica nacional vai à falência. É por isso que o Governo está agora obrigando a pagar pesados direitos de importação.

— Entendo — responde cingidamente JS — o que o moço está querendo dizer. Quer dizer que, antes da proibição, eu tinha produto estrangeiro barato e produto nacional caro. Daqui por diante, vou ter só produto caro, nacional ou estrangeiro.

O BEM COMUM É IMPORTANTE?

Silva já ouviu falar do interesse nacional, do bem comum, do bem-estar da Nação, da solidariedade dos cidadãos. Ensinaram-lhe, porém, no Mobral, que o total é a soma das partes. Feijoadá não é boa, se for feita de feijões estragados. Segundo sua filosofia caseira, Silva avalia o grau de prosperidade do seu país, olhando para dentro de sua casa.

Que outro critério de avaliação pode ter JS, que não entende jargão econômico e só é capaz de ler de corpo doze para cima? As autoridades e os mestres têm explicação para as dúvidas de JS. Longas e profundas explicações, coroadas de láureas universitárias. Só que, graças a Deus, JS não entende. Governa-se teimosamente, como pode, com o seu senso comum. Talvez seja por isso que no mundo existe um resto de senso comum. Procuremos não destruir esse resto, e entendê-lo também um pouco.

FIM-DE-SEMANA DO PAULISTANO É DIANTE DA TEVÊ

São Paulo não seria bom campo de ação para um galanteador clássico. Sete entre dez mulheres para quem ele perguntasse "o que você vai fazer nesse fim-de-semana?" responderiam: "vou ver televisão". Uma pesquisa AQUI/Instituto Gallup.

NO ULTIMO FIM DE SEMANA

	Todos os Paulistanos									
	%	Sexo		Classe				Idade		
		%	M	F	A	B	C	D	15/29	30/49
Viram televisão	72	70	75	62	74	84	68	68	72	75
Visitaram parentes e amigos	30	28	31	40	31	29	23	31	29	29
Ficaram em casa estudando/lendo	18	20	16	27	19	16	12	24	12	16
Trabalharam	14	13	14	11	8	16	19	8	17	20
Foram ao cinema	9	12	5	18	6	8	5	18	3	1
Viajaram/passaram o fim de semana fora da cidade.	8	9	7	16	7	11	3	7	10	8
Almoçaram/jantaram em restaurantes	7	8	7	18	7	6	2	8	7	7
Foram ao futebol	6	12	—	10	4	6	6	9	6	2
Praticaram esportes/nadaram/jogaram futebol/tenis/volei	6	10	2	8	7	3	6	13	2	1
Jogaram cartas/baralho	6	7	6	13	7	4	3	8	7	4
Descansaram/dormiram/não fizeram nada	4	4	5	1	2	1	11	4	5	4
Foram ao teatro	3	3	3	5	4	2	—	4	1	2
Foram a bailes	2	1	2	3	1	1	2	3	—	1
Foram a festas de casamento/aniversários	1	1	2	1	2	1	1	1	2	1
Foram à igreja/a missa	1	1	2	2	1	—	3	1	2	2
Outras respostas	11	12	10	13	16	9	10	13	8	17
TOTAIS	199	212	188	253	196	197	174	222	188	190

No último fim-de-semana, os cinemas da cidade apresentaram 148 filmes diferentes, a Campanha de Popularização do Teatro ofereceu 19 peças a Cr\$ 10,00 o ingresso (e mais seis infantis, a Cr\$ 5,00), a Polícia Rodoviária organizou mais uma operação-retorno do litoral, o Parque do Ibirapuera esteve alegre e ensolarado. Enquanto isso, a maioria dos paulistanos esteve como de costume: fechada em casa, em silêncio, de olhos arregalados, banhada pela luz azul da televisão.

Segundo uma pesquisa feita por AQUI/Instituto Gallup, esse é o comportamento habitual de 72% dos habitantes de São Paulo. Principalmente as pessoas das classes B e C (74% e 84% delas, respectivamente) têm na televisão um programa único, que começa a cada sábado e preenche os domingos. Essa proporção diminui nas classes A (para 62%) e D (68%), por motivos que podem ser explicados por outros dados da pesquisa: enquanto a classe A é a de maior mobilidade (a que mais viaja, mais visita amigos, mais come fora, mais vai ao cinema e ao teatro, mais pratica esporte, e é mesmo a que vai aos estádios de futebol com maior regularidade), a classe D alcançou a liderança em dois itens da pesquisa: 19% dos entrevistados nesse grupo trabalharam

durante o fim-de-semana, contra 16,8 e 11% das pessoas das classes C, B e A respectivamente; além disso, 11% dos entrevistados da classe D ficaram em casa descansando, dormindo ou simplesmente não fazendo nada, por não terem as mínimas condições de lazer.

Uma pesquisa comparativa entre Rio e São Paulo revela que há mais habitantes das duas cidades que passam os sábados e domingos lendo e estudando do que praticando esportes. A pergunta feita foi a seguinte: "Eu tenho aqui um cartão com algumas coisas que as pessoas costumam fazer nos fins-de-semana. Quais destas o Sr. (a) fez neste seu último fim-de-semana? Além destas, o Sr. (a) se lembra de ter feito mais alguma coisa?" Os 1.876 paulistanos que responderam a essa pergunta revelaram-se menos dedicados do que os cariocas a atividades sociais como visitar pessoas, ir ao cinema, ao futebol, praticar esportes. Além disso, é mais comum entre os cariocas ficar em casa lendo ou estudando em casa, enquanto os paulistanos vêm mais tevê, descansam ou saem da cidade.

E, segundo a pesquisa, atualmente nem dançar nem ir à missa parecem ser o forte de paulistanos e cariocas.

ATIVIDADES DE FIM DE SEMANA DOS

	PAULISTANOS		CARIOCAS	
	%	%	%	%
Viram televisão	72	70	70	70
Visitaram parentes e amigos	30	32	32	32
Ficaram em casa lendo ou estudando	18	31	31	31
Trabalham	14	19	19	19
Foram ao cinema	9	14	14	14
Viajaram	8	6	6	6
Almoçaram ou jantaram em restaurantes	7	8	8	8
Foram ao futebol	6	9	9	9
Jogaram cartas, baralho	6	—	—	—
Praticaram esportes	6	10	10	10
Descansaram, dormiram, não fizeram nada	4	2	2	2
Foram ao teatro	3	3	3	3
Foram a bailes	2	1	1	1
Foram à Igreja, à missa	1	3	3	3
Foram passear	1	3	3	3
Foram a festas de casamento, aniversário	1	3	3	3
Ouviram música, discos	1	1	1	1
Foram fazer visita em hospital	1	1	1	1
Fizeram tricô, crochê, costuras	1	1	1	1
Foram a boites	1	—	—	—
Foram pescar	1	—	—	—
Namoraram	1	—	—	—
Outras respostas	5	5	5	5



ECONOMIZE GASOLINA. DEIXE O CARRO EM CASA E BOA VIAGEM.

Hoje, antes de pisar no acelerador de um carro, a gente tem que pensar duas vezes.

E quem pensar duas vezes, vai deixar o carro na garagem para viajar.

Todas as nossas capitais e cidades importantes são ligadas por linhas regulares de ônibus.

E eles são atualmente os carros mais econômicos das estradas brasileiras.

Veja este exemplo: para ir de São Paulo ao Rio, 413 km, um automóvel médio gasta aproximadamente Cr\$ 130,00 de gasolina e um grande por volta de Cr\$ 330,00. Mais o pedágio, o desgaste dos pneus, a tensão, o sono perdido.

De ônibus, essa viagem custa cerca de Cr\$ 50,00. Mais o conforto, a segurança, o descanso e a paisagem em cinemascope.

Pense em ônibus. Talvez você não tenha pensado antes, mas você vai gostar.

Um serviço público do



MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES



PONTO-DE-VISTÁ

O trabalhismo, a democracia-cristã e o bipartidarismo

Uma pesquisa recente de opinião pública não deixou de trazer resultados surpreendentes, em matéria de comportamento do eleitorado diante dos atuais partidos políticos: a imensa maioria dos paulistas é favorável à manutenção do regime bipartidário, demonstrando, com isso, uma razoável sedimentação do MDB como agremiação política que traduz os anseios populares. A afirmação não é gratuita: no quadro comparativo, em 1968, o percentual de arenistas que desejavam a manutenção do bipartidarismo era quase exatamente a mesma de hoje, ao passo que os emedebistas defendiam a criação de novos partidos. Atualmente, os emedebistas majoritariamente preferem a manutenção do "status quo" partidário.

Outra revelação, até certo ponto surpreendente: o trabalhismo continua sendo o grande carreador de votos, seguido de perto pela democracia cristã (influências do senador Franco Montoro, a grande "estrela" de televisão do MDB nas eleições de 74?).

O fato é que o eleitoradopaulista (com mais ou menos a mesma projeção no Rio de Janeiro) continua com o bom espírito brasileiro de repúdio a qualquer espécie de radicalismos. A preferência por ideologias (?) trabalhistas e democrata-cristãs revelaria, antes de mais nada, uma posição "centrista", face à esquerda e à direita. Daí o natural combate dos radicais de ambos os lados: as esquerdas, considerando o centro "nocivo" por permitir aberturas à direita; a direita, dentro do mesmo ponto de vista, vendo a possibilidade de "infiltrações" esquerdistas. Em outras palavras: a normalidade institucional (e constitucional) não interessa a nenhuma das minorias, que só poderiam manter suas aspirações de Poder à medida em que se verificasse o êxito da tese do "quanto pior, melhor". Ambas só conseguem sobreviver e ascender no lodo das crises nas quais a força prevalece sobre o bom senso.

Uma frase do governador Paulo Egydio, proferida numa de suas últimas visitas ao Interior, é bastante significativa:

— Num partido, só cabe uma única atitude, que é a união, porque se assim não for, nós estaremos trabalhando contra a própria liberdade que queremos defender.

O significado é profundo, ainda mais se sabendo que tanto na Arena quanto no MDB defende-se abertamente teses de "endurecimento", ao mesmo tempo em que grupos minoritários tentam assumir o controle dos partidos para impor idéias que facilmente levarão a um confronto partidário sistema. E a quem interessaria o confronto? Obviamente aos que sabem que por vias normais de eleições livres e limpas dentro de um processo político regular por essas mesmas eleições, não poderão aspirar ao Poder. E convenhamos — Poder é coisa muito séria.

JOSÉ CARLOS BITTENCOURT

O ano legislativo foi surpreendentemente produtivo, apesar de tudo

Na incrível assembleia, os melhores do ano



Goldman e Nabi, líderes de fato

Mesmo sofrendo acusações de que as eleições de 15 de novembro de 1974 rebaixaram o nível (intelectual, diga-se de passagem) dos deputados estaduais paulistas, a Assembleia Legislativa de São Paulo conseguiu, em 1975, uma produtividade invejável a outras legislaturas, quando o próprio sistema político permitia que os legislativos atuassem de maneira mais efetiva no processo administrativo.

Desde 1964, por exemplo, que a Assembleia não conseguia apresentar um substitutivo a um projeto governamental, capaz de transformá-lo inteiramente e com resultados altamente positivos para a população, obtendo inclusive o reconhecimento do Governo (autor da propositura original): trata-se da lei que regulamentou o uso do solo.

Enviada à Assembleia pelo governador Paulo Egydio, como projeto destinado a preservar os recursos hídricos, a atual lei de uso do solo foi inteiramente elaborada no Palácio Nove de Julho.

Na discussão da matéria, depois de muitas investidas e idênticos recuos, somaram-se as comissões de Justiça e de Economia e Planejamento, mais a assistência técnica da Secretaria dos Assuntos Metropolitanos. A tese do presidente da Comissão de Justiça, o deputado Evandro Mesquita, do MDB, acabou prevalecendo e transformando-se no consenso da maioria dos parlamentares paulistas. Não se poderia, segundo ele, limitar-se a defesa dos mananciais hídricos da Grande São Paulo apenas à proteção das áreas próximas às represas, mas estendê-la a todos os alimentadores desses mananciais.

Esse projeto foi o ponto culminante da atuação do emedebista Evandro Mesquita, na presidência da Comissão de Justiça,

definido como o ápice de um trabalho sério e organizado desenvolvido naquela comissão.

A Assembleia, apresentando pela primeira vez desde 64 o Governo em minoria, não negou, por outro lado, instrumentos para que esse mesmo Governo pudesse atuar. A negativa à suplementação orçamentária de 2,4 milhões de cruzeiros foi substituída pela aprovação, em tempo recorde, de um empréstimo externo de 300 milhões de dólares. Reconhecia o MDB que o Governo estadual não poderia interromper obras por simples capricho de disputas pessoais dentro do partido oposicionista.

Estabelecido um determinado equilíbrio na bancada oposicionista, onde não se admitia mais a "transfusão" de apoios a determinadas iniciativas, o líder Alberto Goldman somado a deputados como Del Bosco Amaral, Nelson Fabiano, Robson Marinho, Néfi Tales, Evandro Mesquita, João Gilberto e outros, obtinha a desejada unidade da maioria da bancada. A partir daí, havia diretrizes a serem seguidas e que culminaram com a aprovação da tese segundo a qual o MDB não poderia negar instrumentos à ação governamental, mas fiscalizar essa mesma ação, criticando-a ou aplaudindo-a.

Nas comissões especiais de inquérito, somente um grande destaque: o deputado Augusto Toscano, do MDB, presidente da Comissão de Terras — que examina problemas de grilagem, principalmente — conseguiu levantar dados que deixaram a Assembleia estarelecida.

Nos bastidores, uma atuação que não admite contestações: o líder do Governo, deputado Nabi Chedid, graças a manobras habilidosas e de acordo com os mais exigentes códigos políticos de ética, teve o mérito

de transformar em miúdos, para a maioria dos emedebistas, os projetos governamentais, conseguindo a aprovação de sua esmagadora maioria. Cumprimentado no fim do ano legislativo por toda a bancada arenista, inclusive pelo ex-rebelde Januário Mantelli Neto, também os oposicionistas reconheceram que a atuação de Nabi contribuiu para o reerguimento da imagem do Legislativo perante a opinião pública. Só houve uma exceção: o senador Orlando Gabriel Zancaner, tendo ao seu lado o chefe da Casa Civil, Arrobas Martins, telefonou para Nabi criticando o fato de sua indicação para o Tribunal de Contas do Estado não ter sido votada ainda este ano. E há uma contradição evidente: o próprio Zancaner reconhecia que, para ele, seria até melhor que o seu nome fosse aprovado em março, pois teria três meses de férias. Na realidade, a maior pressão sobre os deputados foi exercida pelo seu suplente Otto Cyrillo Lehman, que desejaria passar o Natal como senador da República. E, em última análise, só não se votou o nome de Zancaner para o TC diante das pressões de Otto e de Zancaner, via presidente da Assembleia, deputado Leonel Júlio, que assumiu um compromisso que não poderia cumprir: a Assembleia entrou em recesso e a mensagem não foi apreciada.

Em plenário, o destaque também indiscutível, apesar da boa atuação do emedebista Del Bosco Amaral: o líder do MDB, Alberto Goldman, transformou uma liderança agitada, no princípio, em reconhecimento da maioria da Oposição de que sem ele o MDB poderia literalmente "cair pelas tabelas". Apesar de Goldman não desejar o continuísmo, talvez em março seja obrigado pelos seus companheiros a permanecer na liderança, pois um novo consenso em torno de outro nome, no momento é impossível.

BOLETIM

NOTA ALTA

O deputado Del Bosco Amaral, do MDB e 1º secretário da Assembleia, obteve um êxito importante: foi ele o articulador da reforma administrativa, a primeira nos últimos 18 anos e que — pelo menos teoricamente — dará aos deputados melhores condições de trabalho, através de assessorias especializadas, além de melhorar o nível de vencimentos do funcionalismo. Haverá óbvias contestações, mas o fato é rigorosamente verdadeiro: foi uma vitória pessoal de Del Bosco.

NOTA MÉDIA

Nos bastidores, uma atuação surpreendente: o deputado Januário Mantelli Neto, da Arena, decidiu deixar de lado a exaltação de ânimos, para se transformar, rapidamente, numa das peças-chave do seu partido na Assembleia. E, por méritos próprios, foi eleito para a presidência da nova Comissão de Segurança Pública. Vale o registro: ascensão inesperada.

NOTA BAIXA

Comportamentos do tipo do deputado Adail Batorazzo, da Arena, é que destroem a imagem da classe política na opinião pública. Ao ser discutido o projeto governamental que criou o Instituto de Aposentadoria dos deputados estaduais (via Ipesp), Vettorazzo defendeu com unhas e dentes a extensão do benefício para os vereadores interioranos. Ele, pessoalmente, seria beneficiado, pois foi vereador. Nota. Zero.

CIRCUITO FECHADO

As más línguas comentam com insistência o "choque de opiniões" registrado outro dia em palácio entre o chefe da Casa Civil, Arrobas Martins, e o líder do Governo na Assembleia, deputado Nabi Chedid. Arrobas tentava obter do líder uma definição — contra ou a favor — da indicação do ex-deputado Fauze Carlos para a sub-chefia da Casa Civil para Assuntos Parlamentares. Mas o próprio Fauze estaria reticente: depois de ser indicado pela área limista para vários postos importantes e depois aderir à Arena-2 de Paulo Salim Maluf, uma sub-chefia poderia significar a derradeira "aposentadoria política". * O presidente da Assembleia, deputado Leonel Júlio, procura convencer os deputados estaduais que devem aderir à sua tese (ou de Zancaner/Otto Lehman?) de convocação extra da Assembleia pelo governador. E costuma dizer, ao pé-do-ouvido, que está "tudo quase acertado", lembrando ao mesmo tempo que os deputados terão um "reforço" para o Natal de 13 mil cruzeiros...

CLAUDIO HENRIQUE BASILE apresenta LEILÃO DE NATAL NO PÁTIO

Leiloeiro Oficial — Ary André

Porcelanas Cia. das Índias — Tapetes Persas — Pratas portuguesas séc. XVIII e XIX — Imagens brasileiras — Quadros séc. XVIII e XIX — Móveis antigos — Cristais Baccarat, Webb-Corbet, Gallé Marfins, netsukes, pedras duras — Antiguidades, etc.

Decoração: Flávio Phebo e Sérgio da Fonseca
Exposição dias: 13 e 14
Leilão dias: 16, 17, 18, 19 e 20 de dezembro às 21 h.

Av. Angélica, 2016 — tels.: 256-2542 e 256-3436
Financiamento: Banco Real — Ag. Estados Unidos



POSITIVO

Entre os 23 deputados federais escolhidos pela imprensa como os melhores deste ano, 7 são paulistas: 5 do MDB e 2 da Arena. Um bom saldo para a nossa representação no Congresso Nacional.

Entre os melhores, 7 paulistas

Os trabalhos legislativos de 1975 no Congresso Nacional foram encerrados na última sexta-feira, dia 5, tendo sido escolhidos, na véspera, pelo Comitê de Imprensa da Câmara, os "Melhores Deputados do Ano", nos setores de Comissões, Plenário e Política. Dos 23 nomes que figuraram nas três listas, sete integram a representação de São Paulo naquela Casa do Congresso. São eles os deputados Ulisses Guimarães, Presidente Nacional do MDB, Freitas Nobre, vice-líder da Oposição, Israel Dias Novais (MDB), Francisco Amaral (MDB), João Cunha (MDB) e os arenistas Faria Lima e Cardoso de Almeida, os dois últimos por sua atuação nas comissões.

Apesar da ameaça de cisão registrada no Partido nos episódios que antecederam a Convenção Nacional de setembro e das críticas que recebeu dos deputados renovadores da Oposição, Ulisses continua sendo visto como a grande figura do MDB e, ressalvas à parte, tem o respeito até mesmo daqueles que foram seus adversários na Convenção. Nele, os renovadores apontam o "pecado" de, nos momentos mais delicados da vida política do país, consultar apenas a cúpula partidária e mesmo o de se omitir em algumas ocasiões. Entretanto, reconhecem que suas manifestações, em nome pessoal ou da Executiva nacional, têm forte conteúdo oposicionista, sendo exemplo disto a nota que distribuiu quando do anúncio governamental relativo aos contratos de risco.

Israel Dias Novais, que em 1968 teve seu mandato cassado, conquistou, ao retornar à Câmara este ano, a admiração dos parlamentares mais novos, pelo seu estilo oratório fluente e descontraído. Ajustando sua presença no plenário à proporção das suas qualidades (não se considera recomendável a um bom deputado estar todo dia na tribuna), Israel passou a constituir-se uma atração desde o início do ano. A fora os pronunciamentos mais importantes dos líderes partidários, seus discursos talvez foram os que conseguiram reunir maiores e mais atentas



Freitas Nobre sempre atuante

platéias em 1975. Pelas qualidades oratórias e por outras virtudes políticas, ele se apresenta como um dos candidatos mais habilitados para substituir o atual líder da Oposição, Laerte Vieira.

O arenista José Roberto Faria Lima é, desde a sua primeira legislatura — a passada — um dos mais dedicados, eficazes e estudiosos deputados do seu Partido. Foi ele quem, a partir de 1971, iniciou, no Congresso — inclusive através da promoção de um Simpósio Nacional — uma grande campanha contra a poluição; que direta ou indiretamente determinou várias providências do Executivo, inclusive a constituição da Secretaria do Meio Ambiente. Este ano seus temas prediletos foram a política exterior; o problema da privacidade da informação e as questões relacionadas às atividades do grupo renovador da ARENA.

O deputado Sérgio Cardoso de Almeida continuou sendo um dos mais atuantes membros da Comissão de Agricultura; Francisco Amaral, foi o recordista na apresentação de projetos e o dedicado integrante da Comissão de Legislação social, como sempre. Freitas Nobre e João Cunha, foram, no plenário, frequentes na abordagem de temas sociais e institucionais, tendo sido os primeiros a tratarem do caso "Herzog", da tribuna.

NEGATIVO

Montoro, o inoportuno democrata-cristão

O líder do MDB no Senado, Franco Montoro, se é sempre elogiado por sua capacidade de trabalho e dedicação à função que ocupa, não raro recebe críticas de alguns oposicionistas, por determinadas posições políticas que assume. É verdade que em alguns casos, a antipatia de alguns por Montoro gera, inclusive, injustiças. Isto ocorreu, por exemplo, nos momentos de maior apreensão vividos pelo Congresso, quando da morte do jornalista Vladimir Herzog. Naquela época, o líder da Oposição chegou a propor um diálogo interpartidário, visando a minimizar as tensões, e sua proposta foi entendida como uma tentativa de aproximação com o governo.

Nos últimos dias, outra atitude de Montoro provocou a reação de parlamentares do MDB — inclusive dos chamados "moderados". Desta vez foi sua decisão de viajar para Roma, como convidado especial da Conferência Mundial dos Partidos Democratas Cristãos. Para alguns deputados oposicionistas, a viagem, em outras circunstâncias, ainda poderia ser aceitável, mas não no momento em que o Partido se prepara para nova campanha eleitoral e persistem no noticiário as especulações sobre a possibilidade de uma reforma partidária.

Diante de tais circunstâncias, estes setores da Oposição não estranharam que um jornal tenha publicado que Montoro estava se preparando para reorganizar o PDC no

Brasil. Quando voltou a Brasília, na semana passada, o Senador paulista desmentiu a versão, declarando-se inclusive, contrário a qualquer alteração no quadro partidário.

Na verdade, Montoro não contribuiu para as especulações apenas com a ida a Roma. Enquanto ele viajava, seu gabinete distribuía uma nota à imprensa, enfatizando sua condição de convidado especial, entre algumas "destacadas personalidades democratas cristãs indicadas pelo Comitê Político da Conferência". O texto continha, ainda, outras informações sobre o encontro do PDC, incluindo alguns pontos do programa democrata cristão.

Outra iniciativa que não foi considerada como de interesse partidário foi a apresentação, na semana passada, pelo deputado Joaquim Beviláqua, de um projeto autorizando o registro provisório do Partido Nacionalista e do PDR. A orientação da cúpula do MDB é no sentido de que o Partido defenda a reformulação partidária somente quando a situação institucional do país estiver plenamente normalizada. Assim, do ponto de vista da cúpula oposicionista, a iniciativa de Beviláqua foi das mais infelizes, pois, a menos de um ano de uma eleição em que tem boas perspectivas, não interessa ao MDB estimular o debate sobre a criação de novos Partidos.

Edson Lobão

FORA DE FOCO

O deputado Aurélio Campos propôs à direção nacional do MDB a realização, em "data próxima", de uma convenção extraordinária do Partido, para traçar as linhas mestras da campanha eleitoral de 1976 e debater as formas de melhor esclarecimento da opinião pública sobre a função oposicionista.

Para Aurélio Campos, o povo, despolitizado, "não sabe, sequer, distinguir entre situação e oposição — entre maioria e minoria — ignorando como funcionam os poderes essenciais. ••• O Senador Franco Montoro entusiasmou-se com a idéia do seu liderado pernambucano Marcos Freire, no sentido da constituição de uma comissão de senadores para estudar e propor ao governo um projeto de institucionalização do país, tendo feito contatos a respeito com o Presidente do Congresso, Senador Magalhães Pinto e com outras importantes figuras da ARENA. ••• No show artístico que o Clube do Congresso promoveu, na despedida dos parlamentares que entraram em recesso, três deputados paulistas foram muito aplaudidos: os emedebistas Joaquim Beviláqua que, ao piano, executou "Tico Tico no Fubá"; Edgar Martins — uma voz de barítono — que cantou velhos sucessos como "Creio em Ti", "Santa Lucia" e "Mariana" e o profissional Jorge Paulo, um dos mais votados do MDB na eleição de 1974. Um dos animadores do "show" foi o vice-líder da Arena Blota Junior. ••• Ao deixar Brasília no dia do encerramento dos trabalhos legislativos (dia 5), o Senador Orestes Quêrcia informou que dificilmente virá a esta capital durante o recesso parlamentar, pois pretende continuar se dedicando a tarefa de estruturação do MDB no interior do Estado. ••• Enquanto isto, o Presidente Nacional do Partido, Ulisses Guimarães, dedicará o mês de janeiro a viagens ao norte e nordeste do país, para estimular os correligionários com vistas às eleições municipais de novembro. ••• José Roberto Faria Lima, da ARENA, também percorrerá vários Estados, integrando o grupo de deputados renovadores incumbido de debater o programa do Partido com estudantes, profissionais liberais e trabalhadores. ••• Roberto de Carvalho, o emedebista que pretende a regulamentação da "profissão" de prostituta, apresentou projeto vedando aos clubes de futebol sua participação em jogos de campeonatos oficiais quando devedores de salários e prêmios a seus atletas. ••• O deputado Ruy Codo dirigiu telegrama ao Presidente Geisel acusando o Secretário José Bonifácio Coutinho Nogueira de estar "tumultuando o setor educacional do Estado" com medidas "antidemocráticas e despidas de conteúdo técnico-educacional", contidas no seu plano de reforma do ensino.

BEST-SELLER NA FRANÇA, AGORA NO BRASIL.



O RETRATO SEM DISFARCE DE UM AMOR HOMOSSEXUAL QUE ESCANDALIZOU TODA A FRANÇA.

PROCURE JÁ, ESTÁ ESGOTANDO.

EM TODAS AS BANCAS E LIVRARIAS



Editora Três símbolo de qualidade editorial

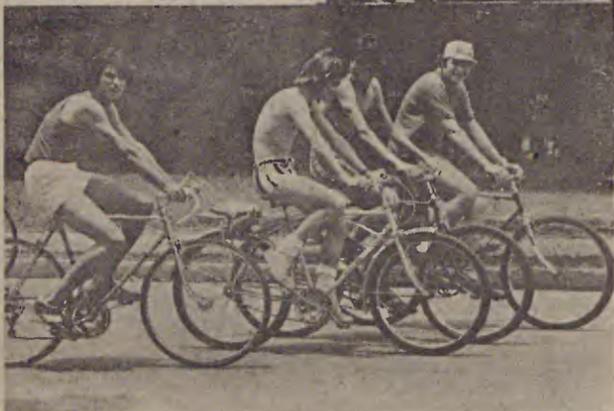
O ciclista dura 5 anos mais



Está para ser liberada no campus da Cidade Universitária uma área exclusiva para os ciclistas; no Parque do Ibirapuera já foram cedidos 5 km, por enquanto só nos fins de semana, entre 8 horas da manhã e 2 da tarde.

Estas medidas tiveram que esperar três anos de longos estudos.

Tempo demais: há muito se sabe que nos Estados Unidos e



na Europa o ciclista vive normalmente cinco anos a mais que a média. Mesmo pedalando nesse trânsito louco.

Caso os carrascos do trânsito não o façam viver muitos anos a menos, o ciclista tem, segundo os médicos, uma expectativa de vida cinco anos maior que a das outras pessoas.

Segundo pesquisas feitas nos Estados Unidos, na França e na Holanda, o ciclista tem mais **capacidade física**; **pensa melhor**, porque a circulação do sangue no cérebro é mais rápida; **dorme melhor**; está sempre **disposto e forte**; tem **mais resistência** a lesões diversas; está **menos sujeito** a doenças dos vasos sanguíneos, a distúrbios da pressão arterial e ao derrame cerebral; **adia a**

arteriosclerose, expulsando os depósitos gordurosos da circulação sanguínea.

Do ponto de vista psicológico, a bicicleta representa um símbolo de independência pessoal diante de uma sociedade que tem no automóvel seu mais importante signo de **status**. Nos Estados Unidos, onde no ano passado venderam-se 13 milhões de bicicletas, a juventude vem redescobrendo, entusiasmada, o meio de transporte em que cada indivíduo depende apenas de suas próprias forças, no qual ao invés de se isolar entre capota e vidros, toma sol e não perde o contato com os pedestres.

Oito regras para sobreviver ao trânsito

Na Alemanha, o governo está fazendo, a cada ano, 400 quilômetros de faixas especiais para ciclistas, até cobrir o país todo; nos Estados Unidos, em quatro anos, construíram-se seis mil milhas de faixas especiais. Na Holanda e na Bélgica, a bicicleta é veículo de uso comum, mesmo para executivos e diretores de empresas.

Enquanto São Paulo não chega a esse ponto, o ciclista deve comportar-se nas ruas como um Gary Cooper atravessando Território Apache em Pé-de-Guerra. Há oito regras para sobreviver ao trânsito:

- * Andar sempre o mais próximo possível do meio-fio.
- * Não avançar com sinal fechado.
- * Não andar sobre as calçadas.
- * Não andar sem as mãos no guidão.
- * Não andar entre os automóveis (além do perigo de atropelamento, os gases de

escapamento podem estontear o ciclista).

* Nas subidas, esforçar-se para manter a bicicleta em linha reta.

* Evitar os buracos e andar devagar em terrenos acidentados.

* Nunca baixar os olhos, por mais que se esteja certo de não haver nada à frente.

Além disso, São Paulo, é uma cidade muito acidentada, com ruas onde seria difícil andar com bicicleta comum. Por isto há uma tendência cada vez maior de comprar bicicletas com câmbio. Com uma bicicleta de dez marchas, o paulista não pode vencer grandes distâncias, sem se esgotar.

Isso não dispensa, entretanto, os exercícios de fim-de-semana em trechos planos, que darão ao ciclista mais condições de enfrentar as ladeiras da cidade, nos dias de trabalho.

Para os treinamentos, convém usar marchas curtas.

aqui,
o esporte.

alberto helena jr.

Os reforços de Corinthians e Palmeiras

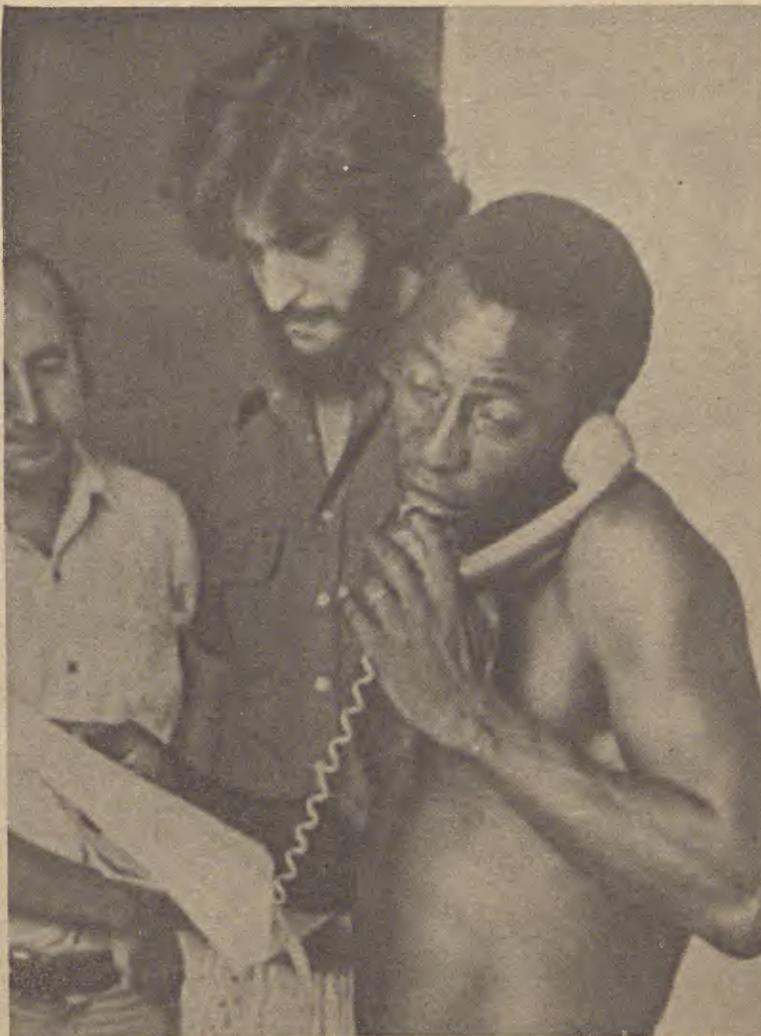
O Palmeiras precisa de um meia-armador jovem mas experiente, enquanto o Corinthians continua sentindo a falta de um jogador maduro, calmo e capaz de dar regularidade ao seu meio-campo. Como Ademir da Guia completa na próxima temporada 34 anos de idade e mais de dez no Palmeiras, deverá ganhar passe livre, por determinação da lei.



Paulo César do Internacional, de 25 anos de idade e considerado o melhor armador desta Copa Brasil, para armar um ataque arrasador com o argentino Scotta, mais Toninho (ex-Figueirense), Geraldo (Flamengo) e o velho Nei na ponta-esquerda.

Seu destino, se a vontade de Milton Buzzeto prevalecer. Parque São Jorge.

Ao mesmo tempo, o Palmeiras volta a investir sobre



O último drible de Pelé

Por trás dessa história de Pelé ter jogado pelo Santos e ainda vir a jogar nos próximos dias pelo Vasco e pelo Corinthians, desenrola-se um outro drama: os norte-americanos anunciam para o próximo ano um torneio internacional interseleções, com a participação de EUA, Brasil, Inglaterra e Itália. E justificam a escolha desses países com este argumento: a Inglaterra por ser a pátria-mãe dos EUA, a Itália, pela numerosa colônia italiana em Nova York e o Brasil por ser a terra de Pelé, Rei do Futebol e objeto do maior investimento que os americanos já fizeram até hoje nesse esporte. Pelé, porém, que se despediu da Seleção Brasileira há quatro anos e que pensava seria nos EUA apenas um ponto de apoio para o desenvolvimento do futebol naquele país, não quer jogar contra o Brasil. Mas os americanos querem que ele jogue pelos EUA nesse torneio. Amarrado como está pelos contratos, Pelé começa a sentir o cerco se fechando ao seu redor e estas exibições no Brasil com as camisas de dois times dos mais populares de São Paulo e Rio, além da do seu velho time vão funcionando como uma espécie de alívio de pressão.

Enfim, Pelé não quer jogar contra a Seleção Brasileira, mas conseguirá, apesar de todos os truques que desenvolveu dentro dos gramados, driblar a máquina de fazer dinheiro da qual ele é apenas uma peça, fora do campo?

Os outros caíram. Mas nós caímos muito mais.

As finais da Copa Brasil mostraram claramente que não foi apenas o futebol paulista que caiu: o futebol brasileiro é que está em crise de talentos, dentro e fora de campo. Acontece que os paulistas tiveram um declínio mais acentuado que os demais; por isso, acabou perdendo a chance de classificar ao menos um time para os jogos decisivos.

Senão, vejamos: com exceção de Inter e Fluminense, este a custo de maciço investimento na aquisição de alguns craques de habilidade indiscutível mas de suspeita disposição psicológica para as grandes decisões (Rivelino e Paulo César), os principais centros futebolísticos do país pouco ou nada fizeram. Os gaúchos, se tiveram o Inter tiveram também o

Grêmio, em lamentáveis exibições por esses campos afora. Os mineiros foram até o fim com um Cruzeiro que é apenas pálida imagem do grande Cruzeiro de cinco seis anos atrás, apoiado nas muletas do velho Zezé Moreira precursor de todas as retrancas. Os cariocas, que além do Fluminense, fiavam-se no Flamengo, pois nua Vasco e Botafogo haviam realizado uma das piores performances de sua história, chocaram-se com a dura realidade em pleno Maracanã ao assistirem o seu time preferido ser desclassificado pelo Santa Cruz, uma colcha de retalhos de inexpressivos jogadores do Sul que em Recife encontraram o seu El Dorado: Jair era reserva no Grêmio; Levir foi dispensado pelo Coritiba; Pedrinho, pelo Corin-

tians; Carlos Alberto, pelo São Paulo e depois Grêmio; Mazinho, pelo Santos e Grêmio; Alfredo, pelo Guarani; Luis Fumanchu, pelo Vasco; Pio, pelo Palmeiras. E mesmo assim lá se foi o Santa Cruz, com todos os méritos, para as finais.

Isso tudo, porém, não serve de consolo para o futebol paulista; ao contrário: é sinal de que não houve superação dos outros centros, o que, no fim, é contingência da própria disputa, mas sim que a nossa decadência chegou a tal extremo que conseguimos ficar piores do que os outros que também pioraram.

E, convenhamos, perder para um adversário superior é aceitável; mas perder por sua própria ruindade, isso também é demais.



Minelli sabe o que faz

Rubens Minelli, que está provando ser o melhor treinador do país, vai voltar a São Paulo, depois de ter dado ao Internacional o padrão de jogo mais moderno do futebol brasileiro. Ele volta porque sua família não se deu bem com o clima de Porto Alegre, mesmo

sabendo que até agora nenhum clube grande de São Paulo mostrou-se interessado em contratá-lo.

Acontece que Minelli, um homem de 47 anos, exponta esquerda de talento reduzido que nem por isso deixou de defender times grandes como o São Paulo e o Palmeiras, além de Nacional, Ipiranga e outros pequenos, parece ser mesmo uma exceção entre os treinadores, quase todos muito preocupados em manterem-se em seus cargos a qualquer custo, ainda mais se dirigem um time considerado o melhor do país. Já no Palmeiras, Minelli fez a mesma coisa: depois de montar o time que daria todas as glórias a Brandão, conquistando o Robertão de 69, apesar de já nas primeiras rodadas, o Palmeiras estar com 9 pontos perdidos, largou tudo um ano após, por não concordar com intromissões de dirigentes no seu trabalho.

E foi dirigir o São José, de Rio Preto. Como agora.



A prova de que nosso futebol anda mal está aqui: para armar-se uma seleção da Copa Brasil, poucas opções restariam, a não ser estas —

Valdir; Nelinho, Figueroa (Foto), Amaral e Marco Antônio; Falcão, Paulo César e Zico; Gil, Palhinha e Zé Roberto.

Portanto, três do Inter, três do Fluminense, dois do Cruzeiro, um do São Paulo, outro do Guarani e mais um do Flamengo.

Como maior revelação do torneio parece não haver dúvidas: Paulo Isidoro, do Atlético Mineiro. Melhor cartola: nenhum.

Um campeão sem reservas

O São Paulo, campeão paulista de 75, apesar da queda vertical que sofreu ao fim do torneio, continua sendo a nossa melhor equipe, não tenham dúvidas. A prova disso foi a campanha cumprida ao longo do Campeonato Paulista, durante a qual somou a melhor performance da história dos nossos torneios regionais, disputando e ganhando, na verdade, três títulos (primeiro turno, segundo e finais) e mantendo uma incrível série invicta.

Por que, então, não foi o São Paulo às finais da Copa Brasil?

Pelas mesmas razões que nos últimos anos têm chegado bem até os extremos de quase todos os certames regionais, nacionais e internacionais, perdendo-os por exaustão no fim: a falta de um banco de reservas à altura dos titulares.

O esforço desenvolvido no

Campeonato Paulista já fazia prever-se a dificuldade que esse time encontraria na Copa Brasil, mas a sua diretoria, ciosa do zelo com que tem de tratar os cofres do clube, preferiu adiar o inadiável até o último momento, quando apressadamente, acabou gastando 1,5 milhão de cruzeiros na contratação de três jogadores que pouca coisa poderiam fazer — Tecão, Sérgio Américo e Arlindo II. Tecão só poderia ser utilizado na última fase do torneio, pois servia à Seleção Brasileira de Amadores, no Pan; Sérgio Américo, jogador de imaginação limitada tinha a função de substituir Zé Carlos, o mais criativo dos jogadores do São Paulo; e Arlindo II sequer reúne condições para ser reserva de Sérgio.

Assim, que se poderla esperar do São Paulo nesta Copa Brasil?

As crianças de São Paulo perderam a terra e as árvores, graças ao progresso. Então, inventaram o skate. E agora ganharam uma rua no Morumbi, onde poderão andar à vontade. Haverá até campeonatos só para eles, patrocinados pela Prefeitura. Reportagem de Hamlet Paoletti.

SKATE: O ASFALTO DOMADO.

Há alguns dias, reuniram-se durante duas horas o prefeito Olavo Setúbal e o Coordenador das Administrações Regionais, Celso Hane, o Secretário de Transportes, Olavo Cupertino, o Secretário de Esportes, Caio Pompeu de Toledo, o responsável pela Regional de Butantã, Fiore Vita, e um coronel da PM. Tema: skate.

A firma Comércio e Indústria H. Torlav Ltda só terá para entrega um de seus produtos dentro de duas semanas. Até lá, toda sua produção está vendida. O produto: skate.

Nos últimos três meses, segundo alguns jornais, um brinquedo causou em S. Paulo mais de 50 mil acidentes. O brinquedo: skate.

O secretário de Segurança Pública, coronel Antônio Erasmo Dias, declarou publicamente que, se a Prefeitura de São Paulo não tomar providências sobre o assunto, a polícia deverá agir. O assunto: skate.

Em ruas inclinadas do Morumbi e do Sumaré, turmas de jovens — nos fins-de-semana, chegam a mais de mil — enquanto esperam que lhes seja concedida uma área reservada, continuam a praticar seu esporte preferido. O esporte: skate.

Esses dados mostram a dimensão e a importância que a mais nova moda da cidade alcançou. E as suas prováveis soluções. Enquanto as lojas continuam a vender skates — com preços que vão de Cr\$ 150,00 a Cr\$ 530,00 — numa demanda que começou há alguns meses e que até agora se mantém estável e enquanto paralelamente continua a aumentar os adeptos desse novo esporte, as autoridades se preocupam com uma solução que atenda a todos os interesses.

E parece que tal solução foi encontrada. Depois de duas horas de reunião as autoridades chegaram à conclusão de que o ideal seria o estabelecimento de áreas fechadas para a prática do skate. Como a maior incidência de praticantes se verifica na "Zona Sul", foi esco-



lhida uma rua no Morumbi que deverá ser adaptada. A rua é a Circular do Bosque, uma via que contorna o bosque do Morumbi e que terá toda a sua pista da esquerda, que vai da Avenida Morumbi até o alto do Bosque, fechada. "O que nós pretendemos", diz Fiore Vita, "é dotar aquela via de toda a segurança possível para que os jovens possam praticar o skate sem correr nenhum perigo. Vamos asfaltar a rua de novo para que ela fique com o piso em perfeito estado."

Com essa rua talvez terminem as reclamações dos moradores das ruas atualmente utilizadas para o skate contra o barulho e a algazarra dos jovens. Talvez terminem também as preocupações dos pais e mães sempre temerosos de algum acidente mais grave, um atropelamento por exemplo. Deverão diminuir, por outro lado, os índices de acidentes.

"A gente sendo obrigado a skatar (esse é o verbo) nas ruas", diz um garoto de 17 anos hábil praticamente do novo esporte, "fica sem poder usar o capacete. (O capacete é usado, da mesma maneira que pelos motociclistas, para proteger a cabeça nas quedas) "E que com o capacete a gente fica sem enxergar o que vem dos lados e sem escutar o barulho dos carros que vêm vindo. Assim, fica mais perigoso com o capacete que sem ele."

Desta maneira, a rua fechada parece ser a solução ideal para todos. E do sucesso da primeira poderão surgir outras. Muitos jovens falam com entusiasmo de algumas ladeiras da Cidade Universitária que além de ótimas para o skate, ficam praticamente sem uso nos fins-de-semana. Só falta agora conseguir que os jovens abandonem suas ruas preferidas e que se fixem na Circular do Bosque. Para tanto, o secretário de Esportes, Caio Pompeu de Toledo, já está estudando a realização ali de torneios de skate patrocinados pela sua Secretaria. Se eles forem bem sucedidos o skate passará a integrar o calendário oficial da cidade.



Para os seus historiadores — e eles já existem nos Estados Unidos — o skating é mais uma prova da infinita capacidade do homem de se adaptar com vantagens a qualquer ambiente em que seja obrigado a viver. Antes, as crianças viviam e brincavam ao ar livre, em contato com a natureza, subiam em árvores, se sujavam de terra. Com o "progresso" — e eles fazem questão das aspas — esse habitat foi se transformando. Surgiram prédios, as ruas foram calçadas, muitas até asfaltadas e, por um período, as crianças se viram obrigadas a se refugiar em casa. Não havia mais lugar para brincar. Tudo estava se transformando num enorme e frio monte de concreto, aço e asfalto.

Aí, mais uma vez, entrou a criatividade. E justamente através dos jovens, os únicos abertos a novas experiências e, segundo eles mesmos, capazes não só de se adaptar

como de utilizar esse novo ambiente para seus propósitos. Se as ruas, avenidas, becos, ladeiras e até as encostas de muitos morros estavam cobertas de asfalto, se já não se via mais terra no chão, então era assim que tinha que ser, era no asfalto que eles teriam que brincar. Surgiram os pioneiros. Em algumas colinas de pequenas cidades, por toda a Califórnia, começavam a aparecer umas estranhas pranchas de madeira com dois pares de rodas embaixo, em cima das quais jovens irresponsavelmente audazes, segundo seus críticos, desciam qualquer ladeira que lhes aparecesse na frente.

Desafiando a gravidade e os preconceitos do senso comum, não demorou que os praticantes do skating tivessem voltados sobre si os olhares da repressão. A polícia, alertada para o perigo, começava a agir. Os primeiros skateboards, ou simplesmente ská-

tes, foram aprendidos. Não se permitia mais que os alunos praticassem skating nos pátios das escolas. A quilô era uma loucura, diziam. Um perigo!

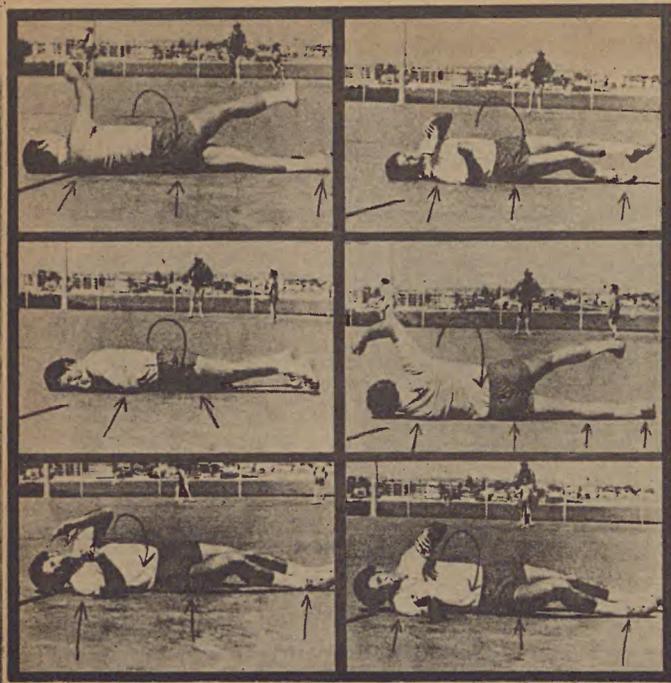
A reação, lógica e previsível, não demorou. Afastados dos pátios das escolas, com medo de terem seus skates apreendidos pela polícia, os jovens descobriram novos caminhos para aquela sua paixão, aquele misto de esporte, brinquedo e aventura não desaparecesse. Nessa época, não era difícil ver, à noite, nas encostas das colinas mais próximas às cidades, vultos que passavam deslizando, com as rodas de seus skates rolando sobre o asfalto úmido de orvalho, como fantasmas que na escuridão buscavam o esconderijo e a proteção para a prática de sua vida proibida. Essa tenacidade foi aos poucos encontrando admiradores e adeptos. Aumentava o número de pratican-

tes. E diminuía na mesma proporção o número dos que queriam ver aquela "loucura" banida da face da Terra. A os poucos, o skating voltava ao convívio das pessoas. Agora apoiado por uma nova e entusiasta leva de adoradores.

Começavam a se organizar campeonatos, surgiam equipes de skating, caixas de ferramentas rapidamente se transformavam em oficinas de fundo de quintal e depois em pequenas indústrias de material especializado, apareciam as primeiras publicações inteiramente dedicadas ao novo esporte. Nas suas páginas começou a ser contada a história daquela pequena tábuca com dois pares de rodinhas embaixo. E daqueles que se recusaram a sair de cima dela. Os perseguidos de alguns anos atrás transformavam-se agora em heróis. Não foi a primeira vez. Certamente não será a última.



A ciência de cair sem se machucar



"Para aprender, tem que cair" — eis uma frase verdadeira, velha conhecida dos praticantes de muitos esportes, como o ciclismo, a patinação e o hipismo, agora aplicada ao skate. Em grande velocidade, os praticantes do skate tem de se desviar de obstáculos de fazer curva e paradas e até mesmo de pontos em que chegam sem alguns companheiros que são verdadeiros artistas, haverá inevitavelmente de cair muitas vezes.

De modo geral, os estudos feitos sobre quedas e ferimentos mostram que a força de impacto é proporcional à velocidade. Uma das maneiras de reduzir a força do impacto contra o chão é abaixar-se aproximando-se dele. Na hora da queda, o praticante de skate deve relaxar o corpo, conforme mostra o experiente skatista na sequência acima. Mas os iniciantes não devem ficar com medo de cair, devem ter bastante confiança em si mesmo.

ESTÚPIDAS

A superstar Cosete Alves and husband passarão as festas na fazenda. Por aí vão os planos. Verde sempre faz bem à família. • Henriqueta e Ministro Sévero Gomes passam de ano em São Paulo. Os amigos que estiveram na cidade foram convidados para uma passadinha depois do jantar. Gente de bom texto. • Alô, AVISO: as fotos desta coluna são de Bubby Costa & Sergio Monte Alegre, com ínfimas exceções. • Foi uma verdadeira superprodução a festa no Beco organizada por Carmem Pimentel. • Clodovil El Hernandez está abrindo loja em Ribeirão Preto. Para o dia da inauguração prepara coleção bucólica. • Ricardo Amaral cantou parabéns para o ex-carioca Roberto Moura no seu Hipo. • Lucia e Silvio Suriani receberam para black-tie. • O grande aniversário desta semana foi com os Bonfiglioli, Rudi. Foi segunda-feira. • Nosso mestre Alberto Dines formando um novo ponto de encontro obrigatório no seu atual endereço solteiro e carioca na Gal. San Martin. • Miriam Mehler e Enio Gonçalves estão casados. É o que se, pode chamar de um casamento feliz: um foi feito para o outro praticamente sob medida. O sonho de ouro de Enio é entrar para a Rede Globo.

• As pessoas já começaram a brigar para serem convidadas para a festa de Germano Mariutti ... • Maria Lucia e Filipe Lutfalla deram openhouse porque era aniversário dela. Essa moda de ficar abrindo casa em dia de festa ainda mata de gripe as pessoas... • Maria Estela e David Serson indecisos entre Nova York e Bahamas para as festas. Bahamas é certo com festas ou sem festas. • Kiki e Jorge Khalil organizando grande ceia de Natal para o dia 22. • No dia seguinte a ceia será em casa de Alice e Sandro Giunta. • O empresário carioca e criador de gado paulista George Ellis instalado em sua casa nova na Barra da Tijuca, made By Zanine e ex-casa de Odete Lara. Na ladeira da fama, onde Florinda fez casa e tal. • Yara e Sérgio Daccache passaram a fazer suas refeições em mesas separadas. Yara não podia ouvir falar mais em loteamentos ...

• Mais mesas separadas: Veridiana e Lulli Misasi. Lulli estava para explodir: "Ai, não aguento mais Guarujá e cristais..." • Está decidido por todos: o novo endereço de Sylvio's é o melhor, no genero, da cidade. • Agora também chegou L'Absinthe Bar, decorado por Terri & Andrea. Como ninguém conhecia o dono, Terri & Andrea convidaram para a inauguração. • O excelente escultor Nicolas Vlavianus, que também esteve entre os garfos de Edla Van Steen, vai expor em Roma no ano que vem. • Beka manda dizer às "preciosistas" paulistas que durante o verão vai montar sua

AQUI, DANIEL MARS

tenda no Guarujá para atendê-las com seu trio divino: Richard, Silvio & Sergio. • Rio de Janeiro só tem um assunto: o casamento de Verinha Bocayuva com o jovem pintor Angelo de Aquino em Cabo Frio dia 27. Vera Simões, que trouxe o vestido de noiva da filha de sua cidade adotiva, Paris, está movimentando o país.

BOQUITA

A enchente diária no Restaurante Vegetariano Suiço (Av. Angélica) mostra que ainda há pessoas de bom senso. É um lugar onde você senta e não precisa pensar porque o prato já vem pronto. E não precisa se preocupar que as calorias vem contadas, porções medidas, boa dosagem, tudo gostoso e limpo. Legumes, tortas, massas, Frutas. Serviço atento, tranquilo e na hora de pagar, maior tranquilidade. Um preço único, talvez o mais razoável de São Paulo. À noite você tem outras opções à la carte, gulodices suíças — tudo dentro da filosofia nutricionalista da dona da casa.

DECORATIVIDADE

Germano Mariutti já marcou sua famosa festa que ele dá todo ano no Guarujá, especialmente para que Beki Klabin venha do Rio. Será dia 31 de janeiro. 500 pessoas, convidados interestaduais e internacionais. No grupo que vem da Itália está o nome de Enrico Medioli, roteirista e cenógrafo no último filme de Visconti. Se ele achar que aqui dá filme, só na festa o sr. Medioli já vai ter farto material para o roteiro e principalmente para os cenários. Afinal de contas, para a dupla Mariutti e José Duarte Aguiar, decoração & sucesso é como um passe de mágica. No dia 30 de janeiro será a festa no Clube Samambaia também com passes de mágica da dupla Mariutti & Aguiar. Tudo indica que o dueto janeiro/fevereiro para Guarujá vai ser mais banquete que verão (no mesmo dia 30 de janeiro também tem festa em casa de Haydée Stefano).



A sempre bonita Maria Stela, made by David Serson, fotografada exclusivamente por Bubby Costa.

O GRANDE PÁREO

A Revista Vogue pediu aos colunistas que apontassem as mulheres que mais tinham se destacado este ano e a grande vitória ficou dividida entre Gisela Amaral e Fernanda Montenegro. Depois ficaram emparelhadas num segundo lugar, Ilde Lacerda Soares, Andrea Moroni, Maria do Carmo Abreu Sodré e Teresa Souza Campos. A "corrida do ouro" virá registradinha e muy especialmente fotografada no número de janeiro de Vogue.

AS NEVES DO TIFFANY'S

Lulla e Piero Gancia só vão ao encontro dos filhos em Gstaad (nectar da Suíça) no fim de janeiro porque tem que trabalhar para o Grande Premio de Formula Um que será no dia 25 de janeiro. Afinal de contas, os Gancia são representantes da Ferrari. Falando em corridas, quando Jean-Louis Lacerda Soares chegar da Europa virá trazendo grande novidade debaixo do braço...

Falando nas luxuosas neves de Gstaad, o personagem brasileiro de Ian Fleming, dr. Ivo Pitanguy, este ano alugou casa mais em cima, mais perto do Palace Hotel que é o centro da agitação em Gstaad. Seu antigo chalé, além de pequeno era mais embaixo e realmente muito tranquilo. Mais perto do Palace ele pode acelerar as negociações da compra da torre mais alta do hotel. É lá que nosso rocambolesco dr. vai querer mesmo construir sua casa.

CHAPLINS

A morte do astuto e chato Poirot está fazendo mesmo sucesso no mundo inteiro, sendo que o primeiro telegrama que Agatha Christie recebeu foi de Charles Chaplin. Dizendo que mais uma vez ela tinha lhe proporcionado um dos mais gostosos momentos de sua vida. Desde seu dourado exílio numa vila do Lago de Genebra, Chaplin disse várias vezes que está querendo voltar a filmar. Novamente a sua afetuosa partner Oona (O'Neill) tenta dissuadí-lo mas ele de qualquer forma deu um primeiro passo decisivo: mandou chamar seu filho Sidney que vive em Paris para deixar em suas mãos a coordenação da idéia que tem na cabeça.



Sidney e Charles Chaplin. Segundo Sidney esta é a foto "pública" mais feliz da sua carreira: "A ÚNICA VEZ EM QUE FUI VISTO DANDO DINHEIRO AO MEU PAI: Todos sabemos que sempre foi ao contrário..."



Andrea Moroni: "Paulista também é esportiva". (foto de Sergio Monte Alegre)

LIGAÇÃO DIRETA.

O banquete dos Campello doram a nora Gillian, que casou em Nova York com o inquieto filho Dadado. Só os cristais comentaram: acharam ela melhor em fotografia. Eles vão morar por enquanto na casa dos pais, enquanto preparam seu ninho, que se não ficar pronto até fevereiro vai ter que ir pegar o casal de volta na Europa. Todos perguntavam à rica texana suas impressões sobre o Brasil, que ela não podia dar, primeiro porque estava com as mãos ocupadas, segundo porque acabava de chegar de viagem. Disse sim, que vai trazer todos os seus cavalos de Nova York, com domadores, babás e tudo. E também sugeriu às pessoas que falassem com ela menos sobre o Texas. Texas é só uma questão de fortuna, sua vida sempre teve como centro Nova York mesmo.

BUQUÊ DE LETRAS

Graciliano Ramos foi lançado como escritor por causa de uns relatórios que escreveu quando era prefeito de Palmeira dos Índios. Quase cinquenta anos depois, aquela cidade alagoana tem um prefeito que se preocupa com literatura e valoriza o romancista de "Vidas Secas". Ele se chama José Duarte Marques. Além de colaborar com o museu organizado na casa do escritor e presidir a recente I Semana de Estudos sobre Graciliano Ramos, tomou a curiosa iniciativa de dar o nome de João Valério, personagem central do romance "Caetés", a uma das ruas de Palmeira dos Índios. Mais ainda: em todas as placas de ruas, becos e avenidas, estão agora os nomes novos e antigos que aparecem no livro, cuja ação transcorre na cidade. É uma simpática homenagem. E sem dúvida original, pois não sabemos, ou lembramos, de nenhuma rua com nome de personagem de ficção.

EL MUNDO SE MUEVE

Tania e Jorginho Guinle passaram o fim de semana em Buenos Aires. Sentiam demais a ausência

do casal Lamarca que lá está até completar um mês. Para o próximo fim de semana o programa da dupla Guinle é São Paulo, Hilton. Quer dizer que teremos um weekend em acelerado ritmo de banquete, pois assim é onde pisa the big Guinle.

TALHERES

Esta semana o banquete não está nada mal: ontem a festa foi em casa dos Dalle Molle, Pierella e Silvano. Dois nomes de razoável texto no badalatório mundo. Hoje, quinta-feira é dia de Alice e Sandro Giunta, grande jantar por-

que tem italianos na praça. Amanhã sexta-feira é o dia de Aparicio Basilio da Silva festejando seu aniversário. Como Aparicio não mora em casa, e sim em apartamento, dá um open-building.

COTIDIANA

Nas ricas casas de decoração em São Paulo quase sempre acontece a mesma coisa. Você entra e se perguntar o preço do que for a resposta é rápida: "É italiano". No outro dia assisti a uma senhora que ficou um segundo parada diante da resposta e em seguida insistiu: "Sim, mas posso pagar em cruzeiros, não?"



Teresa Souza Campos, pirâmide carioca, e Jorginho Guinle, que está a caminho de São Paulo. Faria também vem. Ela já está na outra foto.



Cristina Rocha Diniz e José Duarte Aguiar, gente do melhor texto (foto de Sergio Monte Alegre).



Milena e Rudi Bonfiglioli, um casal tranquilo (foto Sergio Monte Alegre)



Apertem os cintos que Tania Caldas vem aí (foto David Zingg).

ALÔ, NOVA YORK?

CAIU A LIGAÇÃO!?

Nair de Carvalho (sabiam que ela é de São Paulo?) & Andrea Moroni transformaram a loja Terri & Andrea num pedacinho de Nova York falando em francês (não fosse o forte acento de Iturrrr...). O farfalar das elegancias paulistas era tão forte quanto aos sinos de Montmartre. Cosete Alves, Monserrat Meireles & Ana Paula de Giaquinto eram os melhores "lay-outs" da noite.

A magra Renata Melão, de tão magra e leve, e recheada de tanta finura passava levitadamente. Silvano Dalle Molle fez hora extra. Como Pierella não pode comparecer ele teve que trabalhar por dois. Di Cavalcanti, cauteloso, chegou em telegrama. Em pessoa não caberia. Os Giunta, Alice e Sandro, sempre uma alegria única. Lila Verde com seu assunto favorito: Fernando Millan. E eis que o assunto chega, Fernando com sua

Matilde, e depois carregaram um grupo para jantar. Aliás, todos se carregavam para jantar — que em São Paulo ninguém morre de fome. De repente entrava Turquinha Muniz (raichnng! raichnng!) o solo rangendo porque 400 anos pesam. Um relâmpago de rareza: Ruth e João Pacheco Chaves, que nunca saem. E sua filha Cristina Botti. Enquanto Monique e Antoine Forrat escolhiam saladeiras, Aldemir Martins passava coçando as orelhas das pessoas. Um momento de realeza com a entrada de Tavares Miranda, quando tudo parou por causa do seu smoking que estava aos berros. Tavares explicava: "É que ele é o dernier cri, uma questão de saber acompanhar a moda". Gregorio Kramer fez sua volta aos palcos. Então São Paulo descobriu o carioca Eric Waechter, que chegou no fim mas ficou para a ceia. Ah, sim, era um vernissage.

CADA UNO

CON SU TANGO

E'dla van Steen & Enes Silveira Mello dividiram um jantar entre mesinhas à beira da piscina da sua casa na estufa dos ricos & adeptos, popularmente chamada pelos paulistas de Morumbi. Entre garfos e pratos houve a efervescente presença de Amelita Baltar que está impressionadíssima com os paulistas: "Eles conhecem um tipo de tango que eu jamais tinha ouvido falar. No outro dia, no meio de um dos meus shows tinha um indivíduo, bem na minha frente, tão apático, que fiz questão de perguntar se ele não estava se sentindo bem. Ou se não estava gostando de mim. Ai êle

me respondeu que gostava mas é que ele preferia os tangos mais alegres. Os que eu cantava eram muito tristes. Me senti como se estivesse representando uma tragédia grega e de repente alguém me pediu para dar uma gargalhada!..." Amelita passa mais uns dias em São Paulo e antes de retornar à casa materna em Buenos Aires ("A gente não deve nunca brigar com os pais porque está sempre voltando...") passa pelo Rio porque ela quer acertar uma longa temporada, se não lirica pelo menos de veraneio, a partir de fevereiro. Quer voltar para ficar uns seis meses no Rio.

PARANÓIA**ESTÁ NASCENDO UM FILME SOBRE A CIDADE**

Após uma ausência de sete anos, Antônio Calmon está voltando e redescobrendo a cidade onde, durante um certo tempo, viveu no Bexiga e frequentou a vida noturna, os botecos e as sinucas. E as novas descobertas têm um novo valor.

— Estou flertando com a cidade. Como cineasta urbano que sou, este cenário é tremendamente importante para mim. São Paulo reflete a grande loucura, que é o Brasil. Todos os dias, abro o jornal e penso comigo mesmo: "Bom, vamos ver como está o apocalipse, hoje..."

A continuista levanta a craquete, exibindo-a para a câmara. Está escrito: "Take 5— Filme Paranóia", e de repente aparece o rosto de um ator conhecido (Anselmo Duarte) e ao seu lado um jovem diretor (Antônio Calmon), que faz as suas últimas recomendações.

— Tem outra coisa, sabe? Estou achando "Paranáia", de certa forma, uma homenagem ao Rogério Sganzerla. Ele foi o diretor que na minha opinião melhor filmou São Paulo.

Amazonense, 30 anos de idade, com raízes vivenciais espalhadas pelo Rio, Bahia e São Paulo, Antônio Calmon está agora rodando um filme de ação e violência num palacete do Jardim Paulista.

— Sinceramente, nunca pensei em fazer um filme desse tipo em São Paulo. Mas a Omega Filmes, responsável pela produção, mandou me chamar. Li o roteiro escrito pelo Carlos Heitor Cony durante um jantar. Na hora do cafezinho já estava tudo resolvido.

Ele ajeita os óculos escuros sobre a cabeça. Agora, tem 10 anos de cinema e uma variada experiência que inclui produção, direção, continuidade e montagem, trabalhando entre outros com Glauber Rocha, Gustavo Dahl, e Cacá Diegues.

— Em São Paulo, é mais fácil fazer cinema. No Rio, há o problema da distribuição, os problemas financeiros, enfim... uma série de obstáculos. Aqui, não existe nada disso.

Seu trabalho mais conhecido data de 1971. Trata-se de "As Incríveis Aventuras do Capitão Bandeira contra o Dr. Moura Brasil". O famoso Capitão Bandeira, vivido por Hugo Carvana, virou até personagem

Ele focaliza 24 horas de violências dentro de uma mansão que foi invadida por bandidos. Seu diretor, Antônio Calmon, está apaixonado por São Paulo.

Reportagem de Cynthia de Almeida Prado, fotos de Geraldo Guimarães.



de história em quadrinhos, numa revista feita por cartunistas paulistas.

Mas "Paranáia" é diferente. A ação transcorre em 24 horas, numa mansão invadida por bandidos, os quais praticam toda a sorte de violências e agressões contra uma família e seus empregados. Culmina com assassinatos brutais.

— Estou trabalhando com o elenco que pedi: Anselmo Duarte, Norma Benguel, Paulo Villaça, Nuno Leal Maia, Ricardo Petraglia. Nunca trabalhei com uma equipe tão boa. Por outro lado, sinto que o público — não só daqui — está acostumado com a vulgaridade, e diretores paulistas excepcionais, como Alfredo Sternheim, Fauzi Mansur, Luís Sérgio Person e Valter Hugo Khoury, são realmente exceções, apesar das excelentes condições de trabalho.

"Paranáia" se destina a ser o segundo filme de uma série iniciada por "A Carne", cujo roteiro, aliás, foi escrito por Antônio Calmon, Antônio Bivar e Isabel Câmara. A produção está sendo feita pela "Omega Fil-

mes": Essa companhia, formada por três produtores, Edgard Castro, Joaquim Gregório e Renato Carrera Filho; faz parte da Empresa Cinematográfica Havai e pretende ativar o mercado cinematográfico paulista, lançando uma média de 3 a 9 filmes por ano. Para amparar tal empreendimento, a "Omega Filmes" conta com o apoio da rede de distribuição do próprio grupo ao qual pertence e que conta com 47 cinemas, somente em São Paulo. Renato Carrera Filho, um dos sócios da "Omega Filmes", explica:

— Pois é. Queremos fazer filmes comerciais, mas sempre tendo cuidado com a qualidade e com o nível das produções. Por isso, contratamos o Calmon.

A equipe técnica, composta por 15 pessoas, foi escolhida a dedo. Alguns trabalham regularmente com o diretor Roberto Santos. Outros, Calmon foi buscar na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

— Acho que vai ser uma coisa boa para esses estudantes de cinema que não têm chance de trabalho e não se interessam por pornochanchadas. Vamos começar a abrir um mercado de trabalho sério para todos — conclui o diretor de "Paranáia".

O prazo previsto para a conclusão da filmagem é de 4 semanas. Segundo Calmon, no Rio, o tempo médio é de 8 semanas. Ele comenta sorrindo: "Estou me sentindo como um diretor da Califórnia rodando em Nova York".

Depois de uma ausência de sete anos, Calmon está voltando para São Paulo. Por falta de tempo, o seu flerte com a cidade se resume na ronda noturna pelo Piolin, pelo Gigetto e pelo Montechiaro, cujo clima ele descreve com entusiasmo:

— No Rio, as pessoas não vão a bares, por causa da praia, da falta de dinheiro, sei lá por que. Aqui, as pessoas se encontram para conversar nos botecoins.

Assim que acaba de dizer isso, Antônio Calmon aponta para as suas calças brancas e comenta: "Em compensação, depois de um mês e meio em São Paulo, já estou quase dessa cor".

A "Omega Filmes" já tem outro roteiro pronto, escrito por Calmon, juntamente com Mauro Rasi. O filme é uma sátira à famosa dupla Florinda Bolkan/Condessa Marina Cicogna e vai chamar-se "A Duquesa e a Vedete", com Norma Benguel e Elke Maravilha nos papéis principais. Calmon conta o enredo num tom confidencial e divertido:

— Uma atriz decadente de Hollywood, chamada Marilyn Bardot vem ao Brasil filmar um filme histórico, acompanhada de sua empregada e amiga íntima Alexandra, duquesa inglesa de Oxford...

Mas seus planos não se resumem apenas a cinema. Ainda com Mauro Rasi, pretende no começo do ano que vem montar em São Paulo a peça "Casa de Irene", contando a história da comemoração dos 30 anos de Odilon, "o que ainda não se definiu". Quando alguém pergunta a Antônio Calmon se o fato de ser ele amazonense combina com tanto deboche, ele responde brincando:

— Ah! Isso é porque eu sou um índio de "blue-jeans"...

A VOLTA DE LA BENGUELL



“QUERO É ME APOSENTAR”

— Quero fazer mais dois ou três trabalhos, para depois descansar. Fiz 40 anos, trabalho há 23. Chega. Daqui a pouco, faço 25 anos de carreira e aí tem aposentadoria. Mas é claro que eu quero aposentadoria! Quero tudo a que tenho direito.

Quem está falando é Norma Benguell, num intervalo das filmagens de “Paranóia”. Aos 40 anos de idade, enquanto entrega o cabelo maltratado por suas andanças pelo sertão à competência de um bom cabelereiro, ela está quase pronta para filmar novamente. Sobre este seu novo trabalho, ela diz apenas que “se não gostasse, nem vinha filmar”.

— Quero tudo a que tenho direito. Quero aposentadoria, quero ter um filho, quero fazer tudo o que não pude fazer até agora. Faltam só dois anos. Passado esse prazo, é mudar para a casa que estou construindo em Nova Viçosa, no sul da Bahia, numa pequena ilha particular com florestas e garças. O resto será viver.

Seu grande sonho é filmar a vida de Maria Bonita, que considera “a mulher mais quente do Brasil”. Essa atração pela figura de Maria Bonita parece compensar qualquer esforço seu. Norma Benguell chegou a arregaçar as mangas, transportou-se para o Nordeste, andou por todo o sertão. Viu que o cangaceiro não tem cavalo,

A aposentadoria está marcada para daqui a dois anos. Mas antes ela pretende fazer o grande papel de sua vida: o de Maria Bonita.

conforme o cinema o inventou. Visitou museus, examinou roupas, armas, objetos pessoais, conversou com filhos de cangaceiros. E voltou ainda mais maravilhada, sonhando com seu novo papel.

Estava tudo pronto, tudo combinado, depois de muitos meses de pesquisa. Mas de repente, quando o projeto estava totalmente concluído, o produtor resolveu desistir da filmagem. Norma Benguell conta que deitou numa cama e passou duas semanas chorando.

Bom, isso passou e Norma Benguell não desistiu. Sua grande esperança, atualmente, consiste em considerar que o Brasil continua a ser “o país do jeitinho” — o que a leva a crer que qualquer dia desses, também de repente, surja uma nova oportunidade de desempenhar o papel de Maria Bonita.

Por que tem de ser Maria Bonita? Norma tem seus motivos e consegue explicá-los

sempre com muita convicção. Filme sobre homens, sobre Lampião e Corisco, ela já viu uma porção. Sobre mulheres, sobre a Maria Bonita que fez as mesmas coisas que todos eles e que chegou a parir no meio do mato, ela não viu nenhum filme.

— Já imaginaram o que comporta isso? Já avaliaram o que é ter um filho no meio do mato? — pergunta ela, entusiasmada sempre.

Ela é feminista? Norma Benguell não hesita em afirmar. “Eu sou mulher; e toda mulher, logicamente, é feminista”. Ela reconhece que, por enquanto, o sistema é regido pelos homens e conhece muito bem os adjetivos que invariavelmente recaem sobre as feministas — “feias, mal-amadas” e outros. Mas não se importa com essas coisas. Acha que é justamente o contrário, que quanto mais amada, mais mulher elas são e mais feministas ainda.

E, voltando ao papel de Maria Bonita,

nada a faz desistir da idéia. Quanto às dificuldades de produção, Norma continua lutando.

— Fui ao ministro Ney Braga e pedi o apoio dele para a filmagem. Pedi ajuda oficial. Vamos esperar os resultados.

Atualmente, Norma Benguell ensaia “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues, sob a direção de Ziembsky. Aqui no Brasil, a última vez que fez teatro foi em 1968, “Cordélia Brasil”, e a próxima estréia lhe traz uma certa ansiedade.

Depois que ela trabalhou em teatro, em Paris, no entanto, ela perdeu o medo para sempre. Ela estava num mundo estranho, num clássico francês, falando uma língua diferente. Então, pensou: “Nunca mais vou ter medo”. Na sua próxima peça, não sabe como vai ser; se vai chorar ou se vai ficar de perna bamba. Apenas de uma coisa tem certeza: de que não terá medo.

No meio de tudo isso, Norma Benguell volta a pensar daqui a dois anos, quando estiver aposentada em sua casa numa ilha do sul da Bahia.

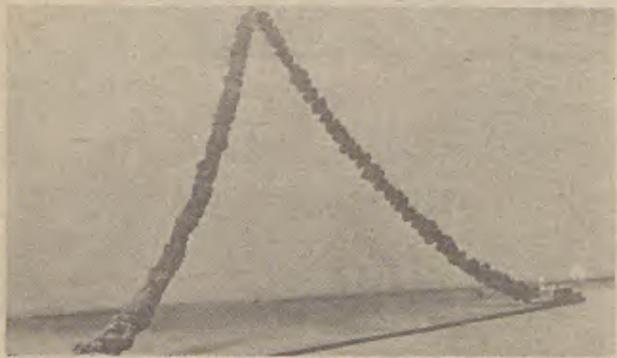
— Eu sou uma atriz que nunca ficou rica porque só faço o que quero. Posso fazer isso, sim. Minha concepção de vida é tão simples, minhas exigências são tão pequenas, que tudo bem.

Marta Góes



ARTE

Uma mostra de critérios discutíveis e uma opção para presentear com arte



José Rezende (acima) e Rubem Valentim (ao lado), dois dos premiados no Panorama



PANORAMA DA ARTE ATUAL BRASILEIRA

Objeto e escultura são os temas dessa sétima mostra promovida pelo MAM, que reunindo, em tese, os principais artistas plásticos ligados a essa esfera de criatividade, tem como objetivo fornecer ao espectador o mais aproximado panorama atual.

Discutam-se os critérios adotados para a seleção das obras dentro das categorias escultura e objeto, visto que aparentemente aleatória e aceite-se a premiação como a aferição do já consagrado. Sem mergulhar nas profundas dúvidas que definem quando um objeto é escultura ou quando uma escultura é objeto — pois ao que parece a arte atual brasileira não conseguiu definir, resta concluir que essa divisão existiu, no caso, com o mero intuito de fornecer dois grande-premios e dois prêmios — estímulo.

Quaisquer que tenham sido os critérios seguidos por um júri respeitável que optou por entregar os prêmios máximos de escultura e objeto respectivamente para o austríaco-brasileiro Franz Weissman, 61 anos, abstrato — construtivista e Rubem Valentim, baiano, 58 anos, com sua arte nacionalista que se define em totens intitulados "objetos emblemáticos", onde abstrai signos do exotismo brasileiro, há que se destacar os contemplados com o prêmio-estímulo, já pela própria natureza estimulados.

Um, Sérgio Augusto Porto, carioca, 29 anos, utiliza-se de caixas colocadas entre plantas ou encaixota galhos de árvores para criticar a interferência humana no estado natural das coisas. O outro, José Resende, paulista, 30 anos, destacada presença, de relação menos óbvia e digestão mais lenta,

alia, segundo seus parâmetros criativos, elementos como pedra, borracha, alumínio e ferro, realizando uma peça acabada, de conclusão dependente de cada espectador. Um pouco excessiva, talvez pelo grande número de trabalhos expostos (250 em espaço restrito, a mostra atenua certos brilhos irrefutáveis como os trabalhos límpidos e incólumes do paulista Luis Paulo Baravelli, de formas precisas para os exatos materiais, as esculturas em mármore do carioca Sérgio Camargo, as cerâmicas do paulista Megumi Yuasa, os trabalhos com volumes de madeira pintada do carioca João Carlos Galvão e ainda Décio Ambrósio, Nicolas Vlavianos, Moriconi e Edo Rocha.

Ao lado, no tempo e no espaço de uma deserta Bienal, o Panorama mostra-se estimuladamente vital. E, buscando, segundo indica seu próprio nome, fornecer uma visão geral e presente de manifestações artísticas específicas atinge seu objetivo. Que haja uma visão e uma revisão. De 1200 a 70 mil cruzeiros. Museu de Arte Moderna de São Paulo (parque do Ibirapuera).

ALBUNS DE GRAVURAS

Se a idéia não é original ou importante, não deixa de ter seu lado prático — principalmente, às vésperas do natal e seus presentes. Dois álbuns de gravuras estão à venda para os colecionadores e o público em geral pela Galeria de Arte Ipanema. Um contém cinco trabalhos numerados e assinados pelo laureado artista Reynaldo Fonseca: figuras humanas de expressão enigmática, dentro do estilo próprio do autor, concebidas originalmente em óleo para uma posterior impressão de gravura. O outro reúne 10 gravuras a cores, de nível oscilante, assinadas pelo artista vencedor do último Salão de Verão (realizado no MAM do Rio): Wanda Pimentel, Osmar Dillon, Luiz Carlos Lindemberg, Marcos Concílio, entre outros, 5.500 e 6 mil cruzeiros, respectivamente, Galeria de Arte Ipanema (r. Oscar Freire, 789).

COCA DE OLIVEIRA

MOACIR WERNECK DE CASTRO

LIVROS E AUTORES

Érico Veríssimo: o escritor e o homem.

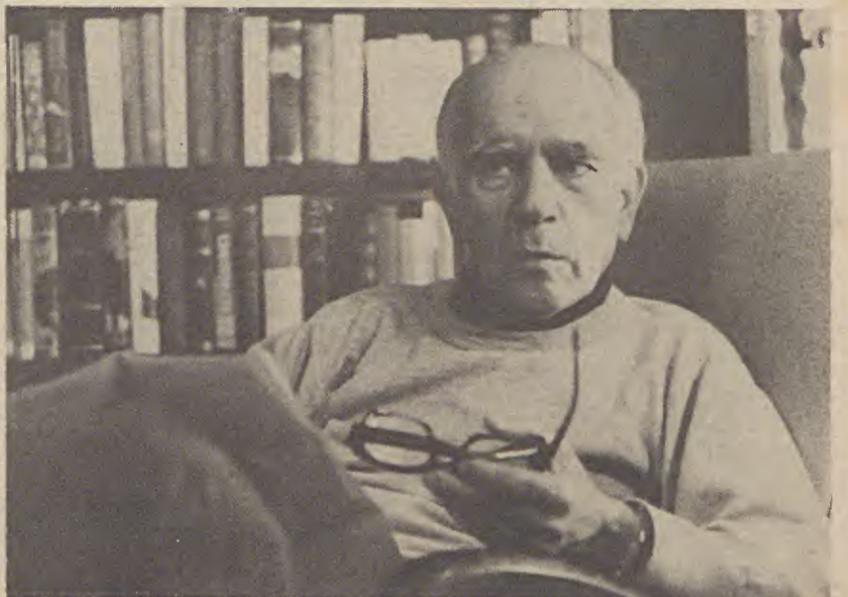
Como romancista que se mostrou capaz de sensibilizar um público numeroso, Érico Veríssimo atraiu sobre si uma série de julgamentos depreciativos de certa crítica. A má vontade nascia do elitismo muito característico de um tempo em que a literatura no Brasil era um clube fechado, a obra literária atingindo meia dúzia de leitores. Érico figurou na vanguarda de escritores que começaram surpreendentemente a publicar romances com tiragens de dez e vinte mil exemplares. Que se encontraria por trás dessa ressonância tão suspeita, quase escandalosa? Os nossos aristocratas da cultura diagnosticavam sem vacilar: era a facilidade, a ligeireza, a mediocridade.

Havia outros fatores na raiz desse preconceito contra Érico Veríssimo. Quando ele começou a se fazer notar na arena literária, a voga pertencia ao romance do nordeste, de conteúdo predominantemente rural e regional, uma literatura áspera, violenta. Essa tendência se contrapunha a outra, introspectiva e mística, que teve como expoentes Cornélio Pena, Otávio de Faria e Lúcio Cardoso. A sorte da literatura brasileira parecia decidir-se no embate entre essas duas correntes. Diante de um entroschamento que empolgava os meios literários do país, o modesto e suave Érico Veríssimo, perdido no extremo sul, com seus personagens de classe média urbana, sua aparente falta de vocação para refletir os grandes conflitos sociais, era um outsider sem chance.

Quando, certa ocasião, registrei num pequeno artigo a injustiça que me pareciam cerrar alguns juízos críticos correntes sobre Érico, dele recebi um bilhete de agradecimento em que deixava claro o quanto o magoava aquela espécie de desqualificação literária de que era vítima. Como sempre discreto, não protestava: limitava-se a uma queixa um tanto resabiada.

VOZ SUAVE, ROSTO MATREIRO, AR INOCENTE

Desde então muita coisa aconteceu neste país. No campo da literatura, verificou-se que o quadro de antagonismos em que se digladiavam correntes e tendências por volta das décadas de 30 e 40 era demasiadamente estreito abranger todo o curso do fenômeno literário. A obra de Érico foi crescendo em valor, com regularidade e consistência. Em breve ele ultrapassaria a ingênua e romântica moldura original para chegar a uma visão mais ampla do homem e da sociedade. Partiu então para a criação do vasto painel histórico de *O Tempo e o Vento*. Viu o povo gaúcho em sua formação, foi às raízes sociais de sua comunidade. Soube ser regional no mais alto sentido da palavra, fazendo do regionalismo a porta de acesso ao universal. Assim seus personagens, como disse Jorge Amado, enriqueceram a humanidade brasileira. Ao mesmo tempo ele trazia uma



Veríssimo: "nenhum artista pode criar sem liberdade".

contribuição inestimável para o conhecimento do homem do sul. Estendeu depois sua obra a outros domínios, com *O Senhor Embaixador* e *Incidente em Antares*. Finalmente estava arrematando-a com o seu *Solo de Clarineta* de memorialista quando a morte o levou, na véspera dos 70 anos.

O gaúcho de Cruz Alta teve infância infeliz, marcada pelo desaparecimento trágico do pai. Aos dezoito anos era caixeiro de venda, depois foi bancário, depois farmacêutico. Mas sua real vocação, a que se manteria fiel o resto da vida, era a literatura. Foi homem unívoco: sempre escritor. Teve uma só editora, a Globo. Uma só mulher, Mafalda. Seu contrarâneo e amigo Viana Moog observou que foi ele no Brasil o primeiro a valorizar realmente a profissão de escritor, a mostrar que um dia seria possível viver só de escrever. Foi exemplar nesse sentido profissional; soube fazer carreira sem golpes de carreirismo, sempre cordial na relação com os confrades, generoso e aberto para os jovens. Era na verdade um manso de coração, incapaz de fazer inimigos.

Um filme documentário de curta metragem feito recentemente por Fernando Sabino e David Neves mostra-o na sua comovedora intimidade. É inesquecível uma cena em ele aparece brincando com os netos, exibindo as suas habilidades de mágico. O mesmo Sabino lhe traçou um ágil perfil "a voz suave, o grifo das sobrelhas grossas, o rosto matreiro de índio, o ar inocente de menino..." O amadurecimento de Érico Veríssimo

como escritor trouxe-lhe uma crescente consciência das suas responsabilidades de intelectual. Nesse ponto também ele foi exemplar. Investia-se dessas responsabilidades sem nenhum tom solene, sem pose, sem dogmatismo, sem querer ditar regra para os outros, mas adotando-as como uma consequência natural e tranquila de sua própria condição de escritor, de "simples contador de histórias", como dizia. Reagia de maneira simples, espontânea, direta e inflexível a toda limitação à liberdade de criar. Nunca deixou de erguer a voz contra o sufoco. Quando se falou em censura para livros, logo veio a público: "A submeter meus originais à censura, prefiro renunciar à minha carreira de escritor." E acrescentaria: "Nenhum escritor, nenhum artista pode produzir se não tiver a mais ampla liberdade de expressão". Foi um homem reto e digno, como os que mais o têm sido entre os intelectuais deste país.

Estas suas palavras de uma entrevista podem ajudar a compreender a posição de Érico Veríssimo: "Acho impossível tratar o problema de hoje omitindo o social e o político. Quando eu digo político, eu não digo partidário — e o pessoal confunde muito engajamento com partido. Um escritor não deve se engajar com um partido político, mas com uma idéia, com um problema do homem e à sua maneira. Mas podem existir grandes autores sem engajamento. No dia em que se resolverem os problemas da fome, da casa, do desemprego, a literatura não acaba. Ficam ainda o mistério da vida e da morte, o ódio, a inveja, o amor..."

A QUEM GOSTA DE TANGO



Cortázar: sempre enigmático

Mais um livro, de Julio Cortázar: *Octaedro*, contos, edição Civilização Brasileira, tradução de Gloria Rodríguez. Mes-

mo não fazendo questão de ser acessível, o escritor argentino tem entre nós um público fiel e sempre crescente. É que esse público realmente "mora" em Cortázar e, como se diz, dá a volta por cima. A sofisticação européia, parisiense, o intelectualismo mais requintado, não excluem em Cortázar as suas raízes portenhas. Para entendê-lo bem, já se disse, é preciso gostar de tango. Fazendo a apresentação desse livro, que reúne algumas de suas histórias mais recentes (a destacar "As fases de Severo") escreve Mário da Silva Brito: "Na literatura de Julio Cortázar o real e o enigmático coexistem perturbadoramente, formam intrigante unidade e se interpenetram de modo atordoador.

PRIMEIRAS EDIÇÕES

De Josué Montelo a Livraria José Olympio Editora acaba de lançar o romance *Os Tambores de São Luis*. Depois de Aluísio Azevedo com *O Mulato*, diz a editora, "faltava ali (no Maranhão) o romance do negro, na sua luta, nas suas revoltas, e na sua redenção". Objetivo ambicioso, como se vê. É um romance que abrange quase um século de história maranhense, incluindo a tempestade que foi a Balaiada. Alan Viggiano estreou como romancista, com *Amanhece* e escreveu outro romance, *O Exilado*, ainda inédito, que recebeu o prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras. Agora Viggiani envereda pelo ensaio crítico, publicando, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, em edição com o INL, *Itinerário de Riobaldo Tatarana*.

CANTOS NORDESTINOS



Lins: devotado à sua terra

Duas reedições de Osman Lins, pela editora Minotaur: *Os Gestos e Nove, Novena*, ambos de contos, ou "narrativas". O escritor pernambucano radicado em São Paulo, depois de

conquistar renome nacional, transpôs fronteiras em traduções para o francês, inglês, italiano, alemão e espanhol. Os dois livros agora reeditados são respectivamente de 1957 e 1966. Osman Lins estreou em 1955, com o romance *O Visitante*, que lhe valeu vários prêmios. Tem tido uma atividade literária das mais intensas. Seu maior sucesso foi *Avalovara*, romance publicado em 1973. Osman Lins está escrevendo um novo romance: *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. A propósito de *Nove, Novena*, A natol Rosenfeld escreveu: "É um dos mais belos cantos jamais devotados por um escritor nordestino ao povo de sua terra, flagelado por poderes impiedosos, tanto naturais como humanos."

OS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

- Leão de chácara, João Antônio
- O deserto é fértil, Dom Helder Câmara
- O dinheiro, Arthur Hailey
- O triângulo das Bermudas, Charles Berlitz
- Cai o pano, Agatha Christie
- Zero, Ignácio de Loyola Brandão
- Feliz Ano Novo, Rubem Fonseca
- Tubarão, Peter Benchley
- A Ceia, José Mauro de Vasconcelos
- Canto General, Pablo Neruda

Fontes: Cultura, Brasiliense, Teixeira e Mestre Jou.



ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

TEATRO

Será o teatro um bom negócio?

Se a minha "imensidão" de leitores se der ao trabalho de passar uma vista d'olhos na publicidade dos espetáculos, verificará, na secção "Vamos ao teatro", que existem em cartaz, com apresentações diárias, nada menos de 20 peças, sem se contarem as de teatro infantil. E estamos em má temporada, pelo verão e proximidades dos festejos natalinos. Mas, de qualquer maneira, 20 casas abertas a um público não muito fanático é alguma coisa de surpreendente, levando todo o mundo a acreditar que a produção teatral seja um bom negócio e que não há sinceridade na permanente choradeira do "ambiente".

Entretanto, eu, que sei de algumas coisas de teatro, reconheço que, infelizmente, as lágrimas do "ambiente" têm sua razão de ser e que a produção teatral está longe de ser um bom negócio. E, como a história de uma nossa conhecida atriz, dizendo de seus seios: "São pequeninos, porém sinceros" — vou tentar demonstrar em números singelos, porém verdadeiros, os mais prováveis "deficits" das companhias teatrais. Poucas são as que duram, esfumando-se quase todas ao primeiro fracasso.

A demonstração será informada em dados médios: teatro de 300 lugares; elenco de 5 atores; sucesso razoável, com meia lotação diária; entradas a 30 e 15 cruzeiros; meses de ensaios; 8 espetáculos por semana e assim por diante. Vejam as despesas de produção até a estréia:

Aluguel do teatro só para ensaios, 20.000,00. Elenco, meio salário, 20.000,00. Pessoal técnico, 10.000,00. Diretor, somente nos ensaios, 20.000,00. Cenários: cenógrafo e maquinista e confecção, 40.000,00. Guarda-roupa (calcule-se pela metade), 10.000,00. Iluminação e sonoroplastia, 5.000,00. Publicidade de lançamento com medida, 50.000,00. Total — 175.000,00.



Absurda Pessoa: nem tudo se esfumaça ao primeiro fracasso

Se se acrescentarem os miúdos e imprevistos, facilmente se chegará a cifra de Cr\$ 200.000,00. Sem exageros, francamente. Examine-se, agora, a receita mensal: 36 espetáculos mensais, com uma lotação média de 150 entradas vendidas, ao preço médio de 20 cruzeiros, considerado o número de estudantes: 36 x 150 - 20 = 108.000,00, ou arredondando-se — 120 mil cruzeiros por mês. Agora, a folha mensal de pagamentos:

Aluguel do teatro, 25% da renda bruta, 30.000,00. Direitos do autor, 10% da renda bruta, 12.000,00. Diretor, 5% da renda bruta, 6.000,00. Elenco, inclusive técnicos, 50.000,00. Publicidade, 40.000,00. Total, 138.000,00.

Conclusão: com um sucesso médio ao preço médio de 30 e 15 cruzeiros por entrada, 36 espetáculos mensais, num teatro de tamanho médio de 300 lugares, a companhia perde cerca de Cr\$ 20.000,00 por mês, afora o custo de produção de mais ou menos Cr\$ 200.000,00, que o capitalista enxergará por um óculo. Veja-se o que acontece com uma peça de sucesso excepcional, com lotação esgotada em todas as sessões:

Receita mensal: 300 x 20 x 36 =

ROBERTO SANTOS

CINEMA

O sonho impossível

Eu e Marília concordamos. Olguinha sabe escrever melhor do que eu. E eu e Marília também ficamos sabendo que nesse caso Samuel Wainer não sabe de quem sabe. Contrata a moça patrão!... Na verdade, na verdade, a gente não pode afirmar direito que a Olguinha exista. São caprichos! Um rosto aqui, um diálogo ali, um nome mais adiante... um apelido, um diminutivo carinhoso, e a verdade final: Olguinha não existe! Marília (minha mulher) diz que existe. Recebeu em mãos o recado sobre "Eu, culpado," do Alberto Latuada. E teima: ela existe, os amigos que a conhecem gostam muito dela. Particularmente, estou achando isso tudo muito estranho: inventei um personagem e ele existe. Existe? Fantasma ou não, vê se continua a mandar sua colaboração que me evita muito trabalho? Tá, Olguinha?

Recado da Olga: "Eu, culpado". Direção de Alberto Latuada.

Tenho, nestes tempos, mais tempo disponível — o que pode ser muito mal, não é Roberto? Mas vamos lá.

Um assunto é um assunto. E quando um assunto é muito próximo, quer dizer, está aí na cara/ todos os dias/ convivendo dentro e fora/ — cuidado! ao discuti-lo você corre o risco de ser um chato. (Não parece, mas faio do filme).

Milão, São Paulo, Nova Yor-

que, qualquer metrópole. Cidade de mãe, cidade útero, feito, de repente, um imenso orfanato. No caso, Milão. Uma superfície não habitável, massacrante: avenidas/ metrô/ gentes/ proibido fumar/ proibido conversar com o motorista/ proibido estacionar nos degraus/ proibido a publicidade, os chamamentos-capas-de-revistas-sexo-dinheiro... o anonimato.

Dentro disso e muito mais, Biagio Solesi, de novo — Jack, Antonio, Hiroshi, sei lá. Lavador de vidraças de um imenso edifício: os sonhos sempre do lado de lá do vidro. Figuração de uma ópera no Scala: os sonhos sempre do lado de lá dos agudos da grande soprano/ vedete do espetáculo. Nesses sonhos, a vontade de se cuspir do andaime. Mas não ser simplesmente Biagio Solesi — que — afinal, é ser nada.

Qual a saída?

De repente, um crime. Aliás, o crime do século: — assassinaram a primadona da ópera! Assassinaram a primadona da ópera!

E isso! E essa a saída! Ser o assassino, custe o que custar. Deixar vestígios, provocar provas, alcançar o sucesso (a primeira página do York) mesmo à custa de uma mentira: tomar para si a culpa (?) — a glória.

Puxa, isso me lembra tanta coisa, Roberto. Não uma coisa, especificamente. Mas muitas

coisas. Sabe? Essa coisa de como a TV, o cinema, a banca de jornal, o papo, de como tudo funciona para as gentes. Quer o blusão de couro do outro cara, a mulher da capa de revista quer a pinta de Alain Delon e ser perseguido como Steve MacQueen em "Bullit".

Parece ingênuo — e não é. Agora. Isso passa para o público?

Passa. Mas de uma forma horizontal, sem vértices (como é possível, hein?). De repente, pumba! você percebe o recado... e fica percebendo esse recado o tempo todo. Mais ou menos como esperar, encontrar e continuar esperando. Porque não há conflitos. E isso: o filme não tem conflitos, na medida em que tudo o que surge é perfeitamente previsível. A perplexidade que tenho diante do que me é apresentado pelo filme — essa perplexidade diante da vida e da cidade — o filme mesmo se encarrega de esvaziar e então, eu escuto um rapaz dizer à namorada: "vamos fumar um cigarro lá fora?"

Pôxa! Esse casal entrou comigo, no cinema. Como é?

Um assunto pertinente às pensações de quem tenta se aproximar da vida. Uma direção tecnicamente segura (com alguns derrapes/curtições de cineasta). Um ator que está aí, com trabalhos muito bons. Isso posto, a pergunta: o que furou?

216.000,00 (que se arredonda para Cr\$ 240.000,00 em atenção às cadeiras extras, já que se trata de um sucesso excepcional). Mas, as verbas, baseadas em renda bruta de bilheteria, no tocante à folha mensal, também sobem, de sorte que se tem cerca de 186.000,00 cruzeiros, de despesas mensais. Surge, pois, um lucro mensal de Cr\$ 50.000,00. Assim, o custo de produção será resgatado em 4 meses, para, depois dessa dilação, começar a aparecer o "superavit". Após 4 meses, todavia, a audiência certamente declinará e diminuto será o período das vacas gordas.

Então, não há saída? Há sim, como não. Como há quem acerte na loteca.

Um teatro de mais de 400 lugares; um elenco de dois intérpretes ou mesmo um monólogo; entradas a preço maior; casal atuando na interpretação, na direção e na cenografia. Nesses termos, em cerca de 50 espetáculos que se produzem anualmente em São Paulo, somente um ou dois, apresentam números compensadores. Até altamente compensadores. Mas não se trabalha numa atividade à base de exceções.

Por conseguinte, se impõe desde logo a pergunta, que pode até parecer ingênua, mas que é absolutamente lógica: "PORQUE SE FAZ TEATRO?" Eu respondo, com a maior segurança: — Não é pelas subvenções que ajudam mas não resolvem; não é pelo apoio do S.N.T. que é gratificante, mas também não resolve. É que — tomem bem nota da afirmação que se segue — o pessoal do "ambiente" gosta mais do teatro do que do dinheiro. É uma afirmação que dignifica o "ambiente"; é uma idéia nobre, romântica, até heróica. Mas com glórias, elogios e autógrafos; medalhas lúreas e críticas (quando favoráveis) não se compra o feijão nem o leite das crianças. É... dá para se pensar.

Acho assim; quando você, como pessoa e como profissional, tem possibilidades de operar com determinados instrumentos no sentido de adequar novas atitudes ao seu trabalho atingindo mais pessoas — isso sem nenhum caráter paternalista do "artista" para com o "público" — então, como dado bem rasteiro, você está trabalhando com gente, dando recados para gentes. Você não trabalha com tipos, dando recados para massa/público/auditório ou outros coletivos improváveis.

Acontece que Biagio Solesi, antes de Biagio Solesi, é tratado como tipo. Alta tração. Realmente, a tipicidade, colocada antes do sujeito, é alta tração: uma sacanagem. De repente, Ana Karénina não mais Ana Karénina. De repente, todo personagem num espaço rural, tratado como Jeca Tatu antes ou depois.

E a horizontalidade, que tanto incomodou, vem exatamente disso. Eu, culpado: quem? O ranço, vestindo esse problema que está aí/ na tua cara/ todos os dias/ convivendo dentro e fora.

Eu, culpado: quem? Roberto Como é? Vai uma cerveja algum dia, alguma hora? (Estou brincando, apaga tudo). Adoro isso. É o tipo de trabalho que a gente faz e, ao mesmo tempo, ajuda a gente a se fazer. Pode ser tudo descosturado, sem arremates...

MÚSICA

Discos, bom presente para o Natal

Estes são os LPs que AQUI selecionou entre os vários lançamentos deste ano (na próxima semana, outra parte).



Amelita, Raulzito, Jorge e Gil: alguns dos melhores

CAÇA À RAPOSA, com João Bosco (RCA) — A vesso ao precocidade endeusamento de sua música instigante, complexa e variada, o mineiro de Ponte Nova, João Bosco Mucci, 28 anos, solidifica neste seu segundo LP a rápida fama e popularidade alcançada em apenas quatro anos de carreira a mais pródiga revelação da música popular brasileira dos últimos tempos. Sua voz contundente e crua discorre através de límpidos e eloquentes ritmos, do samba-enredo ("Mestre Sala dos Mares") ao bolero ("Dois prá Lá, Dois prá Cá"), sublinhados pelas demolidoras e raras imagens criadas pelo letrista Aldir Blanc.

GIL E JORGE, com Gilberto Gil e Jorge Ben (Phonogram) — O ritmo contagiante e energético, conduz esse expressivo encontro de dois dos mais ilustres compositores da música popular brasileira: Jorge Ben aos doze e Gilberto Gil aos dez anos de carreira. Construída sobre improvisos, massa híbrida de ritmos (baião, xaxado, samba), origens (africanas, brasileiras, orientais) e tendências (Gil, a intuição intelectualizada, Jorge o instinto corretamente aplicado), esta insinuante reunião sonora comprova e desmente qualquer teoria a seu respeito. Exceto uma: não deixe de ouvi-la em sua versão integral de dois LPs.

NOVO AEON, com Raul Seixas (Phonogram) — Com voz filtrada e permeável, impregnado de saudável e turbulenta anarquia, o baiano Raul Seixas, 30 anos, realiza um disco incandescente, por vezes terno, por vezes panfletário, mas sempre humorado. Recuperado dos acessos esotéricos delirantes, flagrantes no LP anterior, Gita, o mais autêntico rock'n'roller brasileiro lança o melhor trabalho de seu gênero, desenvolvendo indistintamente informações diversas, dos Beatles ("Paranoia"), de Elvis Presley ("Rock do Diabo"), de Roberto Carlos ("Tu És o MDC da Minha Vida"). E misturando baião, batuque (a hilariante "É Fim de Mês") em iê-iê-iês, rocks e baladas, apoiado por um naipe esplêndido de músicos. Em tempo: o título Novo Aeon, significa, segundo o autor, o renúncio de uma mudança radical do raciocínio e da civilização. Falou?

PARAGUASSU (Continental) — O valor maior deste LP está contido no seu caráter documental, raro, vigoroso e cativante. São velhas gravações do período de glória do compositor paulista Roque Ricciardi, o

Paraguassu, nascido em 1894. Para ser mais exato, de "Lamentos" (1929) a "Tristeza do Jeca" (1937), quando sua voz árida e seu estilo pioneiro de seresteiro, começaram a entrar em declínio.

AMELITA BALTAR (RGE/Fermata) — De voz dramática e envolvente, a sólida atriz e cantora Maria Amelita Baltar, de Buenos Aires e 34 anos, tornou-se um complemento obrigatório para o renovador tango de Astor Piazzola agora, infelizmente, separados (veja AQUI nº 3). Neste LP, em todo caso, Amelita e Piazzola aparecem reunidos, embora em posições diferentes das habituais: ele apenas cuida dos arranjos e da autoria das músicas, enquanto ela surge no centro da gravação. Além de criações de grande impacto ("Prelúdio para el Año 3001") inclui-se no disco a sublime e contagiante "Balada para un Loco".

THE MYTHS AND LEGENDS OF KING ARTHUR AND THE KNIGHTS OF THE ROUND TABLE, com Rick Wakeman (A&M/Odeon) — Depois de musicar com aparato a trágica saga das seis mulheres do despótico monarca inglês Henrique VIII ("The Six Wives of Henry VIII") e se aventurar num clássico de Júlio Verne ("Viagem ao Centro da Terra"), o eletrizante tecladista londrino, Rick Wakeman, 26 anos, resolveu transportar-se para os tempos medievais do Rei Arthur. Pueril, grandiloquente e classicosa versão eletrônica deste Cecil B. de Mille do rock, apoiada na Orquestra Sinfônica de Londres e o coral inglês de câmara — capaz, porém, de distrair, principalmente os adeptos da pompa (o que poderá ser comprovado nos próximos dias 13 e 14 em São Paulo — veja a página de Espetáculos).

DAVID LIVE AT THE TOWER PHILADELPHIA, com David Bowie (RCA) — Agressivo e sarcástico menestrel da paranóia, o inglês de Brixton, David Bowie, aliás Jones, 26 anos, mantém-se resistente na posição que conquistou dentro do mercado pop embora repetindo-se à exaustão. Nesta sua gravação dupla ao vivo, ele apenas revive alguns dos momentos mais irrequietos de discos anteriores, em velozes rocks, banhados por angustiadas e apocalípticas visões dos tempos modernos.

RENATO DE MORAES

OS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

Wish you were jere, Pink Floyd
Sabotage, Black Sabbath
Brasil Som 75, Benito Di Paula e outros
Alaide, Alaide Costa
Minas, Milton Nascimento
Arthur Moreira Lima/Ernesto Nazareth, Arthur Moreira Lima
Captain Fantastic and Brown Cowboy, Elton John Band
Lugar Comum, João Donato
Roberto Carlos, Roberto Carlos
Lisztomania, Rick Wakeman

Fontes: Bruno Blois, Brenno Rossi, Museu do Disco.

show da cidade

Cacho é cacho — e Yolanda Cardoso não confirma nem desmente. Apenas continua aparecendo nas estréias, nos restaurantes da classe e nas festas, sempre em companhia de Isac Farc, que não é ator mas está em todas. Ele vai buscar Yolanda todas as noites, na saída do pastoril "Viva o Cordão Encarnado". Só não vai nas gravações de "A Viagem", porque teria de esperar muito tempo.



Uma canção

João Bosco, o compositor mineiro ("Dois prá lá, dois prá cá") tem comparecido com frequência a dois pontos-altos da boemia paulistana: o Gigetto e o Bar do Alemão. E muito frequentemente, sob pedidos insistentes, é obrigado a puxar do seu violão e apresentar algumas de suas músicas de que todo o mundo gosta. Quem poderia resistir a um pedido lançado por Ítala Nandi, Cidinha Milar e Analu Prestes? João Bosco, uma noite dessas, no Gigetto, coçou a cabeça, desculpou-se, sorriu, hesitou, e acabou fazendo o que as atrizes pediam: cantou o resto da noite.

As fofocas da semana

O elenco de "Equus" não foi desfeito, conforme se noticiou. Edney Giovenazzi, Ricardo Blat e a turma toda estão prontos para a volta, após um rápido descanso • Em princípio, será a história de Romeu e Julieta, desta vez na versão de Heloísa Castelar, que vai escrever a próxima novela das 19h30, na Rede Tupi • Outra peça que vai viajar logo depois de seu encerramento em São Paulo é "O Jogo do Sexo". Mas até o dia 30, ela continuará no Teatro Paiol • As mudanças começaram a se processar na TV-Cultura, onde se pretende realizar um trabalho de equipe. A orientação continuará sendo de Fernando Faro • A novela de Moacir Franco com a Rede Globo está chegando ao seu esperado "happy-end". O cantor-apresentador-comediante renovou seu contrato • Segredo absoluto caracterizou o casamento de Miriam Mehler e Enio Gonçalves, no último dia 1º. Ele foi celebrado em casa. Sérgio Mamberti e Yara Amaral foram padrinhos e testemunhas • Débora Duarte avisa a gregos e troianos que a única ligação que tinha com Chico Anísio era a sociedade já desfeita no cavalo "Jamperê" • Régis Cardoso estará em São Paulo impreterivelmente no dia 26. Vem sozinho, seu romance com Iris Bruzzi terminou • Vai ser em Pirassununga, entre os dias 20 e 26 de janeiro, a estréia da peça "Um Homem com um Cartaz no Peito: Aluga-se em Estado de Novo", de Charles Dyer. Foi nessa cidade que Cleide Yaconis nasceu • Enquanto curte uma boa no "Pardieiro", hotel cuja propriedade divide em Paratí com o advogado Fábio Vilaboim, Paulo A utran já começa a tomar as providências para começar os ensaios de "A Morte do Caixeiro Viajante".

Antunes Filho assumiu um tom meio coloquial e confidenciou: "Estou em recesso". E o recesso está sendo levado a sério. Será dedicado à sombra e à água fresca, já que praia não é possível nesta São Paulo de cimento e aço. Bem acompanhado, sempre variando bastante, Antunes tem sido visto no tradicional Gigetto; sua presença (foto) foi também assinalada na estréia de "Sinbad, o Marujo".





No meio das precárias condições que cercam a filmagem de "Iaiá Garcia", a atriz Berta Zemel tem calma para sorrir. Ela está muito bem no seu papel, tem sido elogiada.



Quem pretende achar graça das moças do elenco de "Kung Fu Invade o Nordeste", deve tomar cuidado. O produtor exigiu e Nadir Fernandes e Vera Gimenez aprenderam essa luta.



As bonitas meninas do Sinbad Uma certeza

Para uma estréia, até que "Sinbad, o Marujo" (fotos acima) foi muito bem. Houve a luz que não funcionou como devia e a cortina que despencou pela metade, prejudicando o cenário das Mil e Uma Noites, além de algumas falas ditas meio fora de hora — o bastante para prejudicar o ritmo do espetáculo, inegavelmente muito simpático e cheio de bossas.

O trabalho do grupo Pão & Circo é realmente de equipe; e as atrizes — Ítala Nandi, Analú Prestes, Cidinha Milan e Saraka — procuraram mostrar tudo o que podiam. Os homens — Luís Antônio M. Correia, Busa Ferraz, Aurélio Michiles — não deixaram por menos e adentraram pelo mesmo terreno, resultando tudo numa saudável mistura que foi da opereta ao teatro reboado. A plateia, quase lotada — não esquecer das marchas e contra-marchas, estréia várias vezes adiada — de público, que procurou participar, mas nem por isso saiu satisfeita. Faltou alguma coisa no segundo ato, difícil de definir: seriam aventuras de mais ou contadas de menos?

De qualquer forma, o espetáculo promete fazer carreira, já são todos profissionais experimentados, com passagens pela Europa, onde se apresentaram na Suíça, Itália, Alemanha e França, onde foram participar do Festival de Nancy, em 1972.

A escolha de "Sinbad, o Marujo" foi porque o grupo queria um texto fantástico, adaptado à linguagem do grupo, à sua realidade e vivência.

No jardim de uma velha mansão da avenida Higienópolis, Geraldo Vietri explica por que escolheu "Iaiá Garcia" para filmar. Muito simples: "Foi porque acho que esse é o caminho certo para o cinema brasileiro. Tivemos a fase das chanchadas (ótimas) da Atlântida, depois as tentativas da Vera Cruz e da Maristela (fracassos na administração), e agora temos a fase das pornô-chanchadas, que está passando. Esta minha iniciativa pertence a uma fase que vai surgir: a dos clássicos brasileiros."



Anselmo Duarte, Nuno Leal e Paulo Villaça são destacados artistas do filme "Paranóia" — que representa 24 horas de terror e violência, dentro de uma mansão que foi atacada por alguns bandidos. Num intervalo da filmagem, que está sendo feita numa bonita casa do Jardim Paulistano, eles trocam impressões sobre detalhes do roteiro, que muito promete.

Fotos de Geraldo Guimarães

O CARDÁPIO

Passeio

Recreio Holandês — Avenida Maria Amália Lopes de Azevedo, 1006 (Travessa da Avenida Nova Cantareira, no caminho do Horto Florestal). Telefone: 298-0620 — Fundado por uma família holandesa há 45 anos, e mantendo a mesma tradição de qualidade e serviço, sob a direção do proprietário, Artzan Enck, filho dos fundadores. Passou recentemente por uma reforma: um ambiente mais luxuoso, mas sempre agradável. Um lugar ideal para você se desligar das correrias e barulho do centro da cidade. A cozinha continua internacional. As especialidades da casa são o Pato à Califórnia, os pratos alemães e a feijoada aos sábados. Lasanha aos domingos. O custo médio de uma refeição por pessoa é de uns 50 ou 60 cruzeiros, fora as bebidas (nacionais e estrangeiras). A noite a consumação não é obrigatória. Você pode ou jantar ou ficar drincando, enquanto dança com música ao vivo, todas as noites (só fecha às segundas-feiras). No jardim, um parque infantil para as crianças.



Dança

THE LONDON TAVERN — Avenida Ipiranga, 165 (Hilton Hotel). Fone.: 256-0033 — Um novo ponto de encontro da cidade, inaugurado no último dia 5. E como se fosse um pedacinho de Londres no coração de São Paulo. Uma autêntica taverna londrina, com seu ambiente gostoso, aconchegante, caprichado em seus mínimos detalhes. Inclusive, foi importada diretamente de Londres uma discotecária perita em som e nos efeitos de luzes: a partir das 22 horas, dance à vontade na pista de acrílico. Uma bossa muito original é a projeção de filmes mudos numa tela embutida na parede. Também slides vindos de projetores rotativos. Aberto todos os dias (menos aos domingos) desde a hora do almoço (ligeiro, para executivos). No período da tarde, serviço de chá, coquetéis e dringues. Enfim, um ambiente que fará você se sentir em Londres. Não aceita cheques, mas trabalha com todos os cartões de crédito. A noite, estacionamento fácil, ao redor do Hilton.

Boemia

CANTINA DO AMIGO PIOLIN — (Rua Augusta, 161. Fone.: 256-9356. A noite, estacionamento gratuito, ao lado) — Geralmente animadíssimo, frequentado por artistas de teatro, cinema e televisão. Também jornalistas, intelectuais, excêntricos. Enfim, gente que gosta de ver e de ser vista. Embora o endereço antigo fosse uma sala menor e mais aconchegante, o movimento, a alegria e o reboliço continuam os mesmos. A comida sempre boa, com preços ao alcance de todos. A confusão e a demora lógica no atendimento são perfeitamente superadas pelos garçons, que conhecem a freqüência pelo nome e quebram qualquer galho. Experimente os pratos criados pelos próprios fregueses: o Picadinho a Cocô (com milho, ovo frito, banana a milanesa) é receita de Benedito Corsi; o filé Tom Paine (recheado com presunto) é um "souvenir" da época em que a peça esteve em cartaz.

Giovanni: uma autêntica "trattoria".

Falar no Giovanni (Alameda Casa Branca, 1194, entre Oscar Freire e Estados Unidos, Telefone: 282-3586) não é exatamente falar de um restaurante. Aliás, é o próprio Giovanni, o proprietário, quem não gosta que se chame sua casa de "restaurante": "é muito mais uma trattoria, casa onde se come casalinga, ou seja, comida italiana caseira".

E, para entender de comida italiana, ninguém como o Giovanni. Está há mais de 25 anos no métier. E isso só aqui no Brasil, país pelo qual se apaixonou depois de ler um livro onde Stefan Zweig falava de nossa terra. Foi quando Giovanni resolveu vir para cá. Em São Paulo, antes de montar o atual endereço (que, por sinal, está com mudança marcada), ele já esteve em

quatro ou cinco outras casas. Mas também já trabalhou em restaurantes na

própria Itália, também na França, África, e por aí afora.

Em janeiro, quando sair da Alameda Casa Branca, Giovanni transferirá sua trattoria para a Rua Cravinhos, 121. Lá, ele promete,

a casa será "melhor e mais acolhedora" (como se isso fosse possível!).

Na cozinha, o comando é de Bruno, seu primo. (A coincidência com o nome de outro restaurante italiano da cidade, "Giovanni

Bruno" é apenas coincidência.) Ao lado de Bruno, a quituteira baiana Edith, treinada especialmente pelo Giovanni.

E ele mesmo que faz as honras da casa, recebendo os fregueses com a ajuda de dois competentes garçons, José e Orion. O restaurante é amplo, com vários salões, decoração simples. Ninguém faz cerimônia: quem está de paletó não se incomoda em ficar em mangas de camisa. O importante é o prazer dos bons pratos do cardápio, todos a preços bem razoáveis. Se você quiser comer em casa, encomende com antecedência pelo telefone: Giovanni levará em casa.

Ou, se você preferir, encomende na hora e leve você mesmo sua refeição, em embalagens especiais.

Atenção: a casa só fecha aos sábados. Aceita cheques, mas não trabalha com cartões de crédito.



● **FRANGO À DU BARRY**

Indiscutivelmente, as especialidades do Giovanni são as massas e seus molhos. Principalmente a lasanha, sempre verde, sempre fora de série. Mas não deixe de experimentar também os capeletes, os tagliateles, os espaguetes, os talharins.

Para quem gosta de carne, as opções certas são as vitelas, escalopinhos ou coelhos. Peixes: lulas, linguado e camarões, preparados de várias maneiras.

Mas, para esta colunista, um capítulo muito especial é o das aves. Com destaque absoluto para o Frango à Du Barry, criado por um cozinheiro italiano para essa famosa dama da corte francesa. O Giovanni faz a receita autêntica: filés de peito de frango, com ervilhas e champignons, em um molho delicadíssimo. Pode ser acompanhado com purê de batatas, espinafres ou aspargos, sempre com queijo ralado.

● **DOCES E LICORES**

No Giovanni, nunca se esqueça de pedir uma sobremesa para complementar sua refeição. Quem faz os doces é o Bruno. Sua Pastiera di Grano (com recheio de ricota) é famosíssima. Outras pedidas sensacionais: a Crostata (torta de damascos) ou a Torta Zabaglione (com recheio de ovos).

E não se esqueça também de consultar a carta de

vinhos, com as melhores marcas italianas, francesas, espanholas e portuguesas. Também vinhos nacionais, cada dia melhores.

E, se você quiser proporcionar um prazer todo especial à sua convidada, mande servir-lhe um cálice de Amaretto di Sarone, delicioso licor de Amêndoas, aqui possivelmente só encontrado no Giovanni.

A SOFISTICAÇÃO FRANCESA

Para você pensar que está em Paris: Freddy.

Quando a pedida é um jantar sofisticado, nada como a famosa e requintada cozinha francesa. Como, por exemplo, a do Freddy (Praça Dom Gastão Liberal, 5; no fim da Avenida São Gabriel e começo da Santo Amaro; Telefone: 80-7339). A entrada do restaurante, simples e meio escondida, não dá absolutamente idéia do que você vai encontrar lá dentro. Uma casa pequena, aconchegante, mas com aquele ambiente clássico de simplicidade requintada. As paredes com lambris de madeira, o detalhe de um relógio antigo na decoração, porcelanas enfeitando aqui e ali. No fundo, um simpático barzinho.

O Freddy garante cozinha francesa de primeiríssima linha, com uma tradição de 22 anos no mesmo local. Há dois anos foi comprado por um novo dono, Jacques Legoff, francês dos quatro costados. Jacques não fez mudança

nenhuma nas características da casa. E ele quem supervisiona a cozinha e ensina os segredos das receitas aos seus cozinheiros: Francisco Oliveira (há 15 anos na casa), Geraldo Rodrigues e Geraldo dos Santos (ambos há 7 anos).

Recentemente, Jacques esteve na França, tentando aprimorar seu cardápio. Mas não encontrou nada de muito diferente para trazer, que pudesse ser feito aqui com os ingredientes disponíveis.

Sua refeição é acompanhada por música de fita. Ar condicionado tranquilo.

No Freddy, o preço médio por pessoa é de Cr\$ 80,00. Sem bebidas, evidentemente. O restaurante fecha às segundas-feiras. Nos outros dias, abre para almoço e jantar. Menos aos sábados, quando só é servido o jantar. Aceita cheques, mas não trabalha com cartões de crédito. O estacionamento, na própria praça, é fácil.

● **SAINT-TROPEZ E KEDGERY**

O cardápio do Freddy tem um convite: "Le Chef Vous Présente". Aceite o convite e parta para uma das especialidades. Como os omeletes.

Entre os peixes, não deixe de experimentar o "Saint Tropez", panquecas finíssimas, recheadas com peixe, cobertas com queijo derretido e um molho "au champagne e aux champignons". O "Kedgery" é um delicioso arroz com frutos do mar, coberto com queijo ralado e gratinado ao forno, acompanhado de "chutney" (geléia picante de manga, preparada na própria casa).

Uma sugestão de aves: o Pato Assado à Moda da Casa, com maçãs, ameixas e batatas fritas. Também Coq Au Vin, um perfeito Vol-Au-Vent (massa folhada com recheio) ou um delicioso Cassoulet, a famosa "feijoada" francesa, feita com feijão branco.

Antes do prato principal, não dispense o "hors d'oevre". Sugestões de patês, sardinhas, Coquetel de Camarões. Ou o sensacional "Escargots de Pobre", apelido dado pelos próprios fregueses para uma surpresa deliciosa, que vale a pena experimentar.

● **AQUI, UMA FILIAL**

Antes de terminar o serviço sobre o Freddy, a dica de uma espécie de "filial" do restaurante: o Marcel (Rua Epitácio Pessoa, 98; pertinho do Hilton; fone: 257-6968).

O Marcel também pertence a Jacques Lagoff, e seu sócio, Jean Durand. A mesma classe, a mesma categoria, o mesmo "savoir faire".

Só que no centro, portanto excelente sugestão para o almoço dos homens de negócios. No cardápio do Marcel, os pratos de maior sucesso são o Suflet de Camarões, o Medaillon de

Filé Au Caviar (uma parada) e o Frango de Ceilão, preparado com leite de coco, creme de leite e caldo de "chutney". O Marcel fecha aos domingos. Aos sábados, não serve almoço.

Voltando ao Freddy: não deixe de experimentar suas sobremesas. Todas tipicamente francesas: Mousses, Tarteletes, requintada Patisserie. Na carta de vinho, o grande destaque, evidentemente, vão para os rótulos franceses. Também marcas de outras procedências, inclusive nacionais.

Lucilla Simonsen Santos

VOLTA AO MUNDO

Velha Bahia

ACARAJÉ DO NORTE — (Rua Capote Valente, 687. Entre a Teodoro Sampaio e a Cardeal Arcoverde. Sem telefone) — O melhor da festa é conversar com a dona, Maria Raymunda. Em sua linda roupa de baiana e com aquela fala doce. Famosa quituteira da Bahia, personagem de Jorge Amado, badalada por Dorival Caymmi, divide seu tempo entre o restaurante, a Feira de Artesanato da Praça da República e o Centro Afro-Brasileiro no Rio Bonito, onde é lalorixá. O que é uma pena, pois nem sempre se tem a sorte de encontrá-la no restaurante. Dia certa é sábado. A casa é simples, decorada com imagens e pinturas na parede que evocam temas do candoblê. Bons pratos baianos, lá tem todos: Vatapá (a especialidade da casa), Acarajé, Galinha de Cabidela, Caruru, Sarapatel, Manissoba, Efô, Moquecas, Bobó, Cuscus, mais a feijoada baianas aos sábados. De sobremesa, geniais Quindins de Yayá e Baba de Moça. Custo médio dos pratos, Cr\$ 45,00 (exceto camarões). Aceita cheques.



Massas & Cabrito

CANTINA DO AMERICANO — (Rua Conselheiro Ramalho, 970. Fone: 289-0775) — Esta é uma das cantinas mais tradicionais e autênticas da cidade. É uma casa de decoração muito simples, as mesas com toalhas de xadrezinho colorido, as garrafas de vinho penduradas em arcada, junto com os salames, os provolones. Mas é um lugar onde você se sentirá muito à vontade. Basta ir uma vez e o Américo já fica conhecendo pelo nome. Na cozinha, sua esposa é quem manda. Comidas geniais, com destaque muito especial para a Perna de Cabrito, maravilhosamente temperada. Um vasto elenco de massas, boas e em porções generosas quase sempre, dá para dois, tranquilamente. Uma pedida muito especial para você curtir enquanto espera o prato especial é o delicioso pão recheado com linguiça e mussarela. Mas não se esqueça de dar uma olhadinha na muito tentadora mesa de frios e antepastos: queijo apimentado, frutos do mar, beringelas, cebolinhas — enfim, um colorido festivo de delícias.

Made in Japan

ENOMOTO — (Rua Galvão Bueno, 54. Fone: 279-0198. Estacionamento grátis, na Rua Américo de Campos) — Por tradição, a casa nunca abre nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Nos outros dias, funciona das 11 às 14 horas (almoço) e das 18 às 24 horas (jantar). É um dos mais conhecidos restaurantes japoneses de São Paulo. A refeição pode ser servida nos típicos tatames, de acordo com o costume oriental. Nesse caso, há um pequeno acréscimo nos preços do cardápio, cujos pratos, quando servidos nas mesas, oscilam em torno de Cr\$ 35,00. Uma especialidade mais barata, sugerida pelo proprietário: Yakitori, um espeto de frango à moda da casa, por Cr\$ 15,00. O serviço é atencioso, obedecendo às regras tradicionais da famosa hospitalidade japonesa. Logo à entrada, um jardim tipicamente oriental que é uma atração a mais na característica paisagem do bairro da Liberdade, o "chinatown" de São Paulo.

TEATRO

Destaque: o Sinbad, o Marujo



Derradeira Ceia.

DERRADEIRA CEIA — Do mesmo autor (Luiz Marinho) e com o mesmo diretor (Luiz Mendonça) de "Viva o Cordão Encarnado", este espetáculo abandona a linha marcantemente musical do que o precedeu, embora mantenha-se voltado para a literatura de cordel e o folclore nordestino. O texto "burila" os momentos finais de Lampião e seu grupo, aproveitando-se da dúvida em torno da morte do cangaceiro — ele teria sido envenenado? — e optando por uma das possibilidades: a da refeição fatal, preparada por um de seus capangas. E resume as causas do movimento a três itens (individualismo, fanatismo e vingança). O que talvez signifique bem, ele não compreendeu que os lances que burilou. E, eventualmente, ensejo ao diretor criar mais uma fantasia medíocre. Com

Marielaire Brant, Júlia Gray, Wilson Mau. **Teatro Aplicado** (av. Brigadeiro Luiz Antonio, 931), de terça a domingo. **AI DE TI MATA HARI** — Em seu segundo espetáculo, o Royal Bexiga's Company abandona o esquema de revista musical de "O que Você Vai Ser Quando Crescer" para tentar uma peça mais próxima do convencional. Opereta com músicas de Paulo Herculano e direção de Silnei Siqueira. "Ai de Ti..." é composto por personagens caricaturais, o grupo de sete autores/produtores/atores mostra os problemas da classe dominante no primeiro ato e os mesmos problemas vividos por tipos marginais no segundo. Com Jandira Martini, Rodrigo Santiago, Vicente Tuttoimondo. **Teatro Arthur Azevedo** (av. Paes de Barros, 995), a partir de terça.

ABSURDA PESSOA — Em três noites de Natal festejadas por três casais nas cozinhas de suas casas, o autor inglês Alan Ayckbourn radiografa o trágico absurdo do cotidiano determinado pela sociedade contemporânea — notadamente à classe média. O espetáculo dirigido pelo ator Renato Borghi é convencional e sem, contudo, deixar o espectador indiferente. Para que contribui a bombástica performance de Ester Góes. **Teatro Treze de Maio** (Rua Treze de Maio, 134), de quarta a domingo.

O CASO WALTER KATE — Com relativa verve e humor a peça musical escrita e dirigida pela atriz Claudia de Castro apresenta a Escola de Samba Unidos da Desgraça e seu enredo contando a história de Walter e Kate. Um caso de amor parodiando o rumoroso episódio Watergate. As soluções encontradas não chegam, porém, a força de um grito de carnaval. Com Neusa Borges, João Acaíabe, Yara Marques. **Teatro Popular** (rua São Vicente, atrás da praça 14 Bis), de terça a domingo.

MURO DE ARRIMO — Autor premiado pelo hábito, às vezes saudável, de recordar o presente via passado, Carlos Queiroz Telles lança-se agora a uma trama atual; seu único personagem, o pedreiro Lucas, interpretado pelo talentoso Antonio Fagundes, constrói um muro no alto de um edifício enquanto aguarda a transmissão de um jogo do Brasil em Frankfurt. O espetáculo, em tom de reportagem e de curta imaginação, termina onde deveria começar. **Teatro Aliança Francesa** (rua General Jardim, 182), de terça a domingo.

RODA COR-DE-RODA — A quarta peça montada da teatrológica Leilah Assunção, (30 anos), não tem a mesma agudeza psicológica de "Fala Baixo Senão Eu Grito" embora tenha sofrido corrosivas restrições da censura como em "Amanhã, Amélia, de Amanhã". Nos 5 movimentos em que Amélia, mulher de verdade (Irene

Sil. Sem brilhos mas sem deslizes, este retrato de violência americana levemente temperado com um molho latino e dirigido por José Renato, cumpre fielmente sua função de fazer rir com a frequência desejada. **Teatro Maria Della Costa** (Rua Paim, 72), somente até domingo.

SINBAD, O MARUJO — Com um espetáculo imaginativo e humorado, o Grupo Pão & Circo promete dar a volta por cima em "Sinbad...", adaptação livre em tom de comédia musical da lendária narrativa retirada das "Mil e Uma Noites". Desta vez, com um considerável reforço: a atriz Itala Nandi, interpretando Scheherazade, narradora da fabulosa saga e em mais seis papéis (fato também comum aos demais atores). Direção de Luiz Antonio Martinez Correa. Com Analu Prestes, Buza Ferraz. **Teatro Oficina** (R. Jaceguai, 520), de terça a domingo.

ÚLTIMO BOLERO EM SOROCABA — "Um deboche de um louco desvirado que apela para o popular e ao mesmo tempo o ridiculariza". Assim o diretor Ewerlon de Castro define a peça de Mah Luly. **Teatro de Bolso** (av. São João, 1.737), de quarta a domingo.

O VENDEDOR DE GALGADAS — Dois fatos distintos aglutinados pelo diretor Luiz Jansen e pelo ator Procópio Ferreira — uma retrospectiva da história do humorismo, desde a época do pré-cristianismo até os dias de hoje e o meio século de teatro correspondente à carreira artística de Procópio conduzidos em tom informal e envolvente pelo ator e entremeados por projeções e slides. **Teatro Ruth Escobar — sala do Meio** (rua dos Ingleses, 209), de terça a domingo.

GRANDE CONCENTRAÇÃO DE TODOS OS CORAIS — Os corais da capital e do interior, reunidos ao ar livre e à luz de velas, após a apresentação de "O Messias", cantarão "Adeste Fidelis", "Away in a Manger", "Glória", "Aleluia" e "Noite Feliz", regidos pelo maestro Benito Juarez. **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente sábado.

CORAL DA UNIVERSIDADE DE JOHANNESBURGO — Regido pelo maestro Douglas Reid, o Witwatersrand University Choir, da África do Sul, canta obras de Cook, Menotti, Bynd, Tallis, Handl, Gibbons, Rachmaninoff, Berger, Sargent, Dirham, Poston, Kirk, Seiber, Vaughan Williams, Rubbra, Howells, Ekweme, Cornelius, A thins e Maconchy. **Canções de Natal**. MASP (Av. Paulista, 1578), somente domingo.

MÚSICA NOS PARQUES — Dentro da programação do Movimento Mário de Andrade, apresenta-se desta vez o consagrado flautista Jean-Noel Saghaard, acompanhado por Salvador Mazano (oboé), Alain Lacour (fagote) e Terezinha Saghaard (piano). **Anfiteatro Verde** (Parque Morumbi), somente domingo.

MADRIGAL E PERCUSSÃO — O Madrigal e o Grupo Percussão da FAP-Arte, sob a regência de Marilena de Oliveira, interpretam Scarlatti (Exultate Deo), Lassus (Super Flumina Babylonis), Jannequin (Au Joli Jeu), Victoria (Sittienten venite ad aquas), Ciro Pereira (Jequibach) e Edino Krieger (Fuga e Anti-fuga). O destaque do programa é a Missa Luba, de Frei Guido Haazen Ofm, para tenor solo e quatro vozes mistas e percussão. MASP (Av. Paulista, 1578), somente domingo.

CONCERTO SINFÔNICO — Sob a regência do maestro Samuel Kerr, a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal interpreta, entre outros autores, Bach (Restighi, prelúdio coral) e Haydn (Concerto para violino e orquestra). **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente segunda.

DANÇA — O Corpo de Baile Municipal, dirigido por Antonio Carlos Cardoso e Iracley Cardoso, interpreta "Solidão", de Astor Piazzola, e "Do Galope ao Romance Nordestino", do Quinteto Armorial, entre outras peças. **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente quinta.

AUKE — Aproximando-se do

SHOW

Destaque: Rick Wakeman



Rick Wakeman: um Mantovani eletrificado.

RICK WAKEMAN, com Rick Wakeman e Orquestra Sinfônica Brasileira; Ginásio de Portuguesa de Desportos (r. da Piscina, 33); sábado e domingo.

Para um cultor da pompa e circunstância, as exigências até que são modestas. Super-astro da última geração do rock, reconhecido como o mais completo tecladista de sua era (veja seção Música), Rick Wakeman fez, porém, modestos pedidos para a rápida excursão que inicia no próximo dia 14 pelo Brasil: passagens e hospedagem para seu sexteto "English Rock Ensemble" e uma entourage de 24 pessoas. hotel com piscina e pessoas para jogar futebol.

O último pedido, aparentemente excêntrico, tem contido uma explicação bastante verossímil: com a curta idade de 26 anos, este inglês de Londres, filho de um pianista erudito, já sofreu três enfartes e tem uma úlcera perfurada, que lhe obrigaram ultimamente a praticar esportes. E sua momentânea modestia talvez possa também ser facilmente explicada: os custos excessivos com as mirabolantes encenações de suas partituras — "Mitos e Lendas da Corte do Rei Arthur" ocupou 104 figuras — causaram-lhe só em sua recém-encerrada temporada americana um prejuízo de 240 mil dólares, obrigando-lhe a vender 2 de seus 3 Rolls Royces e 3 de seus outros carros (*).

Ainda que em escala menor, são proezas de porte semelhante que Wakeman deverá apresentar nos palcos brasileiros. E que ele começou a escalar desde os tempos em que frequentava a Royal Academy of Music, antes de aderir à música pop onde tocou com músicos de renome, como Cat Stevens e David Bowie, até consagrar-se como o volátil piloto do sintetizador do grupo "Yes", do qual se desligou há dois anos. No primeiro espetáculo em São Paulo, Wakeman fará uma seleta de peças das "Seis Esposas de Henrique VIII" e das "Lendas do Rei Arthur". E no segundo mostrará a versão integral de sua "Viagem ao Centro da Terra", em ambos acompanhado pela Orquestra Sinfônica Brasileira. Nada além do

BRASILEIRO PROFISSÃO ESPERANÇA — Através de quatro tempos — esperança, cansaço, desespero e esperança outra vez — Paulo Gracindo e Clara Nunes atingem com notável profissionalismo a meta pretendida pelo dramaturgo Paule Pontes e pela diretora Bibi Ferreira: dimensionar as obras do cronista Antonio Maria (1921-1964) e da compositora Dolores Duran (1930-1959) e dos artistas que seguiram as trilhas por eles abertas. **Teatro Aquário** (av. Rui Barbosa, 266), de quarta a domingo.

CANTA MAIS — Cantar para não pensar em outras coisas retomar um otimismo perdido: estas as idéias que Marília Medalha tinha na cabeça quando aceitou o convite para fazer mais um show de boate (o último foi em 67, na boate zumbel, do Rio). Acompanhada pelo Maestro Messias (guitarra), Miguel (piano), Ajime (abaixo), Tim (bateria), Papete (percussão) e Manezinho (flauta), Marília canta uma composição sua ("Sagarana") e o ineditável "Ponteio", de Edu Lobo, além de outras composições de Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso e outros. **Jogral** (rua Maceió, 66), de segunda a sábado.

MAYSA: CONFISSÕES — Aos 39 anos, Maysa retorna aos palcos e à São Paulo num show absolutamente informal e atraente. Dirigida por Roberto Freire, ela conversa com a plateia, conta casos e interpreta com sua sensível e irrefreável voz um repertório de poucas novidades, como "Tema de Simone" e "Nós Dois", músicas de sua autoria. Para esta cantora de presença altiva, bela, agressiva, a prioridade ainda é dos antigos sambas-canções, como "Suas Mãos", ou cálidas composições como "Ne Me Quittes Pas". **Igrejinha** (r. Santo Antonio esq. Treze de Maio), de terça a sábado.

ELIS REGINA: à procura de alternativas. "Ninguém faz nada certo em hora errada", antecipa veementemente a cantora Elis Regina. De acordo com isso e seguindo uma inquietação inadiável de realizar um espetáculo que não fosse apenas mais um show ou um concerto, a veneranda cantora resolveu retificar suas posições. Aliou-se, junto com o quinteto do arranjador Cesar Camargo Mariano, à atriz e encenadora Miriam Muniz, disposta a encontrar novos caminhos e alternativas no horizonte de sua consolidada carreira, desdobrando-se em prolongados ensaios e pesquisas, do teatro à psicanálise. Por isso, quem a viu girar espontaneamente os braços nos tempos do Fino da Bossa ou a conter-se irrepreensível em seus últimos espetáculos, certamente se surpreenderá com o clima deste: um ambiente de circo, ressaltado pela cenografia de Naum Alvez de Souza, com bonecos por todo o palco, conformado pela direção de Miriam ("Eu não trabalho com música, mas com a emoção das pessoas"), até mesmo com filmes de José Rubens Siqueira. E complementado por uma elástica versatilidade no repertório: de valsa de Straus a composições inéditas de João Bosco ou Belchior, passando por rocks, baladas, boleros, tangos e canções latino-americanas. Além de requintes como a confecção de 60 figurinos a serem usados no espetáculo. Aos 30 anos, 11 de carreira, espera-se que Elis e seu Falso Brilhante alcancem o brilho de um show raro, quicá, no tempo exato.

ELIS REGINA: à procura de alternativas. "Ninguém faz nada certo em hora errada", antecipa veementemente a cantora Elis Regina. De acordo com isso e seguindo uma inquietação inadiável de realizar um espetáculo que não fosse apenas mais um show ou um concerto, a veneranda cantora resolveu retificar suas posições. Aliou-se, junto com o quinteto do arranjador Cesar Camargo Mariano, à atriz e encenadora Miriam Muniz, disposta a encontrar novos caminhos e alternativas no horizonte de sua consolidada carreira, desdobrando-se em prolongados ensaios e pesquisas, do teatro à psicanálise. Por isso, quem a viu girar espontaneamente os braços nos tempos do Fino da Bossa ou a conter-se irrepreensível em seus últimos espetáculos, certamente se surpreenderá com o clima deste: um ambiente de circo, ressaltado pela cenografia de Naum Alvez de Souza, com bonecos por todo o palco, conformado pela direção de Miriam ("Eu não trabalho com música, mas com a emoção das pessoas"), até mesmo com filmes de José Rubens Siqueira. E complementado por uma elástica versatilidade no repertório: de valsa de Straus a composições inéditas de João Bosco ou Belchior, passando por rocks, baladas, boleros, tangos e canções latino-americanas. Além de requintes como a confecção de 60 figurinos a serem usados no espetáculo. Aos 30 anos, 11 de carreira, espera-se que Elis e seu Falso Brilhante alcancem o brilho de um show raro, quicá, no tempo exato.

ELIS REGINA: à procura de alternativas. "Ninguém faz nada certo em hora errada", antecipa veementemente a cantora Elis Regina. De acordo com isso e seguindo uma inquietação inadiável de realizar um espetáculo que não fosse apenas mais um show ou um concerto, a veneranda cantora resolveu retificar suas posições. Aliou-se, junto com o quinteto do arranjador Cesar Camargo Mariano, à atriz e encenadora Miriam Muniz, disposta a encontrar novos caminhos e alternativas no horizonte de sua consolidada carreira, desdobrando-se em prolongados ensaios e pesquisas, do teatro à psicanálise. Por isso, quem a viu girar espontaneamente os braços nos tempos do Fino da Bossa ou a conter-se irrepreensível em seus últimos espetáculos, certamente se surpreenderá com o clima deste: um ambiente de circo, ressaltado pela cenografia de Naum Alvez de Souza, com bonecos por todo o palco, conformado pela direção de Miriam ("Eu não trabalho com música, mas com a emoção das pessoas"), até mesmo com filmes de José Rubens Siqueira. E complementado por uma elástica versatilidade no repertório: de valsa de Straus a composições inéditas de João Bosco ou Belchior, passando por rocks, baladas, boleros, tangos e canções latino-americanas. Além de requintes como a confecção de 60 figurinos a serem usados no espetáculo. Aos 30 anos, 11 de carreira, espera-se que Elis e seu Falso Brilhante alcancem o brilho de um show raro, quicá, no tempo exato.

ELIS REGINA: à procura de alternativas. "Ninguém faz nada certo em hora errada", antecipa veementemente a cantora Elis Regina. De acordo com isso e seguindo uma inquietação inadiável de realizar um espetáculo que não fosse apenas mais um show ou um concerto, a veneranda cantora resolveu retificar suas posições. Aliou-se, junto com o quinteto do arranjador Cesar Camargo Mariano, à atriz e encenadora Miriam Muniz, disposta a encontrar novos caminhos e alternativas no horizonte de sua consolidada carreira, desdobrando-se em prolongados ensaios e pesquisas, do teatro à psicanálise. Por isso, quem a viu girar espontaneamente os braços nos tempos do Fino da Bossa ou a conter-se irrepreensível em seus últimos espetáculos, certamente se surpreenderá com o clima deste: um ambiente de circo, ressaltado pela cenografia de Naum Alvez de Souza, com bonecos por todo o palco, conformado pela direção de Miriam ("Eu não trabalho com música, mas com a emoção das pessoas"), até mesmo com filmes de José Rubens Siqueira. E complementado por uma elástica versatilidade no repertório: de valsa de Straus a composições inéditas de João Bosco ou Belchior, passando por rocks, baladas, boleros, tangos e canções latino-americanas. Além de requintes como a confecção de 60 figurinos a serem usados no espetáculo. Aos 30 anos, 11 de carreira, espera-se que Elis e seu Falso Brilhante alcancem o brilho de um show raro, quicá, no tempo exato.

ELIS REGINA: à procura de alternativas. "Ninguém faz nada certo em hora errada", antecipa veementemente a cantora Elis Regina. De acordo com isso e seguindo uma inquietação inadiável de realizar um espetáculo que não fosse apenas mais um show ou um concerto, a veneranda cantora resolveu retificar suas posições. Aliou-se, junto com o quinteto do arranjador Cesar Camargo Mariano, à atriz e encenadora Miriam Muniz, disposta a encontrar novos caminhos e alternativas no horizonte de sua consolidada carreira, desdobrando-se em prolongados ensaios e pesquisas, do teatro à psicanálise. Por isso, quem a viu girar espontaneamente os braços nos tempos do Fino da Bossa ou a conter-se irrepreensível em seus últimos espetáculos, certamente se surpreenderá com o clima deste: um ambiente de circo, ressaltado pela cenografia de Naum Alvez de Souza, com bonecos por todo o palco, conformado pela direção de Miriam ("Eu não trabalho com música, mas com a emoção das pessoas"), até mesmo com filmes de José Rubens Siqueira. E complementado por uma elástica versatilidade no repertório: de valsa de Straus a composições inéditas de João Bosco ou Belchior, passando por rocks, baladas, boleros, tangos e canções latino-americanas. Além de requintes como a confecção de 60 figurinos a serem usados no espetáculo. Aos 30 anos, 11 de carreira, espera-se que Elis e seu Falso Brilhante alcancem o brilho de um show raro, quicá, no tempo exato.

ELIS REGINA: à procura de alternativas. "Ninguém faz nada certo em hora errada", antecipa veementemente a cantora Elis Regina. De acordo com isso e seguindo uma inquietação inadiável de realizar um espetáculo que não fosse apenas mais um show ou um concerto, a veneranda cantora resolveu retificar suas posições. Aliou-se, junto com o quinteto do arranjador Cesar Camargo Mariano, à atriz e encenadora Miriam Muniz, disposta a encontrar novos caminhos e alternativas no horizonte de sua consolidada carreira, desdobrando-se em prolongados ensaios e pesquisas, do teatro à psicanálise. Por isso, quem a viu girar espontaneamente os braços nos tempos do Fino da Bossa ou a conter-se irrepreensível em seus últimos espetáculos, certamente se surpreenderá com o clima deste: um ambiente de circo, ressaltado pela cenografia de Naum Alvez de Souza, com bonecos por todo o palco, conformado pela direção de Miriam ("Eu não trabalho com música, mas com a emoção das pessoas"), até mesmo com filmes de José Rubens Siqueira. E complementado por uma elástica versatilidade no repertório: de valsa de Straus a composições inéditas de João Bosco ou Belchior, passando por rocks, baladas, boleros, tangos e canções latino-americanas. Além de requintes como a confecção de 60 figurinos a serem usados no espetáculo. Aos 30 anos, 11 de carreira, espera-se que Elis e seu Falso Brilhante alcancem o brilho de um show raro, quicá, no tempo exato.

ESPECIAIS

MÚSICA ERUDITA

FESTIVAL DE NATAL SÃO PAULO 75 — Na abertura do festival, o Coral Municipal, o Coral Pró Música Sacra e o Coral Infantil Ecco, acompanhados pela Orquestra Sinfônica Municipal, sob a regência de David Machado, interpretam: "Magnificat-Alleluia" e o choro n. 10 "Rasga Coração", de Villa-Lobos, e "Divertimento para gente jovem e orquestra", de Claudio Santoro (primeira execução em São Paulo). **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente sexta.

NATAL DE TODOS OS SONS — Uma longa programação de músicas sacras (das 9 às 18 horas) interpretadas pelos mais variados instrumentistas e corais, entre os quais o violonista Nathan Schwartzman e o pianista Fernando Lopes (forman-

do o Duo Unicam), o cravista Roberto de Regina, o Madrigal Renascentista, e os corais "Guiomar Novais" e "Campos Salles". **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente sábado.

CORAI NO CENTRO DA CIDADE — Concentração de todos os corais da grande São Paulo, no Largo São Bento, e de todos os corais do interior do Estado, na Praça da República, interpretando canções natalinas. Somente sábado.

O MESSIAS — O oratório de Haendel interpretado pelo Coral da Universidade de São Paulo (53 cantores e 4 solistas), acompanhado pela Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, sob a regência de Benito Juarez. Os solistas são Sonia Born, Lenice Priolli, Claudio Lisias e Fernando Duarte. **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente sábado.

GRANDE CONCENTRAÇÃO DE TODOS OS CORAIS — Os corais da capital e do interior, reunidos ao ar livre e à luz de velas, após a apresentação de "O Messias", cantarão "Adeste Fidelis", "Away in a Manger", "Glória", "Aleluia" e "Noite Feliz", regidos pelo maestro Benito Juarez. **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente sábado.

CORAL DA UNIVERSIDADE DE JOHANNESBURGO — Regido pelo maestro Douglas Reid, o Witwatersrand University Choir, da África do Sul, canta obras de Cook, Menotti, Bynd, Tallis, Handl, Gibbons, Rachmaninoff, Berger, Sargent, Dirham, Poston, Kirk, Seiber, Vaughan Williams, Rubbra, Howells, Ekweme, Cornelius, A thins e Maconchy. **Canções de Natal**. MASP (Av. Paulista, 1578), somente domingo.

MÚSICA NOS PARQUES — Dentro da programação do Movimento Mário de Andrade, apresenta-se desta vez o consagrado flautista Jean-Noel Saghaard, acompanhado por Salvador Mazano (oboé), Alain Lacour (fagote) e Terezinha Saghaard (piano). **Anfiteatro Verde** (Parque Morumbi), somente domingo.

MADRIGAL E PERCUSSÃO — O Madrigal e o Grupo Percussão da FAP-Arte, sob a regência de Marilena de Oliveira, interpretam Scarlatti (Exultate Deo), Lassus (Super Flumina Babylonis), Jannequin (Au Joli Jeu), Victoria (Sittienten venite ad aquas), Ciro Pereira (Jequibach) e Edino Krieger (Fuga e Anti-fuga). O destaque do programa é a Missa Luba, de Frei Guido Haazen Ofm, para tenor solo e quatro vozes mistas e percussão. MASP (Av. Paulista, 1578), somente domingo.

CONCERTO SINFÔNICO — Sob a regência do maestro Samuel Kerr, a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal interpreta, entre outros autores, Bach (Restighi, prelúdio coral) e Haydn (Concerto para violino e orquestra). **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente segunda.

DANÇA — O Corpo de Baile Municipal, dirigido por Antonio Carlos Cardoso e Iracley Cardoso, interpreta "Solidão", de Astor Piazzola, e "Do Galope ao Romance Nordestino", do Quinteto Armorial, entre outras peças. **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente quinta.

AUKE — Aproximando-se do

NOVELAS

Destaque:
O Grito

De segunda a sexta
22h00

(5) **O Grito** — Uma idéia ambiciosa e estimulante do teatrólogo Jorge Andrade — sintetizar a realidade de uma megalopole (no caso São Paulo) através das personagens do imaginário edifício Paraíso — contida, nestes primeiros capítulos, por um clima excessivamente sufocante. Com Glória Menezes, Walmor Chagas, Isabel Ribeiro.

DE segunda a sábado
18h15

(5) **A Moreninha** — A adaptação de Marcos Rey deslocou o romance de Joaquim Manoel de Macedo, 20 anos à frente, com intenção de incluir alguns episódios históricos importantes. Resultado: a essência da história original evaporou-se no vídeo, soterrada por uma disforme massa de figurinos e cenários Com Nivea Maria e Marco Nanini.

18h25

(4) **O velho, o menino e o burro** — Inócua e interminável telenovela infantil. No capítulo 208, o bandido Cicatriz (Marcos Lander) se regenera e torna-se o sacristão do Padre Pinto (Paulo Hesse). Mais tarde, no capítulo 212, todos os personagens da novela participarão do presépio. Peto (Douglas Mazzola) será o menino Jesus e Linda Gay, a Virgem Maria.

19h00

(4) **Um dia, o amor** — Maria Cecília (Liza Vieira) casa-se na mansão de Lucinha (Lélia Abramo). Nesta semana, D. Emília (Eleonor Bruno) abandona a mansão onde morava com o filho, Dr. Ricardo, e as netas (as três Marias) — o primeiro momento triste deste personagem feliz.

(5) **Bravo** — Carlos Alberto é o maestro angustiado dessa novela de acordes dissonantes de Janete Clair, tendo como "partner" Araci Balabanian. Nesta semana, Grande Otelo começa a gravar a volta de seu personagem, Malaquias. E no dia 12 será gravado um concerto do Maestro Clóvis (Carlos Alberto) em Joinville (SC), com a participação da Orquestra Sinfônica Estadual.

19h45

(4) **A Viagem** — Um novo personagem estréia esta semana: Queiróz (Gervásio Marques), empregado da firma de Dr. César (Altair Lima), que a seu pedido torna-se sócio da butique de Dinah (Eva Wilma). Por outro lado, Renata (Carmem Marinho) deseja vingar-se de Estela (Irene Ravache), que tomou seu lugar na firma, procurando o marido (Serafim Gonzales) de sua "vítima".

20h00

(5) **Pecado Capital** — Novela convencional, seguindo os mesmos padrões de sucesso dos trabalhos anteriores de Janete Clair: a solidão de Salviano, um industrial viúvo, pai de seis filhos (Lima Duarte) e os problemas provocados por "uma ascensão social brusca", vivida pela operária Lúcia (Betty Faria) e pelo motorista de táxi Carlão (Francisco Cuoco). Direção de Daniel Filho.

20h25

(4) **Vila do Arco** — Adaptação do conto "O Alienista" de Machado de Assis. Com Laerte Morrone e Maria Isabel de Lizandra.



A. Viagem: suor e lágrimas.

SÉRIES

Quinta, 11

Destaque: Enigma **

21h00

(13) **Cyborg** — Lee Majors é um desenxabido super-homem mecânico. Episódio de hoje: "Taneha". (COR).

(7) **Estórias da História** — Série sem artistas principais, onde cada episódio narra, de maneira romancada, um fato ou lenda históricos. Episódio de hoje: "A conquista de Golias", com Rock Stevens e Helg Line. (COR).

Sexta, 12

Destaque: Mod Squad **

22h00

(7) **Police Woman** — Angie Dickinson é um sargento com armas bastante originais: sutiãs, calcinhas e o indispensável Colt. (COR).

23h00

(4) **Mod Squad** — Michael Cole, Clarence Williams III e Peggy Lipton são três jovens policiais,

dedicados a problemas onde a identidade policial (principalmente a farda) torna-se um obstáculo para a elucidação de crimes. Episódio de hoje: "Quem são os loucos?". (COR).

(13) **Barnaby Jones** — Buddy Ebsen cria um velho e comedido detetive, ainda na ativa. Episódio de hoje: "Herança sombria". (COR).

Sábado, 13

Destaque: M.A.S.H. **



MASH: "delicias" da guerra.

22h30

(4) **O Sexto Sentido** — Gary Collins interpreta um médico especializado em parapsicologia, que utiliza suas habilidades extraordinárias para resolver os problemas alheios. Com Henry Silva e Catherine Ferrar. Episódio de hoje: "Retorno das Profundezas". (COR).

(13) **Kolchak** — Darren McGavin é Carl Kolchak, um reporter especial norte-americano que anda à cata de assuntos extravagantes e esbarra sempre com o sobrenatural. Episódio de hoje: "O demônio hindu". (COR).

23h30

(13) **M.A.S.H.** — Divertida sátira à guerra da Coreia, com Alan Alda e Wayne Rogers. Episódio de hoje: "Kelly, nervos de aço". (COR).

Domingo, 14

Destaque: Colditz **

23h00

(13) **Colditz** — Prisioneiros de guerra norte-americanos, Robert Wagner e David MacCallum tentam fugir de um castelo-prisão durante a Guerra. Episódio de hoje: "O jogador". (COR)

00h00

(5) **Os Intocáveis** — Numa série esmaecida pelo tempo, Elliot Ness e seus agentes federais combatem os gangsters de Chicago, na época da Lei Seca. Episódio de hoje: "O quebra-galhos".

Segunda, 15 **Destaque: Planeta dos Macacos ****

21h00

(5) **Planeta dos Macacos** — Na reciclagem para TV, seguindo a idéia original da novela "Monkey Planet" de Pierre Boulle e dos cinco filmes que a antecederam no cinema, a duração foi reduzida para uma hora e os astronautas a apenas dois: Ron Harper e James Naughton vivendo na Terra, dois mil anos depois da destruição do planeta por armas nucleares, em conflito com macacos super-inteligentes. (COR)

(4) **Espaço 1999** — Série de ficção-científica mostrando as

peripécias de 300 pessoas, habitantes de uma base espacial na Lua; obrigadas a uma viagem inesperada através do Universo. Com Martim Landau, Barbara Bain, além de artistas convidados: Christopher Lee, Joan Collins, Peter Cushing. (CORES)

23h00

(7) **Estórias Fantásticas** — O misterioso Mr. Essex (Sebastian Cabot), proprietário de um hotel da era vitoriana; o Mansfield House, conta estas histórias surpreendentes.

Terça, 16 **Destaque: San Francisco Urgente ****

20h00

(7) **Laredo** — Faroeste, com Peter Brown e Philipe Carey. (COR)

21h00

(13) **Cannon** — William Conrad é um detetive gordo, bom e perspicaz, revalorizando os homens obesos (nos EUA). Episódio de hoje: "A voz da consciência". (COR)

22h00

(13) **San Francisco Urgente** — O consciencioso detetive com

nariz de boxeur (Karl Malden) e seu assistente (Michael Douglas) em ação pelas ruas da cidade de San Francisco. Episódio de hoje: "Bandeiras de Terror". (COR)

23h00

(13) **Gunsmoke** — Um faroeste no velho estilo, com xerife Matt Dillon (James Arness) resolvendo os problemas da cidadezinha de Dodge e seus arredores. Episódio de hoje: "Drago". (COR)

Quarta, 17

Destaque: Combate **

22h00

(4) **O Caçador** — Ken Howard interpreta um veterano da guerra da Indochina, que resolve ser policial quando volta aos EUA, na década de 30. Torna-se um investigador que quer não apenas prender os infratores da lei, mas também resolver os problemas dos detidos.

23h00

(7) **Combate** — Episódios baseados em fatos verídicos da Segunda Guerra, sobre o desembarque nas praias da Normandia pouco antes do Dia D. Com Vic Morroy e Rick Jason e, eventualmente, atores como Lee Marvin e James Coburn. (COR)

MUSICAIS

Destaque:
Retrato Falado **



Erasmo: antes e agora.

Quinta, 11

22h00

(2) **Música de todos os tempos** — Programa de música erudita, com diversos convidados: Salvatore Accardo, violinista, Arthur Moreira Lima, pianista; Quinteto Villa-Lobos, conjunto de sopro e o Conjunto Paraphernalia, entre outros.

Sexta, 12

22h00

(2) **O Choro das sextas-feiras** — Com a presença de Altamiro Carrilho e Conjunto Atlântico, apresentados por Julio Lerner.

Sábado, 13

19h30

(13) **Série Documento** — Depoimento de Erasmo Carlos, agora na linha do rock pesado, apresentando alguns dos "clássicos" do rock e suas próprias músicas, antigas e recentes.

21h30

(2) **O Samba se aprende na escola** — Sérgio Cabral entrevista elementos das mais recentes Escolas de Samba: Colorado do Brás, Unidos da Galvão Bueno, Meninos Lá de Casa e Filhotes da X9.

Domingo, 14

10h30

(5) **Concertos para a juventude**

11h30

(2) **Concerto Sinfônico** — A Orquestra Sinfônica Estadual, sob a regência de Gerad Devos e Suinglio Fastini, interpreta obras de Gluck, Max Bruch e Claude Debussy.

15h30

(2) **TV-2 Pop Show** — Tapes de grupos e cantores internacionais. (COR).

18h00

(4) **Hallelujah** — Nova e infeliz incursão (com raras exceções) do rock caboclo, tendo à frente Silvio Brito e Fábio Jr.

20h00

(2) **Gente Jovem** — Fausto Canova e Angela Rodrigues Alves apresentando novos valores.

Segunda, 15

21h30

(2) **Retrato Falado** — Cartola, Ciro Monteiro e Roberto Paiva falam do compositor de "A Falsa Baiana", Geraldo Vieira, que também está presente no programa.

Terça, 16

21h00

(4) **Brasil Som 75** — Musical gravado ao vivo em auditório e sob a tutela do insosso Benito di Paula. (COR).

23h00

(2) **As muitas histórias do MPB** — Depoimentos de vários cantores e compositores, focalizando a era dos chorões, Pixinguinha e Jacob do Bandolim.

Quarta, 17

22h00

(2) **Os melhores momentos da ópera**.

SHOWS

Destaque:
Fantástico **

Quinta, 11

21h00

(4) **Silvio Santos Nobre** — Programa de variedades, ao vivo, com os quadros "Ele Disse, Ela Disse", "Clube dos Quinze" e "Golias em Cinco Tempos". Convidados desta noite: Anto-

nio Carlos e Jocafi, Fafá de Belém, Sonia Santos, Orlando Villas-Boas, falando sobre a vida sexual dos índios. (COR)

Sexta, 12

21h00

(4) **Clube dos Artistas** — O mais antigo programa de variedades do vídeo, insistindo em sobreviver, com "música brasileira e internacional, convidados famosos". Com Lolita e Ayrton Rodrigues.

Sábado, 13

22h00

(7) **Buzina do Chacrinha** — Programa de auditório com calouros, cada vez mais distante de seus áureos tempos.

Domingo, 14

11h00

(5) **Silvio Santos** — Uma maratona de divertimentos populares, conduzida durante nove horas pelo animador Silvio Santos.

20h00

(5) **Fantástico** — Show da vida cada vez menos sugestivo.

HUMORISMO

Quinta, 11

21h00

(5) **Chico City** — Valfrido Canavieira e mais uma série de impagáveis personagens criados por Chico Anísio, vivendo numa fictícia cidade do Nordeste brasileiro. Nesta semana, o principal acontecimento da cidade será o lançamento do novo LP de Baiano e os Novos Caetanos, comentado por Roberval Taylor, da Rádio e TV de Chico City.

Sábado, 13

21h00

(4) **Os Trapalhões** — Humor simples, direto e grotesco, preferido do público infantil. Nesta semana, Renato Aragão enrola-se nas linhas e troncos de Graham Bell. O convidado especial é Juca Chaves, acompanhado por sua cadelinha Fru-Fru.

Domingo, 14

11h50

(11) **Jockey Club** — Transmissão direta dos páreos.

16h30

(7) **Futebol** — Transmissão do jogo Internacional X Cruzeiro, de Porto Alegre.

21h00

(11) **Telecatch**

Segunda, 15

22h30

(2) **Esportevisão** — Tapes de futebol, boxe, automobilismo, hipismo, polo, motonáutica, sem contudo aproveitar todas as suas possibilidades.

21h00

(4) **Senhores e Senhoras** — Uma versão do programa "Marido Certo, Marido Errado". Com Felipe Carone, Jussara Freire, John Herbert, Elizabeth Hartmann.

TELEJORNAL

Destaque:
Panorama

De segunda à sexta

12h00

(13) **Jornal do Meio-Dia** — Noticioso local.

12h30

(2) **Jornal da Cidade** — Noticioso local.

19h30

(7) **Jornal Joven Pan**

19h45

(5) **Jornal Nacional** — Apresentado por Cid Moreira e Sérgio Chapelin (COR)

20h00

(2) **Panorama** — Noticioso dedicado exclusivamente às artes e espetáculos, apresentado pela atriz Lilian Lemmertz. (COR)

20h20

(13) **Economia** — Notas do jornalista Joelmir Betting. (COR)

20h30

(13) **Titulares da Notícia**.

20h45

(4) **Factorama** — Noticioso.

20h50

(13) **Coluna 13**.

20h55

(2) **Hora da Notícia**.

22h45

(5) **Amanhã**.

De segunda a sábado

13h00

(5) **Hoje** — Jornal de serviços.

DEBATES

Quinta, 11

22h45

(7) **Diálogo Nacional**

23h00

(2) **De conversa em conversa** — Programa informal de entrevistas e debates, nesta semana gravado na Sala do Xingu, na Bienal, com a presença de Orlando Villas-Boas e do Cacique Aritana.

Segunda, 15

23h00

(13) **Interesse Público**.

Quarta, 17

23h00

(4) **Debate**.

ESPORTE

De segunda a sábado

12h00

(2) **É hora de esporte** — com Orlando Duarte.

(4) **Redação Esporte** — com Walter Abrão e Geraldo Bretas.

12h40

(13) **Transa Esportiva** — com Fernando Solera, Luiz Augusto Maltoni e outros. (COR).

Sábado

11h30

(4) **Grand Prix** — Notícias sobre automobilismo.

(5) **Esporte Espectacular** — Vídeo-tape variado sobre esportes.

13h00

(11) **Futebol Dente-de-Leie** — Final do Campeonato Paulista Dente-de-Leite, com o jogo Corinthians X Portuguesa.

Domingo, 14

11h50

(11) **Jockey Club** — Transmissão direta dos páreos.

16h30

(7) **Futebol** — Transmissão do jogo Internacional X Cruzeiro, de Porto Alegre.

21h00

(11) **Telecatch**

Segunda, 15

22h30

(2) **Esportevisão** — Tapes de futebol, boxe, automobilismo, hipismo, polo, motonáutica, sem contudo aproveitar todas as suas possibilidades.

21h00

Segunda, 15

22h30

(2) **Esportevisão** — Tapes de futebol, boxe, automobilismo, hipismo, polo, motonáutica, sem contudo aproveitar todas as suas possibilidades.

21h00

Segunda, 15

22h30

(2) **Esportevisão** — Tapes de futebol, boxe, automobilismo, hipismo, polo, motonáutica, sem contudo aproveitar todas as suas possibilidades.

Quinta, 11

Destaque: Cultura *

2 CULTURA

13h00
A VOLTA DO ROUXINOL (I'll take Romance), 37 - Só para os apreciadores do bel canto e de Grace Moore: cantora de ópera é sequestrada a fim de cumprir contrato. Direção de Edward Griffith.

24h00
ATÉ OS CONFINS DA TERRA (To the Ends of the Earth), 48 - Thriller policial movimentado com Dick Powell e Signe Hasso: agente do governo procura traficantes de narcóticos.

4 TUPI

24h00
VOANDO PARA O ALÉM (The McConnell Story), 55 - Biografia de um piloto de testes de aviões a jato, seus problemas profissionais e amorosos. Realização medíocre de Gordon Douglas. Com Alan Ladd e June Allyson.

5 GLOBO

24h00
O CORCUNDA (Le Bossu), 61 - Capa-espada francês: Jean Marais se disfarça de corcunda para vingar injustiça. Bourvil fornece os momentos humorísticos e Elza Martinelli, seu charme habitual. Direção de Andre Hunnebell. (COR)

7 RECORD

A CONQUISTA DE GOLIAS (Golia alla Conquista de Bagdad), 64 - Epico italiano, exibido no Brasil como "O Conquistador de Damasco": Golias ajuda a expulsar os curdos de Bagdad. Direção de Domenico Paolella. Com Rock Stevens, Helga Liné, Mario Petri. (COR)

13 BANDEIRANTES

24h00
CRIME NO COLÉGIO (The Failing of Raymond), 72 - Drama de suspense feito para a TV: professora é ameaçada de morte por um aluno reprovado. Reunião de veteranos atores garante a distração: Jane Wyman, Dean Stockwell, Dana Andrews, Paul Henreid. (COR)

Sexta, 12

Destaque: Globo **

2 CULTURA

A VENUS DE BAGDAD (Siren of Bagdad), 53 - Fantasia oriental classe "B", só para crianças: mágico salva a filha do sultão. Direção de Richard Quine. Com Paul Henreid, Patricia Medina.

24h00
E AS CHUVAS CHEGARAM (The Rains Came), 39 - Famoso drama romântico baseado em livro de Louis Bromfield e premiado com Oscar de efeitos especiais: no Paquistão, a mulher de um lorde se apaixona por um hindu. Com Tyrone Power, Myrna Loy.

4 TUPI

24h00
DESPERTAR AMARGO (Pretty Poison), 67 - Modesto mas perturbador filme policial: uma garota (Tuesday Weld) convence o namorado (Anthony Perkins) a matar a madrasta. Direção intensa e adequada de Noel Black. (COR)

5 GLOBO

01h00
UM ESTRANHO NA TERRA DAS TRÊS LUAS (The Stranger), 73 - Ficção científica, nitidamente alegórica, de raro impacto e vigor em seu gênero: um astronauta é obrigado a pousar em um planeta semelhante a Terra atual

(inclusive na estrutura de sua sociedade), no lado oposto do sol. Final inquietante. Direção de Lee Katzin. Com Glenn Corbett, Lew Ayres. (COR)

7 RECORD

24h00
A JUÍZA (The Judge and Jake Wyler), 72 - Drama feito para a TV: uma juíza hipocondríaca (Bette Davis) dirige uma agência de detetives particulares. Direção de David Lowel Rich. Com Doug McClure. (COR)

13 BANDEIRANTES

21h00
GOLPE FRUSTRADO (Tiger by the Tail), 68 - Drama feito para a TV: herói de guerra retorna do Vietnã e é acusado do latrocínio de seu irmão. Com Christopher George, Dean Jagger. Estréia na TV. (COR)

24h00
A FORÇA DO MAL (Something Evil), 72 - Um dos melhores filmes sobre possessão demoníaca, dirigido por Steve Spielberg ("Tubarão"). Sandy Dennis é a mãe do menino possuída pelo diabo. Com Darren Mc Gavin. (COR)

Sábado, 13

Destaque: Globo *

2 CULTURA

13h00
O CASTELO INVENCÍVEL (Lorna Doone), 51 - Aventura histórica: camponeses se levantam contra uma família tirana. Com Richard Greene, Barbara Hale.

24h00
A GARGANTA DO DIABO (Denver and Rio Grande), 52 - Faroeste de rotina: os construtores da estrada de ferro Denver-Rio Grande se esforçam para completar a linha antes da companhia rival. Direção de Byron Haskin. Com Edmond O'Brien, Sterling Hayden. (COR)

4 TUPI

23h30
A FLORESTA MALDITA (The Big Trees), 52 - Luta entre madeireiros na Califórnia com Kirk Douglas que trabalhou de graça para se livrar de um contrato com a Warner. Direção de Felix Feist. Com Patrice Wymore.

5 GLOBO

21h20
FLOR DE CACTO (Cactus Flower), 69 - Comédia de grande sucesso na Broadway (com Lauren Bacall) e no Rio (com Natalia Timberg): assistente de dentista é um patinho feio que se glamouriza para conquistar o patrão. Direção de Gene Sacks. Com Goldie Hawn (Oscar de coadjuvante), Walter Matthau e Ingrid Bergman (em seu primeiro filme hollywoodiano em 20 anos). Estréia na TV. (COR)

23h00
VIDAS AMARGAS (East of Eden), 55 - Elia Kazan dirige James Dean em seu grande momento, na adaptação do romance de John Steinbeck: parábola sobre os descendentes de Caim. Com Jó Van Fleet (Oscar de coadjuvante). (COR)

01h00
A GRANDE CILADA (A Time for Killing), 68 - Confederados escapam da prisão levando garota como refém. Direção de Phil Karlson. Com Glenn Ford, Inger Stevens. (COR)

7 RECORD

01h00
O PRÍNCIPE DOS PIRATAS (The Prince of Pirates), 53 - Aventura mediana com John Derek e Barbara Rush: príncipe holandês torna-se pirata para lutar contra aliança com a Espanha. Direção de Sidney Salkow. (COR)

00h30
O ROCHEDO (The Cliff), 69 - Drama feito para TV, episódio da série "Matt Lincoln": Vince Edwards, um psiquiatra, tenta ajudar a mãe solteira (Patty Duke) que pretende entregar o filho para adoção. (COR)

Domingo, 14

Destaque: Bandeirantes *

2 CULTURA

13h00
A ESTRELA E A CRUZ (Hand in Hand), 59 - Drama inglês com intenções ecumênicas: a amizade entre uma menina judia e um garoto católico. Direção de Phillip Leacock. Com John Gregson, Sybil Thorndike.

4 TUPI

19h00
MONSTROS NÃO AMOLEM (Munsters, Go Home), 66 - Longa-metragem inspirado na engraçada série da TV. "A Família Monstro": nesta comédia, eles vão à Inglaterra tomar posse de um castelo que herdaram. Com Yvonne de Carlo, Terry Thomas, John Carradine. Estréia na TV. (COR)

21h00
A MÚSICA IRRESISTÍVEL DE BENNY GOODMAN (The Benny Goodman Story), 55 - Biografia do famoso band-leader, incidindo nos convencionalismos habituais apesar das presenças de Sammy Davis Jr., Gene Krupa, Harry James. Única experiência na direção da roteirista Valentine Davies. Com Steve Allen e Donna Reed. Estréia na TV. (COR)

5 GLOBO

22h00
AGENTE SECRETO (Crossfire), 75 - Drama de espionagem feito para a TV. Com John Saxon, James Farentino e o próprio diretor William Hale. Estréia na TV. (COR)

7 RECORD

19h00
NAMU, A BALEIA ASSASSINA (Namu, the Killer Whale), 66 - Aventura juvenil: um naturalista captura e treina uma baleia branca. Direção de Lazlo Benedek. Com Robert Lansing, Lee Meriwether.

21h00
SANGUE DE APACHE (Geronimo), 62 - Biografia do líder apache Geronimo, mais honesta do que costumemente, estrelada por Chuck Connors. Direção de Arnold Laven. (COR)

13 BANDEIRANTES

20h00
VIVA MAX (Viva Max), 69 - Comédia inédita nos cinemas brasileiros: a aventura maluca de um general mexicano que tenta reconquistar o Alamo dos americanos. Direção de Jerry Paris. Com Peter Ustinov, Pamela Tiffin. (COR)

24h00
O CASO DO DUPLO RESGATE (See the Man Run), 72 - Bom drama de suspense feito para a TV: um ator desempregado se envolve num caso de sequestro. Solução curiosa e bons atores: Angie Dickinson, Eddie Albert, June Allyson. (COR)

Segunda, 15

Destaque: Tupi **

2 CULTURA

13h00
A INJÚRIA (Good Luck Mr. Yates), 43 - Rapaz tenta se livrar de falsa acusação de traição à pátria. Direção de Ray Enright. Com Claire Trevor e Jess Barker.

24h00
A LEI É IMPLACÁVEL (The Doolins of Oklahoma), 49 - Faroeste de rotina com Randolph Scott: bandido que mudou de vida é forçado a reassumir o comando de seu bando. Com John Ireland.

4 TUPI

24h00
O CANTO DO MUNDO (Le Chant du Monde), 65 - Apesar da direção de Marcel Camus ("Orfeu Negro"), este filme nunca foi exibido nos cinemas brasileiros: uma versão de Romeu e Julieta entre famílias de lenhadores nos Alpes. Com Catherine Deneuve, Hardy Krueger.

5 GLOBO

24h00
AS VAMPIRAS (Las Vampiras), 67 - Terror mexicano, estrelado pelo campeão de luta livre Mil Máscaras: ele combate John Carradine e seu exército de vampiras. Direção de Frederico Curiel.

7 RECORD

21h00
PESADELO TRÁGICO (How Awful About Allan), 71 - O suspense é previsível, mas o diretor é bom (Curtis Harrington): Anthony Perkins volta do sanatório com cegeira psicossomática e pensa enlouquecer. Com Julie Harris, Joan Hackett. (COR)

24h00
A REVANCHE DO MONSTRO (Revenge of the Creature), 55 - Segundo filme com o "monstro da lagoa negra", que aqui é levado para um aquário na Flórida. Direção de Jack Arnold. Com John Agar, Lori Nelson, Clint Eastwood.

13 BANDEIRANTES

21h00
OS MONITORES (The Monitors), 69 - Comédia inédita nos cinemas brasileiros: a Terra é controlada por "monitores", que deverão ser derrubados por terroristas. Direção de Jack Shea. Com Alan Arkin, Susan Oliver, Guy Stockwell, Keenan Wynn. Estréia na TV. (COR)

24h00
SEDE DE VINGANÇA (The Hook), 64 - Um drama modesto: o que deve fazer alguém que recebe ordem de matar um homem desarmado? Direção de George Seaton. Com Kirk Douglas, Nick Adams.

Terça, 16

Destaque: Bandeirantes **

2 CULTURA

24h00
A MARCHA TRIUNFAL (Stars and Stripes Forever), 52 - Musical para quem gosta de sons marciais: biografia de John Phillip de Souza, autor de famosas marchas militares. Direção de Henry Koster. Com Clifton Webb, Debra Paget, Robert Wagner. (COR)

4 TUPI

22h00
SABATA, ADEUS (Indio Black), 71 - Faroeste italiano com Yul Brynner usando a mesma roupa de "Sete Homens e Um Destino" e "Westernworld": todo de negro, ele é o caçador de recompensas Índio Black, que tenta se apoderar do ouro do exército austríaco. Direção de Frank Kramer (isto é, Franco Giraldi). Com Dean Reed. (COR)

24h00
AGONIA NO DESERTO (Ordeal), 73 - Drama feito para a TV: uma mulher (Diana Hyland) abandona o marido (Arthur Hill) no deserto, com a ajuda do amante (James Stacy). Razoável direção de Lee Katzin. (COR)

5 GLOBO

23h00
ANGÉLICA E O REI (Angelique et le Roi), 66 - Terceiro filme da série: Angélica é chamada a Versalhes pelo rei Luís XIV que lhe ordena uma missão junto ao embaixador da Pérsia (Samy Frey). Nesta aventura reaparece o conde de Beyrac (Robert Hossein) dado como morto no primeiro filme. Direção de Bernardi Borderie.

7 RECORD

21h00
O AMOR TEM MUITAS FACES (Love has many faces), 65 - Melodrama de luxo em Acapulco: milionárias são exploradas por gigolôs. Direção de Alexander Singer. Com Lana Turner, Cliff Robertson, Ruth Roman à beira do ridículo. (COR)

24h00
A ÚLTIMA BARRICADA (The Last Command), 55 - A vida de Jim Bowie e a batalha do Alamo vista por Frank Lloyd. Com Sterling Hayden, Ernest Borgnine.

13 BANDEIRANTES

21h00
NICK CARTER (The Adventures of Nick Carter), 72 - Drama feito para a TV: o famoso detetive particular do começo do século ajuda a desvendar a morte de um amigo. Direção de Paul Krasny. Com Robert Conrad, Shelley Winters, Broderick Crawford. (COR)

Quarta, 17

Destaque: Globo ***

2 CULTURA

24h00
O INVENTOR DA MOCIDADE (Monkey Business), 52 - Comédia clássica: macaco ajuda químico a descobrir elixir da juventude. Direção de Howard Hawks. Com Cary Grant, Ginger Rogers, Charles Coburn, Marilyn Monroe (ainda como coadjuvante).

4 TUPI

24h00
MARTY (Marty), 55 - Hollywood descobriu um novo tipo de realismo com este drama modesto, baseado numa peça para TV de Paddy Chayefsky: um açougueiro feio e tímido não sabe se entender com as mulheres. Oscars em profusão: melhor filme, ator (Ernest Borgnine), roteiro e direção (Delbert Mann).

5 GLOBO

24h00
CAÇADA HUMANA (The Chase), 65 - Implacável denúncia do preconceito e da corrupção da sociedade norte-americana, construída pelo diretor Arthur Penn ("Pequeno Grande Homem"): um prisioneiro (Robert Redford) foge e retorna à sua cidade onde é vítima de uma tentativa de linchamento. Há, inclusive, uma cena de assassinato num cemitério de automóveis, clara alusão do desfecho de Lee Oswald. Com Marlon Brando, Jane Fonda, Angie Dickinson.

7 RECORD

21h00
O ESTOURO DA MANADA (Cattle Drive), 51 - Faroeste mediano: cowboy veterano (Joel McCrea) ensina os truques do ofício a adolescente (Dean Stockwell). Direção de Kurt Neumann. Estréia na TV. (COR)

24h00
TERRA SELVAGEM (This Savage Land), 68 - Faroeste com episódios da série "Road West": viúvo e família viajam para o Oeste. Direção de Vicent McEvety. Com Barry Sullivan, Glenn Corbett, Kathryn Hays. (COR)

13 BANDEIRANTES

21h00
O TRIÂNGULO (the Triangle), 70 - Drama inédito nos cinemas brasileiros: o dilema de um jovem professor numa escola feminina, que deve assumir sua maturidade. Com Ray Danton, Dana Wynter, Paul Richards. Estréia na TV. (COR)

23h00
OS CORRUPOTOS (The Big Heat), 53 - Clássico de Fritz Lang: Glenn Ford é um policial que tenta destruir quadrilha de gangsters que matou sua mulher (Jocelyn Brando). Com Grahame e Lee Marvin.



LANÇAMENTOS

AINDA AGARRO ESTE MACHÃO, 75 - Porno-chapchada paulista, arremedo de outras que a precederam: o complicado romance de um professor (o campeão de basquete Aurélio Tomassini) com uma manequim (Maria do Rocio), dificultado por modelos e namoros frustrados de uma tia. Há até uma sequência que é um plágio literal de uma semelhante de "Garotas Lindas aos Montes", só que mais grotesca. Direção de Edward Freund. Com Ivete Bonfá, Analy Alvarez. **Gazeta** (av. Paulista, 900), **Marrocos** (r. Cons. Crispiniano, 352), **Barão** (r. Barão de Itapetininga, 255), **Augustus** (av. Rio Branco, 200), **Gemini 2** (av. Paulista, 807).

A GRANDE FUGA DO COMUNISMO (Escape to the Sun), 72 - Depois de uma versão israelense de "West Side Story" ("O Amor com Um Amanhã"), o diretor Mehanem Golan dirige agora um elenco internacional nesta aventura sobre um grupo de pessoas que escapa da Cortina de Ferro: Laurence Harvey, Lila Kedrova, John Ireland, Josephine Chaplin. (COR) **Versailles** (Shopping Center Continental).

AMOR ETERNO AMOR (At Long Last Love), 75 - Peter Dinkovitch insiste em



Cybill Shepherd em Amor Eterno Amor: uma brincadeira de mau gosto.

fazer do cinema uma brincadeira. Depois de dois retumbantes êxitos, reproduzindo o estilo hollywoodiano das décadas de 30 e 40 ("A Última Sessão de Cinema" e "Lua de Papel"), ele arrisca sua habilidade num



A Grande Fuga do Comunismo: um ponto de vista israelense.

musical. Desta vez, porém, os críticos foram unânimes. "Uma brincadeira de mau gosto". Independente disso, trata-se do primeiro musical escrito especialmente para o cinema nos últimos anos, reunindo sobre buscados interiores art-decò mais de 10 canções de Cole Porter ("You're the Top", "Just One of those Things") e um quarteto de atores (Burt Reynolds, Cybill Shepherd, Madeline Kahn, Duilio del Prete) que, infelizmente, não sabe dançar nem cantar - tudo para narrar os desencontros amorosos

Destaque: Massacre em Roma

de 4 casais da alta sociedade nova-iorquina depois da depressão. **Iguatemi** (av. Brig. Faria Lima, 1191).

MASSACRE EM ROMA (Rappresaglia), 73 - Um violento ataque à Igreja Católica e ao Papa Pio XII encetado pelo romancista Robert Katz, o produtor Carlo Ponti e o diretor grego George Pan Cosmatos. O resultado? Há 15 dias, um tribunal de Roma os acusou de difamação aplicando-lhes penas de 6 meses a 1 ano. O filme, em todo caso, baseia-se em fatos reais. Em março de 1944, já no fim da Guerra, 3 soldados alemães foram mortos num atentado da Resistência. Em represália, os germânicos matam 320 italianos num massacre, diante do qual a Igreja Católica não toma posição achando que o nazismo era a última barreira contra a expansão comunista. Por isso, o filme foi excomungado pelo Vaticano. Os críticos ingleses, porém, asseveram que o filme realmente deveria ter sido condenado por sua má qualidade, cheia de frases banais e lugares comuns. Com Marcello Mastroianni, Richard Burton, Leo MacKern. (COR) **Astor** (av. Paulista, 2073), **Metrópoli** (pça. Dom José Gaspar, 134).

EM CARTAZ

O CASAL, 75 - Entre a estréia como um **Caso Especial da Rede Globo** ("Enquanto a Cegonha Não Vem") e sua transposição cinematográfica, a história de Oduvaldo Viana Filho (os dilemas de um casal universitário quando a mulher fica grávida) recebeu alguns adereços libertinos, supostamente típicos do folclórico bairro de Ipanema. A parte a correção técnica, a linguagem simples, os artifícios fotográficos perpetrados pelo diretor Daniel Filho e a presença de astros da TV (Sonia Braga, José Wilker), tudo não passa de uma vulgar e pouco recomendável fotonovela. **Cinespacial** (Av. São João, 1465). **Belas Artes-Portinari** (R. Consolação, 2433), **Marrocos Pullman** (R. Cons. Crispiniano, 352), **Copan** (Av. Ipiranga, 200).

CHARLESTON (Anche Gli Angeli Tirano di Destra), 74 - Depois de satirizar os faroestes na série **Trinity**, o italiano E. B. Clucher (pseudônimo de Enzo Barbom) dirige esta sequência de "Os Anjos Também Comem Feijão" com intenções visíveis de imitar "Golpe de Mestre" e clássicos famosos - o garoto Paolo Zilli, por exemplo, faz uma personagem inspirada no **Kid de Chaplin**. **Giuliano Gemma** é Sony, um aventureiro que na década de 20 se oferece para trabalhar com um gangster, tendo de "proteger" um quartirão, onde trabalha um pregador irritadiço (Ricky Brunch). (COR) **Olido** (Av. São João, 473).



Charleston: imitação de filmes famosos.

A ESCRAVA DO SUPER ERÓTICO (La Schiava io ce L'ho e tu No), 73 - O Supererótico fica por conta do excesso de imaginação dos tradutores na nova comédia de Lando Buzzanca, nem pior nem melhor do que

anteriores. Ele é um siciliano que sufocado pela mulher dominadora (a bela Catherine Spaak) decide trocá-la por uma escrava submissa (Veronica Merin). Ai talvez se encontre o maior atrativo do filme (para o Brasil): é na Amazônia que Buzzanca vem comprar sua escrava, dando ensejo a algumas cenas do Rio de Janeiro. Se alguém encarar seriamente o filme pode se irritar. Direção de Giorgio Capitani (COR). **Veneza** (R. Augusta, 2832).

ESTE CRIME CHAMADO JUSTIÇA (In Nome del Popolo Italiano), 71 - Um ataque violento à corrupção em todos os níveis da sociedade italiana, nessa sátira política de Dino Risi, ainda mais contundente do que seu "Perfume de Mulher", um juiz

incorrupível (Ugo Tognazzi) se desdobra para condenar um milionário (Vittorio Gassman), suspeito de ter assassinado acidentalmente uma jovem call-girl (Ely Galeani). Seguramente, um dos melhores filmes do ano. (COR). **Belas Artes - Sala Mario de Andrade** (R. Consolação, 2.433).

INFERNO NA TORRE (The Towering Inferno), 75 - No maior arranha-céu do mundo, incendiado no dia de sua inauguração, as personagens respiram um ar irreal, digno de maquete. Para fazer jus ao título de "mestre do desastre", o produtor Irwin Allen ("O Destino de Poseidon") e o diretor John Guillermin se desdobram em cenas de proezas e malabarismos. Dos **scombros finais**.

conclui-se que a denúncia é respeitosa embora acobertada por álbis para evitar maiores complicações com o establishment. Com **Steve MacQueen**, **Paul Newman**, **Faye Dunaway**. **Belas Artes - Villa Lobos** (R. Consolação, 2433). **Art Palácio - Sala São Paulo** (Av. São João, 419). **Majestic** (R. Augusta, 1475).

JOVEM FRANKENSTEIN (Young Frankenstein), 74 - Meticulosa reconstituição e deliberada paródia à versão original ("Frankenstein", de James Whale) do clássico monstro criado pela escritora inglesa **Mary Shelley**. Nela só falta a horripilante máscara, proibida de ser usada pela Universal, dona dos direitos sobre os parafusos e cicatrizes. **Bristol** (Av. Paulista, 2064).

REPRISES

A DANÇA DOS VAMPIROS (Dance of the Vampire), 67 - Roman Polanski dirige e faz um dos papéis principais nesta sátira aos filmes de vampiro, recuada de fino humor negro e ressaltada pela excepcional cenografia: um professor e seu assistente tentam destruir uma família de vampiros na Transilvânia. Com **Sharon Tate**, **Jack McGowan**, **Ian Quarrier**. (COR) **Cinema I** (r. Augusta, 2075), somente nas sessões noturnas.

LA VIOLETRA (La Violetera), 58 - Coincidente com sua temporada no Brasil, retorna o maior sucesso da carreira de **Sarita Montiel**: um melodrama musical em que ela vende violetas na rua, apaixonou-se por um nobre e se torna uma famosa "cantante" de cabaré. E em que a beleza das músicas e a fotogenia de Sarita permanecem intactas. Direção de **Luis César Amadori**.



Sarita Montiel em La Violetera: fotogenia intacta.

Com **Raf Vallone**, **Ana Mariscal**. **Windsor** (av. Ipiranga, 974), **Rio** (r. Padre João Manoel, 100).

OS MANSOS, 72 - Pornochanchada

Destaque: A Dança dos Vampiros ***

carioca em 3 episódios que não passam de conhecidas piadas expandidas: 1) A B... de Ouro, de **Pedro Rovai** - **Mário Benvenuti** faz tudo para conquistar a mulher (**Sandra Bréa**) de **José Lewgoy**; 2) O Homem dos 4 Chifres, de **Braz Chediak** - a amante mulata de **Paulo Coelho** o trai com um padreiro; 3) O Homem, a Mulher e o Etc. numa Noite de Loucuras, de **Aurélio Teixeira** - três amigos passam o fim-de-semana na paquera. Com **Pepita Rodrigues**, **Teobaldo** (COR). **Regina** (av. São João, 1140), **Gazetão** (av. Paulista, 900).



Sandra Bréa em Os Mansos: apenas conhecidas piadas.

Lampião, **Carmen Miranda**, **Getúlio Vargas**. Um documento precioso, indispensável para a reavaliação de nosso passado recente. **Marachá** (r. Augusta, 778).

ESPECIAIS

MULHERES E MILHÕES, 61 - Policial carioca de **Jorge Ileri**, muito elogiado pela crítica em seu lançamento: um audacioso assalto no rastro de "Rififi". Com **Norma Bengell**, **Glauce Rocha**, **Mário Benvenuti**, **Odete Lara**. **Bienal** (parque do Ibirapuera), somente quinta.

OS INCOMPREENDIDOS (Les 400 Coups), 59 - O filme que revelou o diretor **François Truffaut** e o movimento da **nouvelle vague**. A história é autobiográfica: o adolescente **Antonie Doinel** (**Jean Pierre Leaud**) é salvo da delinquência pelo seu amor ao cinema (como aconteceu

com o próprio diretor) Com **Claire Maurier**, **Albert Rémy**. **MAC** (parque do Ibirapuera), somente sexta.

O PAGADOR DE PROMESSAS, 61 - Clássico nacional, premiado com a Palma de Ouro em **Cannes** (62) e baseado em peça de **Dias Gomes**: a odisséia do crente **Zé do Burro** (**Leonardo Villar**) para cumprir sua promessa. Direção de **Anselmo Duarte**. Com **Gloria Menezes**, **Othon Bastos**, **Geraldo D'El Rey**. **Cinematca Museu Segall** (r. Afonso Celso, 362), somente sexta; **Bienal** (parque do Ibirapuera), somente domingo.



Os Incompreendidos: salvo pelo amor ao cinema.

O SISTEMA (Glass House), 72 - Originalmente fei-

to para a TV, este filme foi o sucesso-surpresa da temporada passada: uma honesta e contundente crítica ao sistema pgnal norte-americano, no caso de um jovem inocente (**Alan Alda**) que é forçado a se ajustar à corrupção interna. Direção de **Tom Griess**. Com **Kris Kristofferson**, **Vic Morrow**. **Cinema I** (r. Augusta, 2075), somente sexta.

UM DIA, UM GATO (Az Pridke Kocour), 63 - Fantasia original e cativante, o filme checo que mais sucesso fez no Brasil. Uma alegoria poética sobre um gato capaz de transformar as pessoas em cores que demonstram sua verdadeira

personalidade. Direção de **Vojtech Jasný**. Com **Vlastimil Brodsky**, **Jeroslav Kureca**. **Cinema I** (r. Augusta, 2075), somente sábado.

BAHIA DE TODOS OS SANTOS, 61 - Drama baiano de **Trigueirinho Neto**, um dos filmes precursores do movimento cinema novo: duas histórias paralelas, na alta sociedade e numa greve de operários. Com **Jurandy Pimentel**, **Arsary de Oliveira**, **Geraldo D'El Rey**. **Bienal** (parque do Ibirapuera), somente sábado.

NAVALHA NA CARNE, 73 - Adaptação da peça de **Plínio Marcos** sobre três marginais: uma prostituta

(**Glauce Rocha**), um café-tão (**Jece Valadão**) e um homossexual (**Emiliano Queiroz**). Direção de **Braz Chediak**. **Cinematca Museu Segall** (r. Afonso Celso, 362), somente sábado.

L'AGE D'OR, 30 - O filme surrealista por excelência, com roteiro do pintor **Salvador Dalí**, segue a proposta do diretor **Luis Buñuel**: nada tem um sentido rigorosamente lógico. Vaiado em sua estréia, proibido em vários países, é hoje um clássico incontestável. Com **Gaston Modot**, **Max Ernst** (o pintor), **Pierre Prevert**, **Jose Artigas**. **MAC** (parque do Ibirapuera), somente terça.

BELEZA

Penteados que põem sua cabeça em dia (e evidência)

Os cabelos devem ser curtos, mas sem comprometer a feminilidade. A ordem vem de Paris, e a pretexto do verão, já começa a ser seguida em São Paulo. A intenção é respeitar com naturalidade a forma da cabeça, a linha do pescoço, dando maior destaque para a nuca.

Nas fotos, sugestões para quem deseja seguir a moda ao pé da letra, e também para aquelas que querem andar em dia, sem cortar os cabelos.

No alto, esquerda, o penteado coqueluche da estação: as mechas acompanham a cabeça e terminam batidas na nuca. Nos lados, mechas penteadas para trás deixando parte das orelhas, descoberta.

Para as mulheres de cabelos encaracolados (ou com permanente), os penteados no centro ao alto, sugestão dentro da moda, de Richard do Beka Coiffures (r. Oscar Freire, 565): cabelos em ponta na nuca e caracóis sem muito volume, modelando a cabeça.

O estilo de mechas em degradée, no alto à direita sugestão para quem não se adapta a cortes muito curtos. Movimento com naturalidade, para alto e para os lados, dentro de uma linha arredondada, já proposta nas coleções de 75.



Para cabelos compridos, coque trançado, preso na nuca. Cabelos soltos caíram definitivamente de moda. Repare nos rolos dando volume nos lados da testa.

Se seus cabelos são ondulados, não tente modificar a natureza. Dentro da moda (veja última foto ao lado), podem ser usados como uma moldura para o rosto. Se compridos, aproveite a idéia do rolo logo acima da nuca, indo de orelha a orelha.

Para cabelos lisos e pretos, outra linha proposta nas últimas coleções (outono e inverno europeu) à chinesa para acompanhar túnicas neste estilo. Os cabelos são presos em coque baixo. Entretanto segundo Richard, é uma



moda muito restrita pois depende do tipo de cabelo. Para substituir ele propõe, corte reto na altura dos ombros e franja espessa até a linha das sobrancelhas

Seja qual for o estilo adotado, o importante é conservar na medida do possível, o caimento natural dos cabelos, dando mais ênfase ao corte do que ao penteado. **Mis-en-plis** apenas para ajeitar as mechas e não para ostentar um mesmo penteado durante a semana toda. Ou seja, cautela com fixadores.

Os cortes de cabelo masculinos, seguem mais ou menos a linha dos curtos femininos: nuca batida, mechas com volume discreto. A onda anos 40/50, e suas propostas tentando reviver a época da brilhantina, acabou. O penteado é discreto mas não comportado.



• Destaque para os aventais. Feitos de brim, já podem ser encontrados nas grandes lojas (Sears, Eletroabrás), entretanto a dica do momento, é o linho, como no modelo branco, da foto. Peitilho e bolsos foram recortados de antigas fronhas bordadas. Os volants nas alças, fazem parte do gênero. Repare no comprimento das saias, ligeiramente mais longas: é tendência que pode ser consagrada. Prepare-se.

• Camisetas bem curtinhas, manga chinesa, para acompanhar as jeans, uma onda que promete conquistar as mais jovens. Nesta linha, que traz de volta o umbigo de fora, as listras persistem. Principalmente combinando branco e azul e vermelho e branco.

• Nos acessórios (colares, pulseiras e até brincos) da moda jovem, as conchas colecionadas durante as férias na praia, ganharão prestígio. Presas em tranças de palha, simplesmente penduradas em correntinha ou adaptadas em brincos tipo pingente, podem fazer tanto sucesso, como o marfim e a madreperla, estes já à venda nas lojas.

• O mesmo fustão canelado dos antigos uniformes escolares, está sendo redescoberto. Por enquanto é moda que depende de costureira (ou alfaiate). Ideal para aventais e vestidos soltos, poderá ser utilizado também para camisas masculinas.

• A moda tubinho (modelo escuro da foto ao lado) vai voltar às ruas, em versões bem arejadas. Busto na linha tomara-que-caia, discretamente sustentado por alças bem finas.

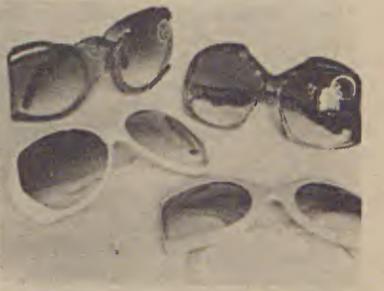
• Macacões ou calças jardineiras usadas sobre a pele, para o dia e para a noite. De dia, preferência para tecidos naturais (algodão tipo popeline). De noite em tecidos brilhantes.

ACESSÓRIOS

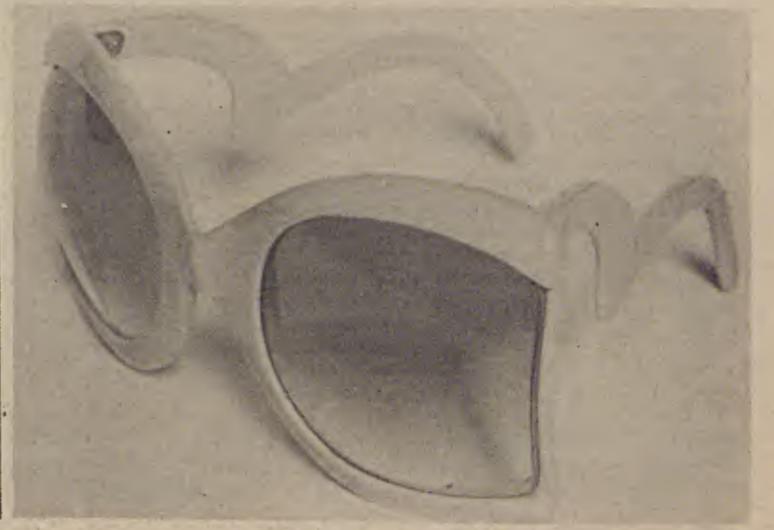
Faça cena, jogue seus óculos

(de acrílico) no chão.

Além da vantagem incontestável de serem inquebráveis, os novos modelos Ray-Ban da Bausch & Lomb, absorvem 70% dos raios solares e não deformam imagens. Ou seja, de acordo com a propaganda deste novo lançamento, protegem seus olhos com a mesma precisão daqueles fabricados por encomenda, para o pessoal da Força Aérea dos Estados Unidos. Por isso cada modelo custa Cr\$ 350,00. As armações de formas grandes, para não prejudicar o campo visual, e as lentes em tons degradée, são de acrílico. Na coleção, óculos unisex com armações em variações de castanho e uma linha exclusivamente feminina, com hastes formando desenhos,



(veja a foto). Entre os modelos femininos, destaque para as armações amarelo e marinho. A venda na Fotóptica (Lorena, 1460 - Shopping Center Faria Lima e Shopping Center Lapa-Brig. Luis Antonio 283)



Nesta e nas próximas edições, pequenas lembranças, presentes significativos; suas compras de Natal com preços e endereços.

BIJUTERIAS

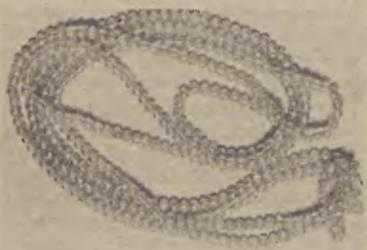
O tradicional anelzinho dos quinze anos, o fiozinho de pérolas, único "excesso" que uma jovem podia se permitir, caíram em desuso. Muitas vezes de preços mais baixos que as blue jeans, ou sandálias de salto anabela (braceletes de acrílico fosco custam na Erika, Cr\$ 25,00) valorizam roupas já meio batidas; deixam por dentro da moda, jovens de mesada curta. Jóias são usadas como obrigação.

Nas lojas da cidade, as propostas de bijuterias são muitas; tentam cobrir o mercado feminino e masculino. Artigos na linha jovem ou imitações no estilo senhora, a quentíssima moda Gucci em metal dourado, dividem a atenção nas vitrines. Nas fotos, nossas sugestões em três endereços distintos: a Erika Bijoux que vende atacado e varejo e é responsável por inúmeros lançamentos no setor, o Kitsch Baazar, especializado na linha nostalgia, e a Elle que trabalha com artigos nacionais e estrangeiros.

Lembrança ou presente, bijuterias fazem sempre sucesso.



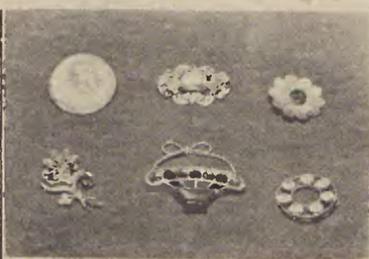
Da Elle, brincos franceses no sistema tarraxa para quem tem orelhas furadas. Imitam flores e podem ser de madrepérola (modelo da foto) ou de massa. Preços a partir de Cr\$ 80,00. Na mesma loja brincos tipo pingente para fechar no sistema de pressão.



Em vidrilho transparente na cor lilás, colar de contas com várias voltas. Por Cr\$ 60,00 na Elle.



Bracelete em penca de plástico muito leve, translúcido, lembrando alabastro. Por Cr\$ 90,00 na Elle.



O forte da bijuteria do Kitsch Baazar (r. Haddock Lobo, 1396) é a coleção de broches antigos no gênero Kitsch, como a cestinha de flores com pedras de todas as cores e o retrato da Shirley Temple. A partir de Cr\$ 250,00.



De cana da Índia, os braceletes que combinam com a moda daqui e com os jeans deste verão. No Kitsch Baazar por Cr\$ 85,00.



Em madeira esmaltada a cores e filetada de ouro, este conjunto de braceletes e anel do Kitsch Baazar por Cr\$ 120,00 (pulseira) e Cr\$ 50,00 (anel).



Tartaruga trabalhada em relevos e acrílico misturado com ciscos de purpurina, nos modelos de braceletes do Kitsch Baazar. O acrílico, grande onda da temporada, pode ser transparente, fosco liso ou torneado, com preços a partir de Cr\$ 40,00. Feitos de tartaruga, o preço eleva para Cr\$ 145,00.



Pulseira em laca coral com detalhes orientais em relevo dourado. Acompanha muito bem o exotismo dos tecidos preciosos da linha chinesa. Na Erika Bijoux por Cr\$ 100,00.



De grande efeito o colar-gota esmaltada de Cr\$ 120,00 e a gargantilha-folha, também esmaltada, por Cr\$ 100,00. Da Erika Bijoux.

ARTESANATO



Na Entre Outras Coisas é possível fazer várias compras de Natal. Seus artigos vindos de Pernambuco, Ceará e Bahia, principalmente, variam de bonecas de pano (Cr\$ 40,00) a utilitários como as cerâmicas de Taguatinga, da foto (de Cr\$ 15,00 a Cr\$ 120,00). Sugestões: Bolsinhas de cetim, algodão ou feltro com alças de fios trançados e bordados de missangas. De Cr\$ 30,00 a Cr\$ 90,00. Toalhas de bilro do Ceará 40 por 90cm, por Cr\$ 250,00. Colares de contas, conchas e penas a partir de Cr\$ 45,00. Esteiras de taboa por Cr\$ 40,00. Vestidos bordados em estilo indiano (criados por paulistas radicados na Bahia e executados por artesãs locais), a partir de Cr\$ 350,00.

MERCADO



Em 30 volumes, a obra completa de Sigmund Freud (Psycho-Analysis, Londres, 1957), discos antigos, cachimbos, uma escultura do Mestre Vitalino, um casaco marroquino de pele de carneiro, um smoking: estes são apenas alguns dos artigos que você pode comprar até o dia 20 (entre 14 e 22 horas), no Centro de Estudos Macunaíma.

Organizado pelos alunos de teatro do Centro, este bazar significativamente apelidado de Mercado das Pulgas, foi concebido com a intenção de levantar fundos para a construção de um teatro, em terreno anexo à escola. Os preços dos artigos variam de Cr\$ 2,00 a Cr\$ 200,00.

Outros artigos à venda: Enciclopédia Barsa, um fac-símile da primeira edição dos Lusíadas (1572), obra completa e ilustrada de Shakespeare (edição de 1870), álbum com seis discos da sinfonia Heróica de Beethoven, executada pela Filarmônica de Nova Iorque sob a regência de Bruno Walter, vários discos em 78 r.p.m.

Em matéria de roupas, além do casaco marroquino, camisas italianas usadas, calças, sapatos, bolsas, pulseiras, broches, anéis e até um antigo óculos gatinho. Máquinas fotográficas, móveis, plantas, artesanato em tecido, barro ou madeira. Lá pode-se comprar também gravuras, mas a maioria dos artigos, revela um toque

Kitsch inconfundível. Os objetos à venda foram doados por alunos e seus amigos.



UTILIDADES



Sugestões para presentear pessoas "difíceis", utilidades para casa e cozinha, que não envolvem gosto pessoal.

- Jogos de ferramentas, importados do Japão. Servem tanto para apertar o parafusinho dos óculos, como para lidar com o carro ou providenciar pequenos consertos domésticos. Custam da esquerda para a direita, 25, 50 e 80 cruzeiros. A venda na Gilda Exclusividades.

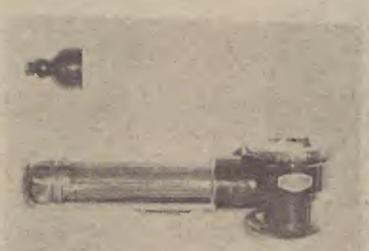
- Aparelho para testar luz elétrica, resistência e fusível (Circuit Tester), dispensando às vezes o serviço de um electricista profissional. Importação japonesa. Custa Cr\$ 20,00 na Gilda Exclusividades.
- Jogos de seis colheres-medida, fabricação Hevea, feitos de plástico. Uteis para medir fermento, manteiga, etc. Na Sears por Cr\$ 6,00.

- Da Porcelana Branca, louça tradicional lisa: Leiteira, Cr\$ 23,00; cafeteira Cr\$ 25,00; açucareiro, Cr\$ 22,00; mantigueira, Cr\$ 8,00; caneca, Cr\$ 7,00

- Bandeja de acrílico para servir refeições na cama, com encaixe para talher, copo e prato. Na Novocar por Cr\$ 85,00

- Descascador de legumes Babantia, Cr\$ 17,00 na Sears.

- Da Gilda Exclusividades, dois tipos de lentes de aumento para leitura e trabalho. Uma vem acompanhada de régua (Cr\$ 56,00) e a outra mais sofisticada, é adaptada a uma lanterna. Útil para leitura no escuro. Custo Cr\$ 98,00. Os dois modelos são de importação japonesa.



OFERTA



Móveis totalmente desmontáveis, da linha Peg-Lev da Mobília Contemporânea, sugestão para os noivos com casamento marcado. Eles vem fechados em caixas de papelão corrugado e por isso são fáceis de estocar. Cada caixa vem com uma chave sextavada, para a montagem. As peças destes móveis são parafusadas.

No momento, a linha Peg-Lev está sendo vendida a preços especiais, daí a vantagem de comprá-los como presente de Natal. Nas fotos, alguns modelos em oferta:

O modelo CP 20 (de 1.000 por 700 cruzeiros), a poltrona da primeira foto ao alto, é feita de pau-ferro do Mato Grosso. As estruturas são maciças e tem acabamento em poliuretano. Nas poltronas como esta e a da última foto à direita, pode-se pedir assentos e encosto em couro natural, ou vinil.

A poltrona de balanço, modelo CR 20, que custava 1.160 passou a ser vendida por 781 cruzeiros. Tanto o encosto como o assento podem ser de tecido. Suas medidas são 63X72X75. A madeira é o pau-ferro.

Com pequenas diferenças da primeira poltrona (CP 20), outra em oferta, a CB 20, é ligeiramente menor e mais alta. De 862 por 603 cruzeiros.



Da mesma linha desmontável, conjunto de jantar, uma mesa e quatro cadeiras - por 2.679 cruzeiros. A mesa (MJ 20) mede 140X84X73. O tampo tem duas faces, uma branca outra azul. O preço da mesa que pode ser adquirida como peça avulsa é 781 cruzeiros. Cada cadeira, com estofamento de couro natural, custa 475 cruzeiros. Medem 49X47X77; o modelo é o C20, com frente e laterais sem braços iguais às das poltronas. O encosto porém, é menor; uma faixa de trinta de altura, para apoio das costas.

Na compra de qualquer destes móveis, você recebe um folheto, com instruções para a montagem.

Entretanto, na mesma loja, é possível comprar outros móveis, lançamentos mais recentes. Sofá de dois lugares (não está em oferta) revestido de brim azul na estrutura, e xadrez nas almofadas que fazem de encosto e assento. Custa 1.359 cruzeiros.



ENDEREÇOS

Erika Bijoux - Veiga Filho, 766 (Santa Cecília)
 Kitsch Baazar - Haddock Lobo, 1396
 Elle - Augusta 2122 e 2506 e Shopping Iguatemi lj. 13 e 38
 Centro de Estudos Macunaíma - Lopes Chaves, 546 (Barra Funda)
 Entre Outras Coisas - Cardoso de Almeida, 1490
 Gilda Exclusividades - Augusta, 2183
 Sears Paraiso - Treze de Maio
 Porcelana Branca - Coriolo, 969 (Lapa)
 Mobília Contemporânea - Av. Dr. Vieira de Carvalho, 191
 Novocar - Augusta 1918

CATÁLOGO

Uma coluna para recortar e guardar, com telefones sempre úteis. De pronto-socorro (para problemas dentários ou do coração) a informações sobre viagens, não esquecendo os serviços de emergência.

SAÚDE

• DENTES

256-3104

Pronto Socorro Dentário Augusta — Atendimento 24 horas por dia de problemas dentários. A consulta custa Cr\$ 250,00 para qualquer emergência. (Rua Augusta, 878).

• FARMÁCIA

221-2204

Farmácia e Drogaria Arouche — Medicamentos, perfumarias e cosméticos durante 24 horas por dia. Aplicações de injeções a domicílio: Cr\$ 15,00 para quem mora perto. Distância maior, a combinar. (R. Jaguari-be, 11)

EMERGÊNCIA

• JUIZADO

34-4116

Juizado de Menores — Informações sobre crianças desaparecidas. Tudo que se refira a menores de idade: por exemplo, como fazer para que uma criança possa viajar de ônibus ou de avião desacompanhada.

• RÁDIO PATRULHA

227-3333

O número do telefone da **Rádio Patrulha** (24 horas por dia) pode ser utilizado não só para problemas policiais, mas também para qualquer tipo de socorro urgente, como acidentes ou remoção de doentes.

VIAGENS

• TÁXI AÉREO

61-8977

Líder — Telefone à disposição 24h por dia para fretar um avião para qualquer ponto do Brasil. Lembre-se, porém, do horário de Congonhas. Jato para o Rio (leva 6 pessoas em 25 minutos): Cr\$ 12.150,00.

• TREM

227-2228

Estação da Luz — Telefone para informações sobre horários e preços dos trens que servem S. Paulo. Cada guichê tem um horário determinado de funcionamento. Mas não são feitas reservas por telefone.

CUCA

• PAP

240-0606

Pronto Atendimento Psiquiátrico — Serviço do Instituto de Psiquiatria Comunitária. Psiquiatras de plantão indicam a melhor solução para cada caso. Se necessário, providenciam a internação do paciente.

• CVV

33-2050

Centro de Valorização da Vida — Basicamente socorre as pessoas em momentos de crise emocional. Atendimento 24 horas por dia, com funcionários aptos a impedir, pelo telefone, suicídios de pessoas desesperadas.

• PORTA ABERTA

35-1511

Um serviço mantido pelos monges franciscanos. Funciona 24 horas por dia orientando e encaminhando de pessoas em estado de depressão; também informações para quem procura emprego ou qualquer tipo de ajuda.

Um roteiro de esquinas e vitrinas: o paulista nunca fica sem rosas. Vermelhas, de preferência.

Quando seu carro pára no sinal vermelho, oferecidas a preços mais baixos; no tradicional Mercado de Flores do Largo do Arouche; na sofisticada Rinaldi, na Praça da República; ou em outro Mercado, junto ao Cemitério do Araçá. Por toda a cidade, volta e meia você dá de encontro com flores. Afinal, São Paulo também é uma cidade muito florida. E com uma característica: não importa quem seja o vendedor, a preferência do paulista é sempre pelas rosas vermelhas.

— Eu trabalho numa indústria das 6 da manhã às 2 da tarde. Aqui, vou numa floricultura da Consolação e pego as flores que o japonês deixou para mim. Ele tem uma plantação em Atibaia. Geralmente, levo 10 pacotes de 5 dúzias cada um e pago Cr\$ 50,00 por pacote.

Maços de rosas na mão, oferecendo as flores para os carros que param no sinal, o



Flores: das chácaras...

rapaz, de 24 anos, está perto do Pacaembu e não quer dizer o nome. São quase 11 da noite e sua mulher, que veio buscá-lo, acaba ajudando nas vendas. "Mas ela não tem jeito para o negócio. Olha, isso aqui, pra mim, é bico. Tanto que só venho dia sim, dia não".

A Floricultura Rinaldi, na Praça da República, tem produção própria. O gerente conta: "As flores mais procuradas são as rosas e as orquídeas. Uma dúzia de rosas ou uma orquídea, em preços aproximados, podem custar entre Cr\$ 15,00 e Cr\$ 40,00, dependendo da qualidade. As pessoas compram porque são flores mais finas, mais raras. A rosa é uma flor já tradicional; normalmente, os fregueses preferem os botões vermelhos". A Rinaldi funciona há 50 anos e, atualmente, vende, em média, 250 dúzias de rosas por dia.

Armando Alves tem uma banca no mercado de flores do Largo do Arouche desde 1952. Calcula que vende cerca de 90 dúzias de rosas por dia, principalmente vermelhas. Suas flores vem diretamente das chácaras. "Durante a noite, o movimento é regular e nos fins de semana também. Mas o lucro dá, senão já tinha fechado". Ele diz que quem compra mais é a classe média, onde se destacam as mulheres que, na maioria das vezes, levam as flores para oferecer.

— A rosa vermelha e o cravo são as flores mais procuradas.

Quem afirma isso é Mozart Alves Lopes, que toma conta de uma banca no Mercado de Flores do Araçá. "O nosso preço é mais ou menos igual ao das floriculturas, de Cr\$ 8,00 a Cr\$ 15,00 a dúzia. A gente compra muito no Ceasa, mas, às vezes, os chacareiros também trazem de Atibaia, Jacareí, Guararema, Taubaté, Cotia ou Itapevi". Ele diz que vende umas 80 dúzias de rosas por dia e é contra os meninos que vendem flores nas esquinas. "Fazem preços baratos demais e estragam a concorrência".

(Lá no Pacaembu, o rapaz que vende rosas na esquina havia dito: "O que atrapalha muito é o pessoal da Prefeitura, que baixa sempre, devido à sujeira. Serviço deles. Afinal, o que a gente faz é como contrabando. Mas a Polícia não dá em cima, não".)



...para as ruas da cidade.

OS TRUQUES

O carro quebrou de madrugada?

Dois endereços para você guardar no porta-luvas: duas oficinas que nunca fecham, no centro. Basicamente, são auto-elétricos. Mas também podem resolver problemas mecânicos de última-hora.

AUTO-ELETRICO FIO DE OURO — (Av. Consolação, 930) — Aberto dia e noite. Tem mecânicos especializados e repõe qualquer tipo de peça. Baterias

novas: Cr\$ Cr\$ 500,00 e Cr\$ 550,00. Consertos de pneu: Cr\$ 10,00. Serviço de socorro ininterrupto, pelo telefone 257-4074. Chama-da, Cr\$ 40,00.

KIS KAR AUTO-ELETRICO — Funciona 24 horas por dia, com borracheiro. Está equipado para atendimento de mecânica rápida e possui peças para reposição. Baterias novas (de Cr\$ 380,00 a Cr\$ 480,00) e recondicionadas (Cr\$ 250,00). Conserto de pneu (1 furo): Cr\$ 10,00.

Dia de festa? Alugue o rigor.

Mesmo em tempos de crise, sua elegância não merece ser sacrificada. E, quando chega o convite de última hora e não há tempo para a costureira (ou o alfaiate) garantirem seu rigor? É só alugar:

BOTTEGA D'ARTE — (Alameda Jaú, 588. Fone: 287-6593) — Vestidos de festa criados por Bruna Lombardi. Modelos exclusivos.

Os táxis que vendem livros

Há um novo serviço nos táxis da cidade. É uma novidade iniciada este mês, pela "Top-Livros", que bolou uma maneira diferente de vender livros: dentro dos táxis que passam pelas ruas da cidade. Já estão circulando em São Paulo 50 táxis, todos Volkswagen, levando em seu interior uma estante onde está exposta uma pequena coleção de livros, especializada nos títulos que são os best-sellers do momento. Assim, aproveitando o tempo que você gasta dentro de um táxi para ir de um lugar a outro, você pode comprar, pelo mesmo preço das livrarias, livros como "Tubarão", de Peter Benchley, "Cai O Pano", de Agatha Christie, ou "Teje Preso", de Chico Anísio.

Se você tiver o azar de topar com um grande congestionamento de trânsito pela frente, e a viagem de táxi começar a durar muito mais que o previsto, nada como começar a ler o livro de Agatha Christie. Um bom mistério do detetive Hercule Poirot sempre faz o tempo passar mais depressa.

Mas, se você não localizar um dos 50 táxis que vendem os livros da "Top-Livros", utilize o serviço de venda domiciliar: são 50 vendedoras, todas uniformizadas, com um **tailleur** cor de vinho, que já levarão uma pequena coleção de livros, atendendo também pedidos para outros livros. Para chamar as vendedoras da Top-Livros, ligue para o telefone 71-9335.

ALFAIATARIA CAMASSA — (Praça D. José Gaspar, 76; fone: 34-4013) — O padrão de serviço mais alto em aluguel de rigor masculino. Reservas com antecedência. "Smokings", desde Cr\$ 150; jaqueta, desde Cr\$ 400. A gravata prateada do fraque é dada de presente.

CIDADE DE GRAÇA

• TEATRO

Aqui, o roteiro para esta semana das três komsis que vendem ingressos a Cr\$ 10,00 (Cr\$ 5,00 para o teatro infantil) da "Campanha de Popularização do Teatro".

Os ingressos são para todas as peças atualmente em cartaz na cidade, e devem ser comprados com uma semana de antecedência. Dia 11, em frente ao Clube Tietê, na Ponté Pequena; dia 12, na Pça. N. Sra. Aparecida, em Moema; dia 13, Rua Primitiva Vianco, em Osasco; dia 14, Ipiranga, em frente ao Museu; dia 15, Praça André Miguel, na Móoca; dia 16, Rua Gabriel Piza, em Santana; dia 17, Pça. Teresa Cristina, em Guarulhos.

• MUSEU

Aprenda em que dia os três mais importantes museus de São Paulo não cobram ingresso. O **MUSEU PAULISTA** (parque da Independência, no Ipiranga) reúne um interessante acervo relacionado com a História do Brasil; funciona de terça a domingo, das 12 às 17h; custa Cr\$ 2,00 e é grátis em todo segundo domingo de cada mês. O **MUSEU DE ARTE SACRA** (Av. Tiradentes, 676) é uma das mais significativas coleções de arte religiosa do país, com peças brasileiras e portuguesas; diariamente, das 13 às 17h; custa Cr\$ 2,00 e é grátis em toda quarta-feira. O **MASP** (Av. Paulista, 1578) orgulha-se de suas obras de mestres do impressionismo;

• LIVRO



A **Biblioteca Mário de Andrade** (R. da Consolação, 94) possui 850 mil obras e funciona das 8 às 24h, inclusive domingos e feriados. A **Biblioteca do Tatuapé** (Av. Celso Garcia, 4200), com 19 mil obras, e a **Biblioteca do Ipiranga** (R. Cisplatina, 505), com 16.200 obras, abrem de segunda a sexta das 8 às 22h e aos sábados e domingos das 9 às 18h. A **Biblioteca da Moóca** (R. Bresser, 2557) tem 16.800 obras e funciona de segunda à sexta das 8 às 21h.

• BICICLETA

O paulista aprendeu uma nova moda: a da bicicleta. Meio de transporte característico de cidades como Amsterdã (ou mesmo das regiões de colonização alemã ao Sul do Brasil), a bicicleta voltou a ser revalorizada com o aumento dos preços da gasolina.

Agora, em São Paulo, um lugar reservado exclusivamente ao saudável esporte do ciclismo, que não deixa de ser uma divertida maneira de manter a forma física. Preste atenção ao horário de funcionamento (das 8 da manhã às 14 horas) e leve sua bicicleta para a pista recentemente inaugurada no Parque Ibirapuera: são cinco quilômetros reservados exclusivamente aos ciclistas da cidade.

FUGA DAROTINA

Um passeio pelas mansões da Paulista

Este é um roteiro para você realmente fugir da rotina. Mas sem sair da Avenida Paulista — essa que é uma das avenidas mais rotineiras da cidade. Se você trabalha na própria Paulista (ou adjacências), aproveite, por exemplo, seu intervalo para almoço.

Nas décadas de 30 e 40, a Avenida Paulista era um autêntico marco arquitetônico da cidade. As grandes fortunas da época, tanto as famílias dos barões do café, quanto as dos primeiros grandes industriais da cidade, faziam questão de utilizar a Paulista como cenário de suas mansões.

Hoje em dia, infelizmente, muito pouco sobrou desse importante passado arquitetônico da cidade. Em seu lugar, surgiram os espigões de vidro e concreto — enfim, a arquitetura de uma outra época. Mas aproveite um tempo que você tiver livre e faça este roteiro arquitetônico da Paulista, com escalas nas mansões "sobreviventes". Uma das mais interessantes é a que está na esquina da Paulista com Joaquim Eugênio de Lima: no mais autêntico estilo mourisco, ela lembra os palácios árabes que Hollywood mandava construir quando queria filmar histórias baseadas nas 1.001 noites. Toda branca, com um jardim de palmeiras e coqueiros, com detalhes tipicamente árabes em suas colunas, seus minaretes em miniatura, suas arcadas.

Na esquina da Paulista com a Campinas, infelizmente, você não encontrará mais a casa que pertenceu ao escritor Sérgio Milliet. Não verá, portanto, a torrinha, acima dos telhados, onde Milliet gostava de se isolar para escrever. Mas, se a casa foi derrubada, o jardim ainda continua. Jardim que é, na verdade, uma autêntica mata. Quando a Avenida Paulista foi aberta, a região tinha como vegetação característica a "Mata do Caaguçu" ("mato grande", em tupi-guarani). Para você ter uma idéia do que era essa vegetação original da Paulista, sobram dois locais: o Parque Siqueira Campos (também conhecido como Jardim do Triângulo), em frente ao MASP, e esse antigo jardim da casa de Milliet. Ao lado do jardim, de Milliet, aliás, você encontrará uma outra casa, recentemente pintada de amarelo-claro, uma cor que realça admiravelmente bem seu estilo "fin de siècle". Térrea, e ao lado da mata de grandes árvores, a casa parece um pequeno pavilhão vindo diretamente do "Bois de Boulogne", o famoso bosque nos arredores de Paris.

Na esquina da Paulista com a Pamplona, finalmente, a mais famosa das mansões da Paulista: a "villa" do Conde Francisco Matarazzo, toda revestida de mármore travertino, numa versão 1940 das antigas vilas da renascença italiana.

Esse, enfim, é um pequeno roteiro do passado arquitetônico da Paulista. E, se ainda sobrar tempo, aproveite para um "mergulho" no refrescante verde do Parque Siqueira Campos. Nada como um passeio pelas suas alamedas para fugir, por alguns minutos que seja, do tráfego e da poluição da cidade.



O catador de chiclete



WALTER NEGRÃO.

Na hora que aquele par de pernas parou a um palmo do seu nariz, Zé da Goma quase não teve coragem de erguer os olhos. O perfume que descia da mulher toda lhe bastava. Por um instante, sentiu que a dona do par de pernas não tirava os olhos da sua nuca. Então arriscou uma virada de cabeça, arriscou um olho. Ela sorriu com aquele bando de dentes brancos.

- Boa tarde.

O negócio era com ele mesmo. Há dois anos estava naquele serviço enjoado naquela profissão que ninguém sabia que existia. Durante os dois anos em que ficou de espinha curvada arrancando chiclete mascado do chão da rodoviária nunca um passageiro tinha falado com ele. Agora vinha aquele par de pernas, aquela mulher cheirosa, cheia de dentes na boca dizer boa tar-

de. Zé da Goma vacilou. Olhou em volta. Pensou que podia ser brincadeira de algum amigo, mas lembrou logo que não tinha nenhum amigo.

- Boa tarde.

Ela insistia. Mais pertinho. O perfume de flor fazendo Zé da Goma esquecer onde estava, tanta gente indo e vindo de mala na mão, procurando guichê de passagem, plataforma de embarque, mitório público. Resolveu responder:

- Boa tarde. A senhora tá procurando o banheiro? É do outro lado.

- Não, não. Queria falar com o senhor. Toma um chá comigo?

- Eu não tô doente, não senhora.

- Desculpe, eu devia ter oferecido

outra coisa. Um drink, que tal? Um uísque, quem sabe? Mas se preferir um lanche...

O estômago do Zé da Goma roncou de fome justo na hora que ele ia dizer "não tô com fome". Claro, acostuma-

do com bóia fria de marmita, de repente a barriga dele escuta falar em uísque, lanche, só tinha mesmo é que roncar de satisfação. A dona do par de pernas, a perfumada, a campeã panamericana de dentes na boca percebeu e jogou um sorriso ainda maior.

- O senhor vem comigo?

- Eu tô de serviço, sim senhora. Largo só dez da noite.

- Eu lhe pago o dia. Em dôbro. É só me acompanhar até em casa.

Dessa vez Zé da Goma esfregou os olhos. Virou para tudo quanto é lado, para verificar se estava ali mesmo, se era ele mesmo catando goma mascada no chão da rodoviária. Ganhar o preço do dia de serviço dobrado já era coisa que lhe agradava. E ganhar pra ir na casa da dona de um par de pernas como aquelas, era coisa que fazia o sangue correr da cabeça para o pé e do pé pra cabeça a mil por hora. Mas como bom mineiro que tinha vindo tentar a vida em São Paulo, Zé da Goma ainda desconfiou:

- A senhora quer que eu carregue alguma mala? Tem carregador aí.

- Creio que o senhor ainda não me entendeu. Só quero que me acompanhe até em casa. Garanto que não vai se arrepender.

Não dava mais pra recusar. Apesar da desconfiança, ele correu os olhos de alto a baixo. Se ela tinha as pernas certinhas, os dentes cada um no seu lugar, tinha também uma cintura muito fina, uns bicos de seios apontando pra cara dele por debaixo daquele vestido de pouco pano. Vagabunda não era. Vagabunda Zé da Goma conhecia muito bem, de tanto ver as que se ofereciam ali na Aurora, Santa Efigênia, Timbiras e Duque de Caxias toda noite, quando ele deixava o serviço na rodoviária e caminhava a pé pra tomar o ônibus no Largo Paissandú.

- O senhor vem comigo?

Zé da Goma foi. No carro, com chofer e tudo, ela cheirava muito e falava pouco. E ele, mais confiante, (lembrando uma vez que leu no jornal a história duma madame que gostava de ir pra

cama com mendigos) foi falando, contando tudo. Contou até que veio de Caratinga e gostava de desenhar. Que depois de procurar muito só arranhou aquele desgraçado daquele serviço: pegava ao meio-dia e ia até dez da noite, com a espinha dobrada, arrancando chiclete mascado do chão da rodoviária com um ferrinho e juntando numa bola que crescia na outra mão. As dez largava o serviço e vinha o pessoal da limpeza com as máquinas de escovão. Prás máquinas não emperrarem no meio da limpeza é que ele tinha que arrancar cada bolinha de chiclete mascado do chão.

O carro parou na frente de um prédio de jardim e piscina lá pros lados da Avenida Paulista. A madame mandou o chofer esperar ali embaixo e pediu que Zé da Goma subisse com ela. Ele nunca tinha visto uma casa daquelas. Ouviu falar de apartamento uma vez, mas não pensou que faziam daquele tamanho. Ainda estava de boca aberta quando ela disse:

- O banheiro é ali. O senhor toma um banho e me espera no quarto.

Era mais do que ele podia imaginar. Não conversou. Aproveitou o quanto pôde aquela água quentinha, aquele sabonete cheiroso, aquela toalha peluda. Na hora de sair do banheiro, uma indecisão passou pela cabeça de Zé da Goma. Olhou sua roupa de trabalhador jogada no chão e não teve coragem de vestir de novo. Suja daquele jeito ia estragar o banho. E se ela mandou esperar no quarto podia muito bem adiantar o expediente indo pelado para lá. Foi o que fez. Mas ao entrar no quarto, tomou um susto: a dona do par de pernas, dos dentes perfeitos, dos bicos de seios que apontavam para frente, estava ali à sua espera segurando a mão de um menino muito magro e abatido. Zé da Goma ainda tentou esconder com as mãos suas partes à mostra, enquanto a madame dizia pro menino:

- Está vendo, meu filho? Se você não se alimentar direito vai acabar magro e doente como esse coitado aí.

Os cartões da personalidade

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.

As galerias do Center Três, na hora do almoço, têm a animação de um footing do interior, em outros tempos. Casais namorando, gente sentada solitariamente nos bancos, garotos olhando as meninas, gente vendo vitrines, pessoas comprando, homens lendo jornal, gente tomando café, comprando balas, fazendo rodinhas. Caras tristes e alegres, rostos inexpressivos, moldados por aquela máscara que São Paulo deixa de nem estou gostando, nem desgostando, mas se afaste de mim por favor, ao mesmo tempo que é se aproxime de mim, me sinto só. Os restaurantes e lanchonetes estão cheios, pessoas comendo apressadas, massas fumegando em plena tarde calorosa, cafés expressos correndo em bandejas e a música que vem das lojas Eletroradiobraz ecoando, violenta, pelos corredores revestidos de mármore, ou granito imitando mármore.

Milton acabou de comer um hambúrguer, misturado a ketchup e mostarda, para dar algum sabor. Não toma café com os companheiros, não toma nunca, desconfia de café, tem medo de úlceras, vive preocupado com o emprego, com a corda bamba em que está pendurado. Agora, fim de ano, falam em demissões, cortes para compensar os aumentos. Há dez anos, o clima é o mesmo no final do ano, ele ainda não se acostumou, não vai se acostumar nunca. Está com 42 anos, tem medo da idade e da impossibilidade de novos empregos. Ultimamente, anda confuso, brigou com a namorada, afasta-se dos amigos. Andando sem rumo, naquele sobe e desce de rampas circulares que é o Center Três, ele bate os olhos numa

aglomeração. Não resiste a um amontoado de gente. Quer saber o que houve. No meio do povo, um balcão branco, de fórmica. Dentro do balcão, dois funcionários e uma maquininha. As pessoas junto ao balcão escrevem em papezinhos brancos. Um letreiro: **O computador analisa sua personalidade através de sua escrita. Apenas 10 cruzeiros.**

Milton sempre teve curiosidade a respeito dele mesmo, de suas confusões, indecisões, de seu jeito fechado de ser, sua impenetrabilidade. Quantas namoradas não perdeu por causa disto? Por esta intransponibilidade. Quem sabe o computador pudesse ajudar a analisar e a deixá-lo em menor confusão. Sacou a caneta, largou os dez cruzeiros, preencheu o papelzinho. Só era preciso escrever. **Eu gosto do Center 3, com 3 em número no final. Ficou à espera. O computador corria ligeiro, selecionando cartões e mais cartões. Até que sobraram seis e o funcionário entregou. Milton foi para um canto, ler sossegado. O primeiro dizia: "Você forma laços afetivos muito fortes, e tem um charme todo especial" (1039CYB11CMS24062C). O segundo: "Você é uma pessoa econômica e retraída" (1039CYB31CCS24060s). O terceiro: "Seu temperamento habitualmente calmo está sujeito a súbitas explosões" (aqui ele percebeu que não precisava registrar o número, era orientação para o computador). E as outras: "Sua ponderação independente e fria é frequentemente perturbada pela emoção". "Você inicialmente encara os outros com reserva e até mesmo desconfiança". "Você é uma pessoa bondosa, porém por demais voltada para si própria". Podia-se confiar na máquina? Será que ela não esco-**

lhia as fichas ao acaso? Um novo teste serviria para confirmar. Mais dez cruzeiros. Achou que estava gastando vinte numa bobagem, com vinte cruzeiros pegava um bom cinema e um maço de cigarros (a dúvida era sempre Marlboro, More ou Du Maurier, para estar em dia com a moda).

Criou coragem, foi lá. Voltou, com seis novos cartões. Eles diziam: "Sua personalidade é forte, complexa e possui tendências conflitantes". "Sua força de vontade é prejudicada por seu complexo de inferioridade". "Sua sensibilidade foi desenvolvida de modo caótico e inarmônico". "Seu pragmatismo é grande e sua inteligência clara e bastante criativa". "Você reprime suas emoções por um injustificado medo do ridículo". "Você tende a ser uma pessoa autoritária e voluntariosa, de gênio muito difícil".

Milton enfiou os cartões nos bolsos e seguiu para o escritório, ali mesmo no Center Três. Tomou o elevador, o ascensorista disse: "Que desânimo, rapaz!" Ele entrou na sala, sentou-se à mesa e contemplou a cidade através da janela. Lá embaixo, o trânsito estava parado, um troleibus tinha arrebitado o fio, o cabo elétrico saltava na rua, soltando faíscas, o povo olhava, curioso. Completamente confuso, Milton se acercou da janela. Apanhou os cartões e começou a atirá-los, um a um, e ficou vendo os pedaços de sua personalidade voarem, voarem, até chegarem à rua, junto ao fio que saltava, como se fosse vivo.



Jean Perrier HORÓSCOPO

Uma ameaça à detente? Com a conjunção Venus-Urano, pode haver rupturas na política internacional. Ainda nesta semana, há possibilidade de escândalos sentimentais nos meios artísticos, e a oposição Sol-Marte atacará as personalidades importantes. Mas, graças ao sêxtil Mercúrio-Urano, dia 17 a Bolsa deve estar em alta.

CARNEIRO — 21/3 a 20/4



Amor: mesmo sem chegar à louca paixão, você terá dias e noites muito agradáveis nesta semana.
Pessoal: sem medo, você pode se deixar levar pelo seu entusiasmo. Aja.

Saúde: excelente semana vai estimular a sua vitalidade.
Negócios: Você encontra pessoas influentes e sérias, que podem tomar uma parte ativa em todos os seus empreendimentos. Não deixe passar as oportunidades.
Números favoráveis: 6, 8, 11.

TOURO — 21/4 a 20/5



Amor: não tente decepcionar a pessoa amada: ela não espera mais nada de você. Sua vida estaria em perigo.
Pessoal: antes de se zangar, peça explicações.

Saúde: perigo de perturbações nervosas.
Negócios: uma semana interessante. Você poderá realizar projetos já antigos. Seja lógico com seus colegas e pontual em seu trabalho.
Números favoráveis: 8, 14, 18.

GÊMEOS — 21/5 a 21/6



Amor: não tente decepcionar a pessoa amada: ela não espera mais nada de você.
Pessoal: procure seguir os seus impulsos, e não se arrependa.
Saúde: não se esqueça de praticar sua ginástica todas as manhãs.

Negócios: esta será uma boa semana, se você tratar de negócios de exportação e importação. Deixe de lado as associações. No setor profissional defenda seus interesses.
Números favoráveis: 9, 11, 17.

CÂNCER — 22/6 a 22/7



Amor: ótima semana. Compreensão perfeita do amor, de suas violências e caprichos.
Pessoal: cuidado com seus próximos, porque as aparências podem enganar.

Saúde: não abuse de seu fígado frágil.
Negócios: se você for industrial, cuide bem da saída da fabricação. Comerciantes: a concorrência será feroz. Não empreste dinheiro.
Números favoráveis: 5, 6 e 14.

LEÃO — 23/7 a 22/8



Amor: em caso de romance novo, não se iluda. Essa pessoa pensará apenas em brincar com você.
Pessoal: dê o exemplo de coragem e de ânimo.

Saúde: não exija muito de seu coração. Descanse o mais que puder.
Negócios: semana benéfica. Ótimo período para procurar dinheiro. No trabalho, você saberá desmascarar certos colegas. Tudo irá bem.
Números favoráveis: 7, 8, 10.

VIRGEM — 23/8 a 22/9



Amor: aventuras amorosas agradáveis, mas talvez perigosas.
Pessoal: você deve se valer de suas relações importantes para ter benefícios.
Saúde: essa ansiedade vai lhe dar dores de

cabeça.
Negócios: Você deve tomar decisões para acabar com certas hostilidades que estão lhe prejudicando. Um conselho: não deixe seu emprego sem ter conseguido outro.
Números favoráveis: 4, 7, 11.

BALANÇA — 23/9 a 23/10



Amor: das aventuras, o máximo que você pode esperar é que elas sejam breves e sem futuro. Mas deixarão boas lembranças.
Pessoal: aguce seu espírito de observação.

Saúde: vigie sua pressão.
Negócios: os altos comércios serão favorecidos. Mas, se você for industrial, pode esperar dificuldades em encontrar o dinheiro necessário para um negócio novo.
Números favoráveis: 3, 9, 16.

ESCORPIÃO — 24/10 a 21/11



Amor: não ligue para o que os outros dizem porque a sua vida amorosa, tanto sexual como sentimentalmente, será benéfica.
Pessoal: não imite ninguém, seja fiel a você mesma.

Saúde: para o bem de sua saúde, fuja das pessoas ruins e fofoqueiras.
Negócios: satisfações profissionais, talvez uma promoção ou o reconhecimento de seus méritos. Se quiser, pode conseguir empréstimo.
Números favoráveis: 1, 3, 10.

SAGITÁRIO — 22/11 a 21/12



Amor: não despreze os seus dons de sedução.
Pessoal: seja gentil. Você nada conseguirá com agressividade.
Saúde: andar um pouco mais seria exce-

lente para a circulação do seu sangue.
Negócios: todos os negócios imobiliários ou empreendimentos novos serão favorecidos durante esta semana. Não espere, você pode tomar decisões importantes.
Números favoráveis: 2, 4, 15.

CAPRICORNIO — 22/12 a 20/1



Amor: acabe com essa mania de ser intrigante. Saiba que o amor exige franqueza antes de tudo.
Pessoal: evite as decisões tomadas por amor à contradição.

Saúde: procure fazer as suas refeições sempre na mesma hora.
Negócios: Grandes decepções. Nessa semana não chegará o dinheiro esperado. Se você for comerciante, sua clientela será reduzida.
Números favoráveis: 3, 5, 7.

AQUÁRIO — 21/1 a 18/2



Amor: cuidado com esse período, que é propício apenas às aventuras e paixões repentinas.
Pessoal: aprenda as regras elementares da prudência.

Saúde: não despreze os esportes, que lhe farão bem.
Negócios: você deve lutar para que as suas idéias sejam adotadas nos seus empreendimentos. No trabalho, procure ser útil para os seus colegas.
Números favoráveis: 4, 6, 8.

PEIXES — 19/2 a 20/3



Amor: você vencerá a resistência de uma pessoa que quer seduzir, mas respeite os limites da decência.
Pessoal: não procure justificar os seus caprichos de humor.
Saúde: evite os excitantes e procure des-

cansar mais.
Negócios: semana benéfica para procurar um sócio. Se você for chefe, não amole inutilmente seus funcionários. No trabalho, seus esforços serão discretamente recompensados.
Números favoráveis: 7, 9, 13.

LOTERIA ESPORTIVA: UM PALPITE ASTRAL

Jogo 1, coluna 2; jogo 2, coluna 1; jogo 3, coluna 1; jogo 4, coluna 2; jogo 5, coluna 1; jogo 6, coluna 1; jogo 7, coluna 2; jogo 8, coluna 1; jogo 9, coluna 1; jogo 10, coluna 2; jogo 11, coluna 1; jogo 12, coluna 1; jogo 13, coluna 1.
O palpito é simples e pode ser completado com duplos e triplos.

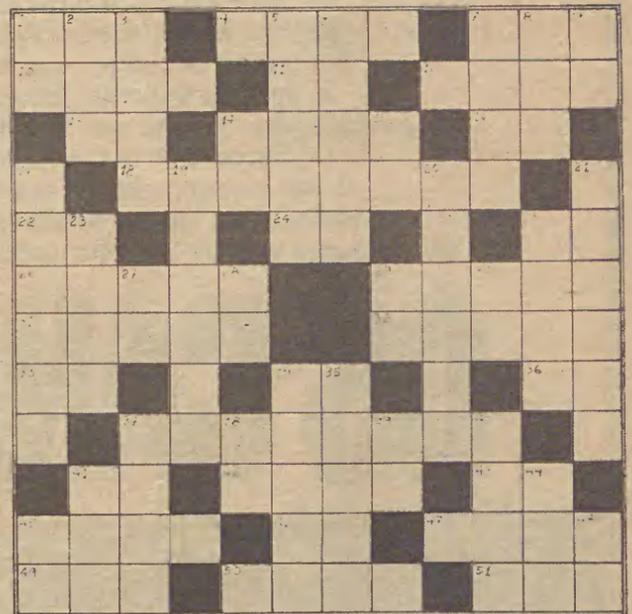
PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:

- Cabeça de gado.
- Indivíduo habilidoso, jeitoso (pop.).
- Tecido fino com que se oculta alguma coisa.
- Com forma de ovo.
- A légua japonesa.
- Sanfona (RS, pop.).
- Sigla de Alagoas.
- Mulher brejeira (pop.).
- Composição da preposição "a" e do artigo "o".
- Investir, atacar de repente.
- Símbolo do actínio.
- Tecido fino como escumilha.
- Interjeição. "Não amole".
- Exprime idéia de pedra.
- Aparvalhado, atoleimado.
- Um dos signos do Zodíaco.
- Cérebro (gíria).
- Chega, basta!
- Nota musical.
- Agência Nacional.
- Voltear, dar voltas.
- Parte de trás de uma embarcação.
- Pez negro.
- Preposição que indica lugar, tempo.
- Nada.
- Gemido de dor.
- Má sorte.
- Piedosa, devota.
- Falado.
- Renque, fileira.

Verticais:

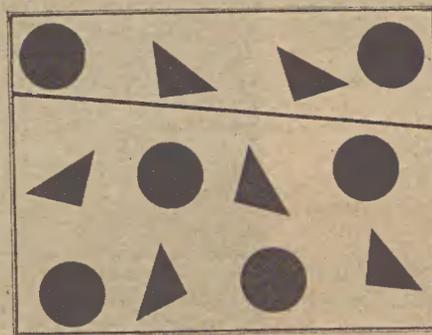
- Letra grega.
- A primeira mulher.
- Parte da casa onde se recebe visitas.
- O mesmo que arenal.
- Intervalo de tempo durante o qual se completa uma sequência de sucessão de fatos.
- Locomover-se no ar.
- Laço, ligação (fig.).
- Interjeição de espanto.
- Abreviatura de manuscrito.
- Antigo Testamento.
- Calçado.
- Calmo, sossegado.
- Angustiado, inquieta.
- Condução gratuita em qualquer veículo (pop.).
- Substância com que as abelhas fabricam os favos.
- Cova.
- Variação do pronome pessoal tu.
- Símbolo do ósmio.
- Amazonas.
- Avó (infantil, pop.).
- Fazer abertura, orifício.
- Mulher que não acredita em Deus.
- Nome de mulher que significa "sincera, leal".
- Abreviatura de.
- A pessoa que fala.
- Série de orações feitas em família ou na igreja.
- Senhor, soberano.
- Doença.
- Zona Postal.
- O deus-sol dos antigos egípcios.



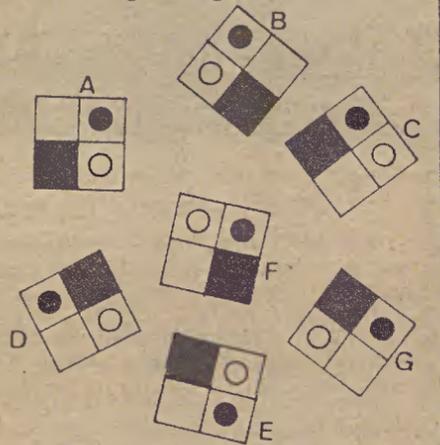
Jogo 1. Partindo do A chegue ao Z indo de letra em letra e seguindo a ordem alfabética correta, A-B-C... etc.

A B D X U V T A P R T
C C D E F J B O U E O
B A U F I L M N O Z T
E I H G H P Q R S T U
O J I M H O I S Z P A
M L J L M N O T I E B
N O Z U T A P U V X Z

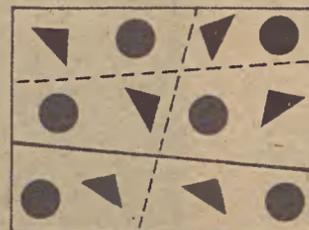
Jogo 2 - Trace mais duas retas para dividir este conjunto em 6 partes, contendo cada uma um triângulo e um círculo.



Jogo 3 - Quais as duas figuras iguais?

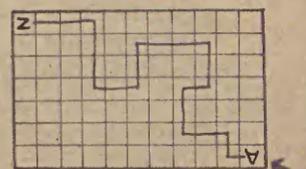


SOLUÇÕES



Jogo 2

Jogo 3 - Resposta: B e E



Jogo 1

PALAVRAS CRUZADAS
HORIZONTALS: RES - TACO - VEU - OVAL - RI - FOLE - AL - MECA - AO - ASSALTAR - AC - LO - VA - PETRO - ALVAR - AIRES - MIOLO - TA - FA - AN - VOLUTEAR - RE - BREU - EM - ZERO - AI - AZAR - PIA - VERTICAIS: RO - EVA - SALA - AREAL - CICLO - VOAR - ELO - UE - MS - AT - SAPATO - SAERENO - AFLITA - CARONA - CERA - VALA - TI - OS - AM - VO - FURAR - ATEIA - VERA - LB - EU - REZA - REI - MAL - ZP - RA

Da safra de policiais travestidos para a TV e para os palcos, Kojak certamente foi o pior de todos — com o agravante de nos haver custado nada menos que 35 mil dólares. Por esse preço, ele cantou músicas mais melosas do que os pirulitos que costuma chupar impunemente.



Comparado com esses canastrões importados em troca de milhares de dólares, Tarciso Meira representa um cachê bem mais em conta — com três vantagens: não canta, não anda atrás de psicopatas e marginais a semana inteira e não é careca. Mas a máquina poderosa é toda favorável ao Kojak.

OS CANASTRÕES DE OURO



Depois de Kojak, sua careca idiota, seu pirulito e suas “kojaquetes”, o Brasil prepara a recepção também festiva e milionária para mais um “bonde” norte-americano, mais uma estrela da série Canastrões de Ouro: Miss Raquel Welch. Miss Welch e seu show, que a TV-Globo exibiu há mais de dois anos, sem provocar suspiros ou empolgações ibopísticas, deverão faturar alguns milhares de dólares, a exemplo das outras atrações importadas que estão sendo trazidas por uma certa Máfia enquistada na Barra da Tijuca, que, além de tudo (ou principalmente), aplica o velho golpe do subfaturamento. Kojak e as “kojaquetes” levaram 35 mil dólares. Antes, a Máfia já empurrara “astros” do tipo Tom Jones, que custou 50 mil dólares, Jackson Five e outros encalhes. E para depois de Raquel Welch já prepara a vinda da velhusca Petula Clark. Isso tudo acontece no período de austeridade econômica do Brasil de hoje.

